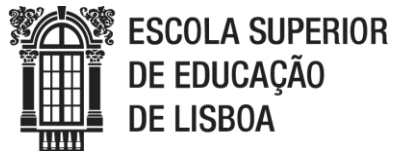


ANEXOS



PORTEFÓLIO INDIVIDUAL DE JARDIM DE INFÂNCIA

Ana Cruz

(Nº 2015148)

Portefólio realizado no âmbito da Prática Profissional Supervisionada (Módulo II)

Orientadora: Manuela Rosa

Mestrado em Educação Pré-Escolar

2016/2017

Índice

INTRODUÇÃO.....	58
CAPÍTULO 1 - CARACTERIZAÇÃO REFLEXIVA DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO	
59	
1.1. Contexto histórico	59
1.2. Caracterização da equipa educativa	60
1.3. Caracterização do grupo de crianças	63
1.4. Caracterização das famílias	64
CAPITULO 2 – AVALIAÇÃO.....	66
2.1. AMBIENTE EDUCATIVO – ESPAÇO FÍSICO	66
2.2. Ambiente Educativo – Rotina diária.....	68
2.3. Avaliação das crianças.....	70
CAPITULO 3 – ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO	72
1. Intenções para a ação.....	72
a. Com as crianças	72
b. Com as famílias	75
c. Com a equipa.....	76
Planificações e Reflexões semanais e diárias	78
Semana de 3 a 7 de Outubro de 2016	79
Semana de 10 a 14 de Outubro de 2016	84
Semana de 17 a 21 de Outubro de 2016	89
Semana de 24 a 28 de Outubro de 2016	94
Semana de 31 de Outubro a 4 de Novembro de 2016.....	100
Semana de 7 a 11 de Novembro de 2016.....	105
Semana de 14 a 18 de Novembro de 2016.....	112
Semana de 21 a 25 de Novembro de 2016.....	121
Semana de 28 de Novembro a 2 de Dezembro de 2016	135
Semana de 5 a 9 de Dezembro de 2016.....	152
Semana de 12 a 16 de Dezembro de 2016.....	163

Semana de 3 a 6 de Janeiro de 2017	171
Semana de 9 a 13 de Janeiro de 2017	175
Semana de 16 a 20 de Janeiro de 2017	180
REFERÊNCIAS	187
ANEXOS.....	189
Anexo A - Data de nascimento, idade das crianças e percurso institucional	190
Anexo B – Situação profissional do Pai e da Mãe	191
Anexo C – Portefólio individual da criança	192
Anexo D – Pintura do painel do mural.....	234
Anexo E – Pesquisa para o projeto das estrelas.....	235
Anexo F – Teatro com a equipa educativa.....	236
Anexo G – Construção do livro das abelhas	237
Anexo H – Trabalho cooperativo: recorte e colagem.....	238
Anexo I – Trabalho cooperativo	239
Anexo J – Leitura de histórias.....	240
Anexo K – Atividade experimental – Mistura de cores	241
Anexo L – Chuva de ideias	243
Anexo M – Atividade de reconto “Era uma vez um cão”	244
Anexo N – Construção da teia do projeto.....	245
Anexo O – Momento de comunicação	246
Anexo P – Momento de comunicação.....	247
Anexo Q – Início da pesquisa e registo de palavras.....	248
Anexo R – Visita de um bebé à sala	250
Anexo S – Construção do gráfico	251
Anexo T – Construção do livro das famílias	252
Anexo U – Análise do gráfico.....	253
Anexo V – Atividade experimental: Porque é que os bebés gostam de estar na barriga da mãe?.....	254
Anexo W – Construção de um bebé em 3D	256

Anexo X – Partilha das histórias do livro das famílias	257
Anexo Y – Construção das perguntas a colocar à mãe.....	258
Anexo Z – Construção do livro do projeto	259
Anexo AA – Vinda da mãe à sala.....	260
Anexo AB – Desenho da ecografia	261
Anexo AC – Construção da história pelas crianças.....	262
Anexo AD – Partilha do Livro do B.....	264
Anexo AE – Leitura da história “Há muitos bebés pelo Mundo.....	265
Anexo AF – Momento de comunicação	266
Anexo AG – Trabalho cooperativo: desafio da linguagem.....	267
Anexo AH – Divulgação do projeto.....	268
Anexo AI – Convite para a comunidade	271
Anexo AJ – Introdução do placar para o registo das construções	272
Anexo AK – Trabalho cooperativo: momentos de brincadeira	273

INTRODUÇÃO

No âmbito da Prática Profissional Supervisionada (PPS) II em Jardim de Infância, realizei diversos trabalhos escritos, tais como, reflexões individuais, que me ajudaram a avaliar a minha intervenção, planificações semanais e diárias entre outros. A junção destes trabalhos resultou na concretização do meu portefólio individual de Jardim de Infância, uma vez que, corroborando a perspectiva de Folque, Bettencourt e Ricardo (2015), é necessariamente importante um trabalho reflexivo por parte do educador, no que respeita ao seu trabalho de maturação pessoal e profissional.

Ao longo da minha intervenção, procurei realizar reflexões semanais, onde refleti sobre temas que me preocupavam ou mereciam maior atenção. Segundo Latorre (2003, citado por Coutinho et al, 2009, p.373), o educador tem que ir recolhendo informação sobre a sua própria ação ou intervenção, no sentido de ver com mais distanciamento os efeitos da sua prática letiva, reduzindo o processo a um sistema de representação que se torne mais fácil de analisar, facilitando, assim, a fase de reflexão. Neste sentido, considerei crucial analisar e refletir sobre a minha prática “de forma rigorosa, de modo a provocar mudanças que beneficiem as crianças” (Fisher, 2004, p.39).

Inicialmente, uma vez que o contexto em que realizei a minha prática é importante, o leitor encontrará uma caracterização do meio, da instituição, da equipa educativa, das famílias e do grupo. Seguidamente, a partir desta caracterização, são apresentadas as intenções definidas por mim como também pela educadora cooperante relativamente ao grupo de crianças, às famílias e à equipa educativa.

De seguida, são encontradas todas as reflexões diárias e semanais elaboradas por mim, como também as planificações das atividades semanais e diárias dinamizadas por mim ao longo da minha PPS. Ainda nas planificações diárias, é também apresentado a avaliação feita por mim com vista a avaliar as crianças, para constatar se existiu um desenvolvimento no grupo e se todas as aprendizagens estipuladas foram adquiridas pelas crianças. Como forma de avaliar e documentar o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança, ao longo da minha prática realizei um portefólio com a intenção de acompanhar o processo da mesma que é possível consultar ao longo deste portefólio.

Por fim, serão apresentados as referências bibliográficas que suportam este portefólio, como todos os anexos referentes a este.

CAPÍTULO 1 - CARACTERIZAÇÃO REFLEXIVA DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

1.1. Contexto histórico

A instituição onde realizo a minha Prática Profissional Supervisionada em Jardim de Infância situa-se no município de Lisboa. Esta é uma Instituição de ensino privado que existe desde 2005, onde abrange a valência de Creche (4 meses aos 3 anos) e de Jardim de Infância (3 aos 6 anos) e conta atualmente com 23 colaboradoras.

Segundo o Regulamento Interno (2013) e a Brochura do Site (2013), a instituição possui na valência de Creche, para além do programa de dia inteiro, um programa de Part Time, para crianças dos 18 aos 36 meses. De acordo com a valência de Jardim de Infância existem três salas, a sala dos 3 anos (PE1), a sala dos 4 anos (PE2) e por fim a sala dos 5/6 anos (PE3). Ambas as salas, têm um rácio inferior às capacidades legalmente permitidas de crianças por sala, isto porque, em conversa informal com a diretora e de acordo com a consulta documental, as crianças nestas idades precisam de muita atenção mais individualizada, e só assim é possível dar a cada criança a atenção que acha que esta necessita.

De acordo com o documento consultado, a instituição pretende ser “uma extensão vital da família, partilhando o carinho e o interesse pela criança e ajudando a construir a base da sua felicidade e sucesso” e “ser os parceiros dos pais que partilham os nossos objetivos, que são exigentes relativamente à educação dos filhos e que desejam participar no seu processo de aprendizagem” (p.5). Para além disto, apresenta como missão oferecer cuidados e educação de infância de elevada qualidade, dando prioridade ao crescimento, ao desenvolvimento equilibrado e global e à felicidade das crianças que lhes são confiadas. (Brochura, 2013, p.5). Em relação ao modelo pedagógico, a instituição não segue um modelo específico, deixando ao critério de cada educadora.

A instituição encontra-se num local com vastas redes de transportes e de serviços, tais como, museus, espaços verdes, locais de lazer e comércio. No que concerne à valência de Jardim de Infância, existe muito a possibilidade de deslocação ao exterior, com a finalidade de conhecerem e explorarem ativamente o mundo e o espaço que os rodeia, pois segundo a Brochura do site (2013) “uma escola de mãos dadas com o meio envolvente é uma escola maior e melhor!” (p.28).

1.2. Caracterização da equipa educativa

Como supramencionado, a equipa educativa é composta por 23 colaboradoras, nomeadamente, 1 diretora, 2 front-office, 1 psicopedagoga, 1 psicóloga educacional, que só está presente na instituição dois dias por semana, 7 educadoras de infância, 11 auxiliares de educação. Cada uma das salas tem a sua própria equipa, formada por uma educadora de infância e por uma auxiliar de educação:

“ambas com a formação adequada às funções que exercem, de forma a que, em conjunto, ajudem as crianças a crescer ao seu próprio ritmo; fomentem a sua autoestima; reforcem a sua autoconfiança; protejam a sua saúde e bem-estar; estimulem o seu crescimento cognitivo; proporcionem experiências de aprendizagem, que vão ao encontro dos seus interesses, e que as preparem para viver a aventura que os anos que se seguem têm para lhes oferecer”. (Brochura do site, 2013, p.5)

Foi possível verificar a existência de um bom ambiente educativo, que advém da boa relação existente entre toda a equipa educativa, uma vez que a maioria já trabalha na instituição há alguns anos.

Com o objetivo de melhor conhecer o funcionamento da instituição, realizei algumas conversas informais com a educadora. Consequentemente tomei conhecimento da existência de reuniões mensais entre todas as educadoras da instituição, inclusive com a diretora. “O trabalho em equipa desenvolve-se em momentos formais e não formais de reflexão conjunta com vista à partilha de ideias, de informação e de experiências e tomadas de decisões sobre o processo de ensino e aprendizagem” (Lino, D., 2013, p.135). Deste modo, nestas reuniões são propostos vários temas e/ou assuntos que possam ser debatidos entre as educadoras e suscitem uma partilha de opiniões, nomeadamente a resolução de situações, com vista a um desempenho ponderado, adequado e a cada momento melhorado. Para além disso, estas partilham as autoavaliações que fazem do seu grupo, como por exemplo, neste momento, como foi feito o período de adaptação das crianças de cada valência. Segundo Post e Hohmann (2011), é importante que os educadores discutam e cheguem a acordo sobre os temas subjacentes a um bom trabalho em conjunto, necessitando de discutir e lidar com as suas preocupações individuais para que as suas interações com as crianças e as suas famílias possam refletir à-vontade em vez de tensões não resolvidas (p.313-314). Os mesmos autores (2011) acrescentam ainda

que “ao discutir estes temas, a equipa de educadores estabelece as bases para um ambiente infantil acolhedor.” (p.314)

Importa referir que a equipa educativa da sala onde o estágio decorre é composta por dois adultos: uma Educadora de Infância e uma Auxiliar de Educação. Através da observação direta, percebi que a relação entre esta equipa é positiva. Especificando, em conversas informais com a educadora e, também, a partir da observação direta, é verificável que esta relação se centra essencialmente no respeito pelo trabalho de cada uma - pelo trabalho em equipa - na confiança, na comunicação, na partilha, na cooperação, no respeito, companheirismo e desempenho. É ainda de referir que apesar de a educadora não planificar juntamente com a ajudante, esta informa-a sempre com antecedência acerca das atividades que vão ser desenvolvidas, ouvindo muitas das vezes as suas sugestões com a finalidade de trabalharem em equipa, pois esta considera que a auxiliar tem uma voz ativa no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, e sendo assim, procura ouvi-la, criando assim um apoio mútuo dentro da sala. Segundo o Projeto Pedagógico de Sala (PPS) (2016/2017) quando a relação entre os elementos da equipa educativa se baseiam nos princípios definidos ao longo do parágrafo, gera-se um ambiente positivo, que permite a transmissão desses valores, tendo em conta que as crianças têm estes adultos como modelos.

Em relação ao percurso profissional da educadora, esta tirou o curso inicial - licenciatura em educação de infância na Escola Superior de Educação de Lisboa. Tem 29 anos e exerce a profissão há 7 anos, apenas em Educação Pré-escolar, estando nesta instituição desde Setembro de 2010 (6 anos). O outro ano realizou um estágio profissional numa escola em Benfica. Para além do curso inicial, esta realiza diversas formações baseadas no modelo curricular Movimento de Escola Moderna, assim como outras relacionadas com as diversas áreas curriculares (matemática, conhecimento do mundo, linguagem, entre outros). No que concerne ao percurso profissional da auxiliar, para além de exercer esta profissão nesta instituição, esta tirou o curso de Animadora Sociocultural / Assistente Familiar na Escola Profissional de Agentes de Serviço e Apoio Social. Tem 35 anos e está nesta instituição desde Outubro de 2006 (10 anos). Tem experiência de oito anos em creche e dois em Jardim de Infância. Para além disto, foi monitora de colónias de férias e em Atividades de Tempos Livres (ATL) durante vários anos.

Outro aspeto importante de referir é o trabalho entre toda a equipa educativa. Através de conversas informais com a educadora e da observação direta realizada por mim, constatei que o intercâmbio com as restantes salas não é imposto pela instituição, no entanto, durante este período já foi possível observar alguns momentos

de partilha entre salas, que surge sobretudo com o intuito de envolver as crianças num maior processo de socialização:

“Durante a manhã de hoje, recebemos na nossa sala as crianças da sala dos Preppers (creche) para nos apresentarem o teatro da história “Era uma vez um cão”. Assim, resolvemos cantar a canção dos bons dias todos juntos, assistir ao teatro e por fim, as crianças fizeram um bolo do cão para podermos todos tomar o snack juntos . . . Para além disto, a sala dos preppers deixou-nos um desafio da história. Entregaram as imagens dos animais que apareciam na história para depois os colocarmos pela ordem correta” (Nota de campo, dia 10 de Novembro, 2016, sala de atividades).

“As 11 horas todas as crianças reuniram-se na Tutor Land para assistir a uma apresentação dos Preppers com a sala dos 5 anos que nos apresentaram a canção da caixinha de lápis. Todas as crianças da instituição levaram um lápis de uma cor, e todos juntos agruparam-se por cores para pintar uma folha, à medida que se cantava a canção” (Nota de campo, dia 10 de Novembro, 2016, Tutor Land).

Para além disto, segundo a Brochura do Site (2013), existe uma sala polivalente onde são desenvolvidos projetos comuns, como o “Sharing” – momento de partilha dinamizados pela própria equipa ou por sala, como é um espaço onde acontecem encontros e reuniões entre várias salas para partilha de histórias, dramatizações ou comunicações de um trabalho realizado e sempre que seja necessário mais espaço do que o existente em qualquer uma das salas.

Ao longo da minha intervenção, tenho podido experienciar um espírito coletivo não só na partilha de ideias como também no envolvimento de projetos que decorreram quer pelas exposições expostas nos corredores, o que possibilitou que as crianças e a restante equipa educativa acompanhasse os trabalhos que estavam a ser desenvolvidos, quer também pelas visitas às salas e da troca de trabalhos e saberes entre as educadoras, assim como entre as ajudantes. Este trabalho entre os educadores “favorece a aprendizagem sustentada, onde os educadores . . . mais experientes e competentes apoiam os menos experientes. Assim, ao participar na zona de desenvolvimento potencial, os educadores. . . aprendem no âmbito do

interpsicológico o que necessitam para agir de forma autónoma . . . , o que promove o seu desenvolvimento profissional” (Lino, D., 2013, p.136).

“Hoje o Sharing foi realizado por duas auxiliares que apresentaram um teatro sobre a Alegria” (Nota de campo, dia 14 de Outubro, 2016, Tutor Land).

“De seguida, eu e a educadora realizamos o Sharing de hoje – fizemos o teatro da história “A Lagartinha muito Comilona” (Nota de campo, dia 21 de Outubro, 2016, Tutor Land).

“Quando regressamos a nossa sala, a educadora e as crianças de uma das salas do berçário vieram falar-nos sobre as abelhas, uma vez que estávamos a elaborar um projeto acerca deste tema. A educadora partilhou uma história com o grupo e mostrou-lhes um verdadeiro zangão que ela tinha apanhado” (Nota de campo, dia 14 de Outubro, 2016, sala de atividades).

1.3. Caracterização do grupo de crianças

Em conformidade com a análise do PPS (2016/2017), o grupo da sala PE2 é constituído por dezasseis crianças – oito raparigas e oito rapazes – com idades compreendidas entre os três anos e meio de idade e os quatro. Todas as crianças do grupo já frequentavam a escola, treze transitaram da sala dos 3 anos com a mesma educadora, duas crianças vieram da sala dos 4 anos integrando este ano neste grupo, mais uma que veio da sala dos 2 anos diretamente para esta, sem passar pela sala dos 3 anos (cf. Anexo A). A maioria das crianças da sala são de nacionalidade portuguesa à exceção de uma que é de nacionalidade francesa. Para a educadora, o facto de acompanhar a maior parte das crianças nos anos anteriores, permite-lhe ter um conhecimento mais aprofundado de cada criança. Para além da educadora, este acompanhamento também se revela benéfico para as crianças, uma vez que acabam por consolidar melhor as rotinas e o método de trabalho dentro da sala de atividades.

No geral, são crianças muito interessadas e curiosas, apresentam um espírito de interajuda e crítico, exploram todas as Áreas de Aprendizagem Ativa, no entanto, a área da Linguagem e da Matemática são muito apelativas para o grupo, bem como a Área do Faz-de-conta e dos Blocos. Gostam de contar novidades e mostrar

brinquedos e outros objetos que lhes são familiares, assim como debater assuntos de interesse para o grupo:

“O A. é uma das crianças que gosta de trazer várias coisas para mostrar e explorar com os colegas, pois já a semana passada trouxe ouriços para os colegas mexerem, colocando-os na área da natureza para que todos pudessem explorar” (Nota de Campo, dia 3 de Outubro, 2016, sala de atividades).

1.4. Caracterização das famílias

Em conformidade com a caracterização socioeducativa (cf. Anexo B) elaborada aquando do período de observação, constatei que o grupo de crianças está inserido num contexto de classe alta, sendo os casos de classe média reduzidos. No que diz respeito às idades das famílias, posso referir que em média os pais apresentam idades compreendidas entre 37-50 anos. Em relação ao nível de escolaridade das famílias das crianças, não consegui obter dados específicos no entanto, pela análise da situação profissional é possível afirmar que apresentam um grau de escolaridade superior. De acordo com Ferreira (2004), o estatuto social das famílias constrói modos de vida, sistemas de valores e formas de sentir, pensar e agir diferentes que serão mobilizados pelas crianças, nas suas relações e interações com os adultos/crianças (p.74). Destaco ainda que, relativamente às estruturas familiares das crianças, que todas eram famílias nucleares.

Relativamente à participação das famílias, a maioria colabora nas atividades que estão a decorrer em sala. Durante o período de observação, observei a participação destas em trabalhos pedidos pela educadora, uma vez que esta tem como finalidade assegurar a cooperação permanente da família e da comunidade, assim como proporcionar às crianças um ambiente educativo familiar. Para além desta a educadora de 15 em 15 dias tem programado no seu Planeamento Semanal um dia estipulado para a área curricular de Animação Cultural onde também esta é dinamizada pelas famílias:

“Durante a manhã de hoje, recebemos a visita da avó Mimi (dia da animação cultural), que nos veio falar sobre as abelhas – um dos projetos que está a decorrer na sala. A apresentação foi bastante dinâmica, pois para além de a avó nos explicar o que fazem as abelhas e onde estas vivem, esta trouxe-nos também cera e o mel feitos pelas

abelhas para podermos provar todos” (Nota de campo, dia 13 de Outubro, 2016, sala de atividades).

Através da análise do PPS (2016/2017) e em conversas informais com a educadora, percebi que a própria instituição tem como objetivo criar um tipo de relacionamento transparente com os pais, isto porque, esta proximidade tem efeitos muito positivos nas crianças, fazendo-as sentir felizes e seguras na escola. Deste modo é criado frequentemente oportunidades e desafios para o envolvimento dos pais e das famílias, através de ferramentas criadas pela própria instituição a partir das quais se desenvolvem diferentes áreas. Uma das ferramentas é o Projeto das Sextas-feiras Fantásticas/Solidárias onde é promovido situações lúdicas entre as crianças, as famílias e a escola. No domínio da linguagem é desenvolvido com os pais o Projeto dos “Grandes Livros, Grandes Leitores” e a Construção do Diário de Grupo onde estabelece a comunicação entre o que é feito na sala e a família.

Para além deste envolvimento, através da informação consultada do PPS (2016/2017), um dos outros objetivos consiste em conseguir a presença das famílias no atendimento individual, obter a presença das mesmas nas reuniões de pais, para uma partilha formal de conquista, esforços e curiosidades, que de acordo com Rinaldi (1994) (citador por Lino, D, 2013) constituem um importante meio para o desenvolvimento da equipa e, conseqüentemente, para o desenvolvimento profissional de cada educador (p.135). Por último, de modo a dar a conhecer o trabalho a ser desenvolvido em sala e das rotinas diárias dos seus filhos, a instituição criou um “Link” por sala.

CAPITULO 2 – AVALIAÇÃO

2.1. AMBIENTE EDUCATIVO – ESPAÇO FÍSICO

Para existir uma avaliação do ambiente educativo tem de se ter em conta a organização do tempo, do espaço e dos materiais.

No que diz respeito à organização do espaço e dos materiais, foi possível observar que estes são diversos e encontravam-se ao alcance das crianças, para que estas possam, desenvolver variadas brincadeiras, pois a educadora considera que estes auxiliam a grande parte das aprendizagens destas. Da mesma forma, segundo o PPS (2016/2017), são incutidas regras de organização que promovem a autonomia, uma vez que as crianças têm liberdade de escolherem e manipularem os objetos, que deverão arrumar posteriormente (p.13).

Além disso, para que as atividades acontecessem num ambiente calmo e organizado, a sala encontrasse organizada por dez Áreas de Aprendizagem Ativa específicos e bem definidos de forma a encorajar diferentes tipos de atividades, organizados de forma a assegurar a visibilidade dos objetos e materiais existentes neles, bem como a locomoção entre essas áreas, que permitem à criança um desenvolvimento global e que apoiam o desenvolvimento das oito inteligências da teoria de Howard Gardner, o que vai ao encontro da filosofia da instituição (p.13).

É de salientar, que para além desta organização do espaço, a educadora cooperante, utiliza as paredes da sala como expositores permanentes das produções das crianças, onde estas podem encontrar rotativamente os seus desenhos, pinturas e projetos que realizam.

Importa ainda referir que, a organização do espaço foi toda pensada pela educadora, que procurou criar áreas de aprendizagem ativa, mas como espaços funcionais, ou seja, centrar a área do Faz de Conta com os Blocos uma vez que são áreas mais barulhentas, assim como, localizar a área da Linguagem e da Escrita junto com a Biblioteca de modo a dar uma continuidade de aprendizagem, pois ambas funcionam juntas, tal como a área da Matemática e das Ciências. A área da Arte é considerada a área mais espaçosa da sala, pois a educadora defende que deve existir espaço para a partilha entre o grupo. Apesar de as crianças não terem participado na organização do espaço da sala, em conversas informais com a educadora, esta procura sempre ouvi-las e privilegiar as suas opiniões, pois a maior parte das aprendizagens surgem nos momentos de aprendizagem ativa nas áreas, através das interações entre eles, e do trabalho em equipa.

Desta forma, a organização da sala tem por objetivo favorecer a aprendizagem pela ação, ou seja, permitir ao grupo manipular e explorar objetos, resolver problemas e desenvolver relações interpessoais (PPS, 2016/2017, p.12). Assim a sala está dividida em dez Áreas de Aprendizagem Ativa, baseadas nas oito inteligências de Howard Gardner que oferece à criança um vasto leque de oportunidades prática: Área do Faz-de-conta; Área dos blocos; Área do Movimento; Biblioteca; Área da Natureza; Área da Matemática; Área da Arte; Área do Eu; Área da Música e por fim a Área da Linguagem e Escrita;

A **área do Faz-de-conta** é o local que apoia a inteligência Social da criança, uma vez que, promove atividades de exploração de diferentes contextos, permitindo à criança exercitar a sua imaginação. Nesta área é possível encontrar uma cozinha com diversos utensílios, uma mesa e uma cama para bebês. Na **área dos blocos**, as crianças brincam com os carros livremente, desenvolvendo a sua imaginação e a sua inteligência Visual/Espacial. É notório que as crianças já começam a ter preferência pelos brinquedos, especialmente nesta área. Na **área do Movimento**, as crianças desenvolvem a sua inteligência corporal através de atividades que promovam a motricidade. Na **área da biblioteca**, as crianças começam por manusear os livros, a “contar” e a “ler” histórias, muitas das vezes uns aos outros. Esta área é composta por uma estante com vários livros de diferentes tamanhos e categorias e várias almofadas. Esta área desenvolve na criança a inteligência Linguística. Na **Área da Natureza** a criança desenvolve a sua inteligência Naturalista. É possível encontrar vários materiais de manipulação, desde as conchas, troncos, folhas, areia entre outros. Esta área desenvolve atividade do conhecimento do mundo real que envolvem a criança e a motivam a explorá-la. Na **área da Arte** a criança desenvolve a sua inteligência Visual. Nesta área as criança exploram diversos matérias e técnicas de pintura, colagem, desenho, plasticina desenvolvendo a motricidade fina. Na **Área da Matemática** a criança desenvolve a sua inteligência matemática, uma vez que, esta promove atividades de exploração de conceitos matemáticos usando materiais que permitam a contagem, seriação, classificação desde puzzles, formas geométricas, objetos para contar entre outros. A **Área do Eu** proporciona um local onde a criança pode recolher, ver um livro ou simplesmente estar com um amigo a conversar, o que desenvolve na criança a sua inteligência pessoal. Esta é composta por um cubo feito de madeira com várias almofadas la dentro. Esta área encontra-se junto à biblioteca. Na **Área da Música** a criança tem acesso a vários instrumentos musicais, desde rádios, a fitas, desenvolve a inteligência Musical. Por último, na **área da Linguagem e Escrita** a criança desenvolve a sua linguagem linguística promovendo atividades tais como o

reconhecimento de letras, ficheiros de imagens e material de escrita, como auxílio as crianças têm um quadro magnético onde podem desenvolver estas competências.

2.2. Ambiente Educativo – Rotina diária

Relativamente à rotina da sala de aula, a educadora tem como principal objetivo a criação de uma rotina diária consistente que proporciona possibilidades de escolha e de participação ativa, uma vez que concede à criança uma importante noção de previsibilidade, incentivando-a a participar tranquila e seguramente nos diferentes momentos do seu dia-a-dia (PPS, 2016/2017, p.9). De igual modo, a educadora considera que a rotina é essencial para que as crianças se tornem mais confiantes e autónomas, uma vez que lhes é inculcido uma sequência de acontecimentos que as ajudam a organizarem-se consoante os mesmos.

Deste modo a educadora cooperante organizou a rotina diária do grupo da seguinte forma:

Horas	Atividade
8h00/9h30	Acolhimento – Feito na Tutor Land
9h30	Reunião de Grupo Instrumentos de Pilotagem – realização do plano do dia, mapa de presenças e do tempo
10h00	Higiene e Snack da Manhã
10h15	Trabalho de Projeto/Desafios
11h30	Tempo de Investigação Ativa
12h00	Arrumação da sala/Recreio
12h30	Almoço
13h00	Higiene
13h20/15h30	Descanso
15h30	Higiene e Lanche
16h00/17h30	Tempo de Trabalho Comparticipado
17h30/20h00	Recreio/Tempo de Investigação Ativa/Saída

Tabela 1: Rotina diária da sala consultada no PPS (2016/2017)

Para além desta rotina diária, a educadora organiza as atividades numa agenda semanal em que cada dia é trabalhado uma área de desenvolvimento e aprendizagem. A partir desta agenda semanal, a educadora realiza o planeamento semanal que durante a minha prática foi construído juntamente comigo, onde consta

as atividades a concretizar e afixada à porta da sala para dar a conhecer às famílias o trabalho desenvolvido em sala:

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
Reunião de Grupo Desafio de Linguagem Inglês Recreio	Reunião de Grupo Trabalho de Projeto Tempo de Investigação Ativa Recreio	Reunião de Grupo Natação Matemática/Experiência Científica (Quinzenal) Tempo de Investigação Ativa Recreio	Reunião de Grupo Animação Cultural/Horta (quinzenal) Tempo de Investigação Ativa Inglês Recreio	Reunião de Grupo Sexta-Feira Fantástica e Sharing Arte/Culinária (quinzenal) Tempo de Investigação Ativa Recreio
Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
Grandes Livros, Grandes Leitores Expressão Musical	Recreio	Recreio Expressão Motora	Clube de Character	Reunião de Concelho Vida Saudável Arrumar trabalhos

Tabela 2: Agenda Semanal consultada no PPS (2016/2017)

Ainda assim, importa referir que apesar de existir uma sequência, esta é alterada consoante as necessidades e interesses do grupo, numa perspetiva de respeito pelas características de cada criança “porque o tempo é de cada criança . . . [e estas] precisam de tempo para fazerem experiências e explorarem, para brincarem, para experimentarem novas ideias, modificarem as suas realizações e para as aperfeiçoarem” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.27).

A brincadeira no espaço exterior é de extrema importância para esta, pois a seu ver as crianças necessitam de muita atividade física, especialmente este grupo de crianças.

Portugal (2012) aponta para a necessidade de avaliação do ambiente educativo, enquanto elemento promotor de aprendizagens, considerando, nesse processo, a organização do espaço, dos materiais e dos recursos educativos; a diversidade e qualidade dos materiais e recursos educativos; a organização do tempo; as interações do adulto com a criança e entre crianças; o envolvimento parental; as condições de segurança, de acompanhamento e bem-estar das crianças (p.594). No caso da orientadora cooperante, esta não utiliza nenhum instrumento de avaliação do ambiente educativo, a não ser a observação direta. No entanto, existe uma preocupação por parte desta em manter um ambiente educativo caloroso, desafiante e flexível às necessidades e às competências das crianças. De acordo com estas, a educadora altera o ambiente de acordo com o desenvolvimento do grupo, como por exemplo, na seleção de materiais e na organização da rotina, em relação à sua diversidade, flexibilidade e variedade, adequados ao desenvolvimento.

Em suma, o educador ao fomentar a exploração dos materiais e do espaço está a promover a autonomia e a competência de sucesso da criança e do grupo. O modo como os materiais e os equipamentos estão dispostos condicionam muito a forma de aprender destas.

No que concerne à organização do grupo, a educadora cooperante realiza atividades em pequenos e em grandes grupos, consoante o nível de dificuldade das atividades. Na maior parte, a educadora utiliza os momentos em grande grupo para a explicação das atividades, para momentos de partilha de saber e valores e de resolução de problemas, pois esta pretende que as crianças aprendam a viver em grupo, através dos diálogos que estabelecem, a aprender a ouvirem-se uns aos outros e que sejam eles próprios a perceber os seus comportamentos em conjunto. O instrumento utilizado na sala para essa partilha de opiniões é o Diário de Grupo.

O grupo de crianças é homogéneo em relação às idades apesar de ser defendido que a “existência de grupos de crianças de diferentes idades acentua a diversidade e enriquece as interações no grupo, proporcionando múltiplas ocasiões de aprendizagem entre crianças” (Silva et al., 2016, p.24). No entanto, a própria instituição decidiu criar três salas de jardim-de-infância porque as crianças dos 3 aos 6 anos apresentam ritmos diferentes de desenvolvimento e aprendizagem.

2.3. Avaliação das crianças

De acordo com a análise do PPS (2016/2017) de acordo com as características de desenvolvimento, o grupo de crianças apresenta um desenvolvimento adequado à idade. A nível motor demonstram já ter adquirido algumas competências esperadas

para a faixa etária, apresentando uma boa coordenação motora. Nestas idades “as crianças tornam-se mais fortes e mais ágeis e seu equilíbrio melhora. Elas correm mais depressa, atiram bolas mais longe e têm maior probabilidade de pegá-las, e pulam mais longe e mais alto do que faziam quando eram menores” (Cole & Cole, 2004, p.493)

A partir da análise do PPS (2016/2017) e através da observação direta, concluí também que o grupo é bastante sociável, pois os novos membros foram bem integrados no grupo, comunicativo, bem-disposto e autónomo na sua alimentação. A exemplo disso:

“Na hora da refeição . . . foi possível observar que o grupo é bastante autónomo, uma vez que são as próprias crianças que se servem das travessas sozinhas a quantidade que querem tanto a sopa como o condimento. . . No final todas as crianças levantam a sua loiça” (Nota de campo, dia 3 de Outubro, 2016, refeitório).

No entanto, existem aspetos significativos no que diz respeito à linguagem e a capacidade de concentração. Deste modo, duas crianças apresentam dificuldades em relação à linguagem, estando as duas a serem acompanhadas pela terapeuta da fala. Apesar disto, a educadora tem a preocupação de realizar atividades que promovam a linguagem no grupo, especialmente com estas duas crianças. De acordo com a perspetiva de Goldschmied e Jackson (2007) os adultos devem organizar a rotina de forma a possibilitar que escute atentamente as crianças. Em relação à capacidade de concentração, constatei que maioria das crianças já consegue estar concentrada por algum período de tempo em atividades orientadas, no entanto, nos momentos de reunião, apresentam alguma dificuldade em concentrarem-se principalmente quando existem situações de interrupções. Apesar de ser um aspeto significativo a todo o grupo, esta dificuldade é mais notória em duas crianças do grupo, onde uma delas está a ser acompanhada pela psicóloga educacional da instituição.

Concluindo, o grupo é homogéneo em relação às idades. As crianças do grupo são muito curiosas, daí não ter havido dificuldade no surgimento de um projeto e mostram preferência por atividades plásticas, de desenvolvimento motor e da área da faz de conta e que apesar de ainda lhes ser difícil gerir as emoções, já conseguem muitas das vezes gerir situações de conflito através da conversação, necessitando poucas vezes de recorrer aos adultos da sala. Quando existe alguma situação no qual não conseguiram resolver é colocado pelas próprias crianças no Diário de Grupo, onde “assenta o balanço sociomoral da vida semanal do grupo, o que permite, pelo

debate que proporciona, uma clarificação funcional de valores” (Niza, 2013, p.153) para que mais tarde sejam analisados e discutidos por todo o grupo numa Reunião de Concelho.

Para além desta avaliação geral do grupo, realizei um portefólio de avaliação de uma criança, escolhi por mim (Anexo C). Este portefólio tem como objetivo documentar o desenvolvimento e aprendizagem da criança escolhida por mim através da recolha de amostras de trabalhos, registo de observações e reflexões ao longo do tempo.

CAPITULO 3 – ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO

1. Intenções para a ação

No que diz respeito às intenções gerais, apresentarei a primeira, relacionada com os atores da comunidade educativa: estabelecer relações de confiança e proximidade com as crianças, famílias e equipa educativa. De seguida apresento a operacionalização desta intenção geral nos seus diversos aspetos

a. Com as crianças

No trabalho com as crianças, inicialmente, defini um conjunto de duas grandes intenções gerais. A primeira assentou em desenvolver competências sociais e comunicativas, de forma a desenvolver o autocontrolo. Assim, pretendi estabelecer uma relação que ajudasse as crianças a controlar os seus comportamentos, assim como, uma relação onde as crianças fossem capazes de partilhar ideias, desejos e sentimentos com os outros numa perspetiva de cooperação (Portugal, 2012, p. 6). Por fim, pretendi criar um ambiente educativo baseado na segurança, confiança e autoestima. Neste sentido, corroborando a perspetiva de Formosinho e McKinlay (2011), considero que, “as crianças têm o direito de crescer em espaço onde o cuidado e a atenção prestados à dimensão estética constituem um princípio educativo básico. As experiências que as crianças vivem com o espaço devem poder converter-se em experiências estéticas, de prazer e de bem-estar” (p.12), aberto às vivências e interesses das crianças. No seguimento desta ideia, de acordo com Portugal (2012), a organização do espaço deve facilitar aprendizagens, criar desafios, provocar a curiosidade, potenciar autonomia e relações interpessoais positivas, o que vai ao encontro das minhas intenções específicas no trabalho com o grupo de crianças.

Após a apresentação das intenções gerais no trabalho com as crianças, importa referir qual foi o princípio educativo por onde regeu a minha ação, sendo este a aprendizagem pela ação, que vai ao encontro da abordagem High/Scope, em que “as crianças constroem uma compreensão própria do mundo através do envolvimento activo com pessoas, materiais e ideias” (Powell citada por Post e Hohmann, 2011), bem como do Modelo Reggio Emilia, pois como afirma Lino (2013) “tal como Piaget, em Reggio acredita-se que a criança tem um papel ativo na construção do conhecimento do mundo.” (p.115). Neste sentido, “a aprendizagem pela ação é definida como a aprendizagem na qual a criança, através da sua ação sobre os objetos e da sua interação com as pessoas, ideias e acontecimentos, constrói novos entendimentos” (Hohmann & Weikart, 1997, p.22), ou seja, a aprendizagem é uma construção, onde o desenvolvimento é interativo e a inteligência constrói-se na interação com o meio. “Através da aprendizagem pela ação – viver experiências diretas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão – as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo” (Hohmann & Weikart, 1997, p.5).

Concluindo, a aprendizagem pela ação baseia-se numa metodologia de aprendizagem pela descoberta, da resolução de problemas e de investigação, que permite às crianças construírem as suas aprendizagens, dando significado às suas experiências.

Para além da aprendizagem pela ação, defini ainda um conjunto de intenções mais particulares que partiram de uma análise conjunta com a educadora cooperante sobre as intenções que norteiam a minha ação. Esta análise permitiu a priorização daquelas que iam ao encontro das características particulares do grupo de crianças, assim como das intenções delineadas pela educadora cooperante, são elas:

- Respeitar o ritmo e os interesses de cada criança ao longo dos vários momentos da rotina, “independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspetiva de inclusão e de igualdade de oportunidades . . .” (Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI) s.d, s.p). Desta forma, pretendi responder com qualidade aos interesses e às necessidades educativas de cada uma, uma vez que, “à medida que os adultos se tornam capazes de prever as necessidades das crianças e a forma como responderá a diferentes tipos de estímulos, a criança conhece estabilidade emocional, aprende um sentido de segurança e confiança relacionado com o sentimento de que as pessoas e o mundo são previsíveis e oferecem experiências interessantes” (Portugal, 2012, p.9).

- Promover a autonomia como outra das minhas grandes intenções, também com o intuito de dar seguimento às intenções definidas pela educadora cooperante. A meu ver o desenvolvimento da autonomia permite ajudar as crianças a desenvolver uma personalidade, a reconhecer a sua própria imagem, assim como a capacidade de resolver conflitos ao longo da vida. Deste modo, é necessário que as crianças ganhem independência para realizar ações do dia-a-dia, que segundo Bondioli & Mantovani (1998) consideram que esse seja o sentido do conceito de autonomia - a capacidade das crianças tomarem e conduzirem iniciativas próprias para aquilo que diz respeito tanto ao controle do próprio corpo . . . quanto às atividades motoras, cognitivas e lúdicas (p.23).

- Desenvolver questões sociais e democráticas que fazem parte das três grandes finalidades do MEM que se centram “no desenvolvimento pessoal e social de professores e alunos enquanto cidadãos ativos e democráticos, bem como em objetivos mais amplos relativos ao seu desenvolvimento cultural” (Folque, M, 2014, p.51). Partindo destas finalidades, um dos meus princípios é desenvolver estas questões como a partilha, a cooperação e o reconhecimento das diferenças sociais e individuais, ensinando-lhes que apesar de haver diferenças somos todos iguais. A integração da criança em grupos sociais diversos, ajuda muitas vezes a elas aceitarem essas diferenças principalmente se forem grupos homogêneos, “educa-os” a aceitarem as culturas e a respeitá-las, assim como as diferenças entre eles, estando a contribuir para a igualdade de oportunidades, “assim, os centros de educação de infância deverão ser organizados para que a democracia seja simultaneamente um fim e um meio, isto é, esteja presente tanto no âmbito das grandes finalidades educativas como no âmbito de um quotidiano participativo vivido por todos os atores” (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013, p.29).

Ao estar a educar as crianças para o respeito pelos outros e pela natureza que o rodeia, ensino-lhes que temos direitos, mas também temos deveres, uma vez que, segundo Dewey (1939) (citado por Oliveira Formosinho & Formosinho, 2013, p.29), a democracia é mais do que uma forma de governo, é uma forma de viver em comunidade, de experiência comunicativa e partilhada. É um modo de viver sustentado por uma crença profunda nas possibilidades da natureza humana.

- Promover a aprendizagem cooperativa, e que posteriormente foi o tema escolhido para a minha investigação. Segundo Folque (2014) esta implica o envolvimento de um grupo de crianças numa atividade com uma finalidade comum. Através da aprendizagem cooperativa desenvolvida pelo educador “ as crianças começam a ter em conta diferentes pontos de vista e a aceitar que todos contribuem para o grupo com a sua participação individual” (Folque, M, 2014, p.62). Enquanto

futura profissional de educação, pretendi desenvolver este tipo de aprendizagem, uma vez que “a aprendizagem é vista como uma experiência social envolvendo interações significativas entre crianças e adultos. Dado que as crianças aprendem em ritmos diferentes e têm interesses e experiências únicas, possuem maior probabilidade de atingir o seu potencial de crescimento total quando são encorajadas a interagir e a comunicar de forma livre com colegas e adultos (Hohmann & Weikart, 1997, p.20).

Definindo a aprendizagem cooperativa como princípio, pretendo promover a entreajuda, incentivando as crianças mais competentes a ajudar as crianças que são menos qualificadas, a partilha de ideias e respeito pela opinião dos colegas, a resolução de problemas, incentivando-as a utilizar a voz interior para resolverem e pensarem sobre as tarefas difíceis, evitando no meu grupo comportamentos de competitividade.

De forma a facilitar a concretização das minhas intenções pedagógicas, utilizei um fio condutor, o projeto “Porque é que meninos não podem ter bebés?”, onde ao longo da intervenção foi trabalho a área do conhecimento do mundo, assim como outras áreas, a partir do projeto sugerido pelas crianças.

b. Com as famílias

No âmbito da educação de infância, Homem (2002) procurou compreender o modo como emergia e se atualizava a participação dos pais numa instituição. Esta salienta a diversidade de estratégias de participação e a importância, nessa diversidade, da existência de estruturas formais em equilíbrio com estruturas informais, referindo que os pais tendem a multiplicar os contactos com a escola (citado por Sarmiento, T., 2005, p.63) Deste modo, como supramencionada, em relação às intenções definidas no trabalho com as famílias, tal como no trabalho desenvolvido em creche, pretendi criar uma relação de proximidade e confiança com as famílias.

Especificando, tentei estabelecer momentos informais com as famílias, conversando, partilhando ideias e privilegiando o acolhimento de forma calorosa, assim como perante as crianças, uma vez que, este tipo de relação permite que os educadores estimulem e respondam melhor aos interesses e necessidade individuais da criança e da sua família, ajudando a conhecer . . . , os pontos fortes, as características e a forma como se relaciona com os outros, etc. (Parente, s.d, p.6). No entanto, muitas das vezes, estes momentos não foram possíveis de estabelecer com as famílias.

Seguidamente, defini como intenção promover a participação das famílias nos trabalhos e projetos desenvolvidos em sala. Especificando, ao estarem envolvidas em

todo o processo de aprendizagem dos filhos e ao participarem nas atividades de sala, as famílias vão realizar um trabalho em conjunto com a educadora, o que vai ser “um contributo significativo para a imagem e o estatuto profissional das próprias educadoras” (Luísa Homem, 2000, 2002, citada por Sarmento, 2005, p.63). Deste modo, pretendi sempre dar a conhecer quais as minhas intenções e os trabalhos, através da plataforma Link utilizado pela educadora da sala, na exposição permanente no interior desta desses mesmos trabalhos, com o intuito de mostrar às famílias o trabalho executado em sala. Apesar de ter criado folhetos informativos, a educadora cooperante construía comigo emails onde informava sempre as famílias do trabalho que eu estava a realizar, assim como para pedir a participação destes nas atividades a serem desenvolvidas. Para além disso, pretendi ter a participação presencial dos pais no apoio ao projeto implementado por mim, com a vinda de uma mãe à sala no momento de Animação Cultural. Segundo Folque, Bettencourt e Ricardo (2015) o trabalho com a família permite ao educador e auxiliares conhecer o grupo, as singularidades de cada um, as suas vivências e os seus interesses e necessidades. De acordo com os mesmos autores, todos estes momentos, “as conversas informais nos momentos de chegada e saída, os trabalhos expostos na sala, . . . são promotores de conhecimento da mesma criança, por parte de todos os que participam no seu processo de aprendizagem (p.29).

Para além disso, considerei imprescindível - manter o sigilo relativamente às informações sobre a família, (APEI, s.d, s.p) e, por isso, procurei não mencionar determinadas questões relacionadas com as famílias das crianças que não considerei pertinente para fins académicos.

c. Com a equipa

Em relação à equipa educativa, foi minha primeira intenção estabelecer uma relação de proximidade e confiança com a equipa educativa. Esta relação era baseada no diálogo e no respeito por cada elemento que me acompanhou neste processo, seja a equipa da sala como a restante da instituição. Corroborando a perspetiva de Lino (2013) “as interações e as relações entre todos os intervenientes no processo educativo constituem o núcleo central da educação” (p.134). Assim, considerei ainda pertinente, partilhar as minhas ideias e questões de forma a promover momentos de reflexão conjunta. Deste modo, qualquer atividade que realizei não as planifiquei sem o seu consentimento, de forma a estabelecer um “trabalho em equipa, promovendo uma relação de confiança, de cooperação . . .” (APEI, s.d, s.p). É de referir que estes momentos de partilha foram momentos importantes na minha aprendizagem como

educadora, uma vez que, me ajudaram a compreender melhor as minhas dificuldades, revelando-me evoluções ao longo da prática.

Conforme referido por Likert (1967, citado por Hohmann & Weikart, 1997), “para se conseguir atingir um desempenho excepcional é preciso mais do que . . . planificar bem e dar ordens” (p. 129). Deste modo, procurei também, sempre respeitar, sem discriminações todos os membros da minha equipa educativa. No geral, pretendi sempre incluir tanto a educadora cooperante como a ajudante da ação educativa nas atividades propostas por mim, uma vez que, considero que ambas são elementos fulcrais nas aprendizagens das crianças. Exemplificando, ao longo da minha intervenção, algumas das atividades foram realizadas em conjunto com a equipa da sala, como a realização de momentos de Sharing para toda a instituição. Assim, importa salientar que, segundo Hohmann e Weikart (1997), o respeito mútuo liberta os elementos da equipa do medo de serem julgados e criticados e permite-lhes centrarem as suas energias coletivas nas crianças (p.131).

Para além disto, pretendi estabelecer uma relação de partilha e colaboração com a equipa educativa, procurando sempre partilhar as informações, ideias e dificuldades, para que me mais tarde conseguisse refletir acerca da minha prática. É muito importante esta partilha, visto que, “ ao falar sobre, e ao planear para as crianças, cada elemento da equipa tome iniciativa em ser parte desta, quer como líder, quer como participante” (Hohmann & Weikart, 1997, p.131).

Planificações e Reflexões semanais e diárias

Semana de 3 a 7 de Outubro de 2016

Nota de campo – dia 3 de Outubro (segunda-feira)

Quando cheguei à instituição, as crianças já se encontram na sala sentadas em roda com a auxiliar, juntamente com algumas crianças do P1 (sala dos 3 anos). Pelo que foi observado a semana passada é notório, os momentos de partilha entre as diferentes salas, nomeadamente entre a sala P1 e P2 devido à sua proximidade. A meu ver esta proximidade apresenta aspetos positivos, como momentos de partilha, trabalho em parceria e de cumplicidade. No entanto apresenta um ponto negativo sendo este o ruído de uma sala para a outra, quando uma delas está num momento de reflexão ou na hora do conto.

Assim que a educadora entrou na sala, juntou-se às crianças para realizar a reunião da manhã. Nesta reunião, foi introduzido o mapa das presenças e das tarefas correspondente ao mês de Outubro, uma vez que ainda estamos numa fase de adaptação, a educadora referiu que tinham de construir o plano semanal para afixar na sala para que todos comessem a interiorizar melhor a rotina da sala, principalmente, os dias em que têm atividades curriculares (inglês, expressão musical e psicomotricidade). Enquanto a educadora afixava os instrumentos de pilotagem, realizei a hora do conto do livro “Abecedário maluco”. Considero que a atividade correu bem, pois as crianças encontravam-se curiosas e interessadas em ouvir a história. Posto isto, o A. mostrou aos colegas aquilo que tinha trazido de casa - romãs. A educadora pediu para que todas as crianças se fossem sentar nas mesas para as descascarmos para mais tarde comerem ao lanche. O A. é uma das crianças que gosta de trazer várias coisas para mostrar e explorar com os colegas, pois já a semana passada trouxe ouriços para os colegas mexerem, colocando-os na área da natureza para que todos pudessem explorar.

Após a reunião da manhã, as crianças iniciaram a atividade da Extensão da Linguagem. A educadora começou por fazer o registo do fim-de-semana no computador com as crianças. De seguida, esta imprime uma das frases e corta as palavras para que estes fossem construir o puzzle fazendo corresponder as palavras ao texto redigido por eles e por fim ilustrá-lo. Estas duas fases finais da atividade foram realizadas por mim e pela auxiliar da sala. Inicialmente, optámos por cortar palavra a palavra, no entanto à medida que as crianças realizam a atividade observamos que estas tinham alguma dificuldade, principalmente nas palavras mais pequenas como “e”; “a”; como estratégia começamos por cortar mais do que uma palavra juntas, como por exemplo “Eu fui”; “com o”. Existiu a necessidade de adaptarmos a atividade às dificuldades das crianças. No entanto apesar do desafio da

atividade ser difícil as crianças mostraram-se sempre empenhadas e concentradas na realização da tarefa.

Às 11.30 enquanto as crianças estavam a ter Inglês, eu e a educadora fomos para a sala de reuniões construir os planos semanais para o mês de Outubro, onde esta me explicou como se fazia, o que ia deixar planeado para os dias que iria faltar, assim como, incluir-me nas atividades realizadas na sala e aceitar as minhas propostas. Quando o inglês acabou as crianças foram brincar para o recreio, algo que fazem todos os dias.

Na hora da refeição foi possível observar que o grupo é bastante autónomo, uma vez que são as próprias crianças que se servem das travessas sozinhas a quantidade que querem tanto a sopa como o condimento. No entanto, tanto a educadora, como a auxiliar, como eu, auxiliamos as crianças quando estas necessitam como também controla-mos a quantidade de comida que estas se servem. No final de cada refeição, todas as crianças levantam o seu prato e os seus talheres.

Nota de Campo – dia 4 de Outubro (terça-feira)

Durante a reunião da manhã auxiliei as crianças na avaliação do mapa das tarefas e do plano do dia. Posto isto, as crianças concluíram que nem todos tinham terminado o desafio da linguagem. De seguida, orientei as crianças que não tinham terminado o desafio. A F.P ao pintar rasgou a folha e disse-me: *“Ana, não quero desenhar mais, porque está feio”*. Como estratégia sugeri que recortássemos um pedaço de folha branca e colocássemos em cima da parte do desenho que estava rasgada para que ela pudesse fazer de novo. A F.P aceitou a proposta e continuou o seu desenho.

Seguidamente, a educador pediu que as crianças arrumassem a sala e se sentassem em círculo nas estrelas. No entanto, observei que o grupo encontrava-se à muito tempo sentado à espera da educadora e então resolvi ler uma história. A auxiliar ao ouvir a minha proposta de atividade, referiu que hoje era o dia de trabalhar o projeto dos “Grandes livros, grandes leitores”. Este projeto consiste em ler uma história às crianças e seguidamente cada uma leva um dia para casa para as famílias lerem. Depois de passar por todas as crianças pela menos uma vez, em grande grupo, as crianças tentam recontar a história com as educadoras. Por esse mesmo motivo, li a história que pertencia ao projeto.

Quando a educadora chegou, esta chamou uma criança de cada, para que estas escolhessem o projeto em que queriam participar. Posto isto, esta começou por construir a tabela do projeto das abelhas e posteriormente a tabela do projeto das estrelas. Na tabela consistia as questões “o que já sabemos?” “o que queremos

saber?” “onde vamos procurar a informação” “o que queremos fazer”, onde as crianças davam sugestões de atividades a realizar no projeto. Durante este desafio, foi possível constatar que as crianças já estão habituadas a trabalhar esta metodologia. Para além disso, foi possível constatar que estas têm alguma dificuldade em esperar pela sua vez, pois apesar de colocarem o dedo no ar, estas falavam umas por cima das outras, não esperando que a educadora desse a permissão para falar, acabando por não respeitar o colega que estava a falar e não aceitando a sua contribuição para o projeto.

Nota de Campo – dia 5 de Outubro (quarta-feira)

Feriado

Nota de Campo – dia 6 de Outubro (quinta-feira)

Hoje da parte da manhã, as crianças foram até à horta para fazerem uma manutenção - retirar as ervas daninhas e regar as plantações. Após o grupo ter regado, eu e a auxiliar dissemos para eles mexerem na lama, com a intenção de sentirem a terra molhada. Ao observar, tomei nota, no geral o grupo estava envolvido na atividade e bastante entusiasmados, o que muitos deles estavam a fazer construções ou buracos na lama, no entanto, algumas das crianças não queriam explorar a lama, pois não gostavam de se sentirem sujas, pois muitas delas referiram: “*Ana, eu não gosto de fazer isto*”; “*Ana, se eu mexer vai sujar a minha roupa*”. Como estratégia juntei-me a estas crianças e comecei a explorar a lama juntamente com elas, explicando que sentirmo-nos sujas é uma boa sensação. Esta estratégia fez com que as crianças explorassem a lama juntamente comigo o que considero positivo para a construção de uma boa relação com o grupo de crianças. Apesar de a estratégia ter resultado, e ter conseguido com que as crianças explorassem a terra, considero que seja importante desenvolver atividades de exploração sensorial com as crianças.

Nota de campo – dia 7 de Outubro (sexta-feira)

Hoje quando entrei na instituição e dirigi para sala, reparei que todas as crianças, assim como toda a equipa educativa tinham penteados divertidos. Quando as crianças me viram disseram logo que eu não tinha um penteado maluco. Deste modo, fiz um penteado maluco mas perguntei-lhes porque que todos tinham, ao qual as crianças referiram que hoje era dia de “Sexta-feira Fantástica”, em conversa com a auxiliar, esta referiu que todas as sextas é um dia diferente, a semana passada foi a sexta-feira solidária, onde todas as crianças trouxeram toalhetas para dar aos bebés e hoje era dia de sexta-feira fantástica onde todos tinham de trazer um penteado

“Maluco”. Achei pertinente, ter feito o penteado porque é importante que as crianças sintam que para além de eu estar ali a aprender, estou ali também para fazer parte deles e de todas as coisas que os envolvem.

Antes de realizarmos as nossas atividades, todas as crianças dirigiram-se para o Tutor Land porque duas crianças da sala P3 (sala dos 5/6 anos) faziam anos. Desta forma, todas as crianças de todas as valências e respetiva equipa educativa, juntaram-se no tutor Land para cantar os parabéns e comer o bolo.

Quando nos dirigimos para a nossa sala, eu e a auxiliar introduzimos a atividade de hoje – Gelado de frutas e iogurte. Assim, dirigimos para o refeitório para confeccionar o nosso gelado. Todas as crianças participaram, uns colocaram os frutos, outros, o iogurte e os restantes trituraram com a varinha mágica. Antes de iniciarmos a atividade e também por vezes durante a mesma, algumas crianças demonstraram alguns comportamentos de inquietação perturbando o restante grupo e a própria atividade. No entanto, com algumas chamadas de atenção minha e da auxiliar, conseguimos que o grupo tivesse tudo empenhado na atividade. Após termos concluído a nossa atividade foi o momento de assistirmos ao “Sharing”. Este projeto é feito pela equipa educativa da instituição e/ou respetivo grupo de crianças, onde todas as sextas realizam atividades para todas as crianças da instituição, tais como: teatros, danças, leitura de histórias entre outros. São estes pequenos momentos como o do “Sharing” e dos aniversários que existe um intercâmbio e um trabalho de equipa entre as diferentes valências.

Para finalizar, após termos assistido ao “Sharing” as crianças dirigiram-se para a sala e a auxiliar deu a indicação de que estas poderiam ir brincar para as áreas. Deste modo, através da observação que tenho feito ao longo dos dias constatei que as crianças dirigem-se todas ao mesmo tempo para as áreas o que muitas das vezes gera alguma confusão, pois todos querem ir para a mesma área. Assim, como estratégia e uma vez que as crianças estavam sentadas em roda, perguntei um a um para que área queriam ir, para que estes refletissem e percebessem que existe um número máximo de crianças para cada área.

Enquanto as crianças brincaram nas áreas, aproximei-me deles para estabelecer relações afetivas, assim, resolveram fazer um jogo comigo: “Ana queres fazer?”; “Sim claro que sim”; “Olha é fácil é como uma flecha”; “Boa Ana conseguiste” (deram-me um abraço).

Reflexão Semanal de 3 a 7 de Outubro de 2016

Ao longo desta semana de intervenção, resolvi refletir acerca da importância de planear na Educação Pré-Escolar e de que forma este deve ser feito para ir ao

encontro das necessidades das crianças, uma vez que achei interessante a forma como a educadora planeia as atividades semanalmente.

Em conversa com a educadora, esta referiu que existe um plano semanal que é construído por ela e afixado à porta da sala para que possa ser consultado pelas famílias, onde consta as atividades que iram ser realizadas com o grupo de crianças. A meu ver a existência de um plano semanal é de extrema importância para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, para além disso, auxilia o educador na construção de um ambiente estimulante e promotor de “aprendizagens significativas e diversificadas, que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades” (Lopes da Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p.13). Segundo o mesmo autor “o desenvolvimento da ação planeada desafia o educador a questionar-se sobre o que as crianças experienciam e aprenderam” (Silva et. al, 2016, p.15).

No que diz respeito à organização do tempo na sala, também em conversa com a educadora, esta referiu que a rotina é um aspeto fulcral nestas idades, pois permite que as crianças sintam que estão num ambiente seguro e que percebam o que é suposto acontecer no seu dia-a-dia, promovendo deste modo a autonomia do grupo. Desta forma, o plano semanal refere que existe um dia para trabalhar cada área curricular, ou seja, um dia para trabalhar Matemática, outro Extensão Linguística, outro para Trabalho de Projetos e assim sucessivamente. Segundo as Lopes da Silva et al (2016) a definição de quaisquer áreas de desenvolvimento e aprendizagem representa uma possível opção de organização da ação pedagógica, constituindo uma referência para facilitar a observação, a planificação e a avaliação, devendo as diferentes áreas ser abordadas de forma integrada e globalizante (p.10).

Durante a semana de observação, uma das crianças na quarta-feira trouxe couves e espinafres para plantar na horta com as restantes crianças. Segundo o plano semanal da educadora, o dia de irem à horta é à quinta-feira, no entanto, esta alterou o plano pois as crianças decidiram que queriam ir plantar o que o colega tinha trazido respeitando assim, os interesses e as necessidades do grupo, tornando cada criança um agente ativo e participativo na organização da rotina do seu dia-a-dia. De acordo com Folque (2014) as rotinas, embora tenham uma organização bem definida, devem ser flexíveis para dar resposta às necessidades do grupo e de cada criança, de acordo com os fatores contextuais da vida diária (p.59).

Em suma, o ato de planejar é também uma ação de organização, fundamental para a ação educacional, em que o educador deve ter sempre em conta os fatores que intervêm diretamente no processo de ensino e aprendizagem. O planeamento na Educação Infantil é um momento que possibilita o educador encontrar soluções para obter avanços no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança.

Bibliografia:

Marques, L.; Mata, L.; Rosa, M.; Silva, I. (2016) *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

Folque, M. (2014) *O Aprender a Aprender no Pré-Escolar: O Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Semana de 10 a 14 de Outubro de 2016

Nota de campo – dia 10 de Outubro (segunda-feira)

Da parte da manhã, as crianças realizaram o desafio da linguagem. Este consistia numa atividade de recorte e colagem, em que cada criança teria de procurar as letras do seu nome em revistas para recortarem e colarem numa folha branca. Ainda no momento de reunião, a educadora começou por explicar a atividade em grande grupo para posteriormente realiza-la em pequenos grupos e perguntou quem é que sabia as letras do seu nome, a maioria das crianças participou nesse momento, no entanto, enquanto estava a realizar a atividade com um grupo de 4 crianças, tomei conhecimento que a maioria das crianças precisava de consultar o seu cartão para conseguir encontrar e construir o seu nome corretamente. Apesar de algumas crianças demonstrarem dificuldades, estas estavam envolvidas e empenhadas na atividade, pois, muitas delas quando eu questionava se estavam a conseguir elas respondiam - “Sabes Ana, este desafio é um pouco difícil mas eu estou a gostar muito e vou conseguir – D.”. Isto demonstra que são crianças empenhadas e que não desistem mesmo que se deparem com um obstáculo.

Durante a hora de almoço, a equipa educativa senta-se sempre nas mesas a almoçar com as crianças. No entanto, hoje uma das mesas não tinha mais lugares disponíveis, então, eu e a educadora sentamo-nos numa outra mesa (sem crianças). Uma delas quando foi colocar o seu prato para lavar questionou-me porque que eu estava numa mesa sozinha, ao qual eu respondi que não tinha lugar nas mesas deles. O D. ficou surpreendido e rapidamente decidiu resolver o problema, buscando uma cadeira a outra mesa para junto dele para eu me poder sentar.

Nota de campo – dia 11 de Outubro (terça-feira)

Durante a reunião da manhã, a educadora conversou com as crianças acerca de alguns comportamentos menos adequados que estavam a surgir no grupo – regras sociais. Durante este debate, limitei-me a observar as reações das crianças face ao

discurso da educadora. A maioria das crianças compreendeu aquilo que a educadora estava a transmitir. No entanto, tomei nota que algumas crianças não conseguiam compreender aquilo que tinham feito de errado, mas sim dos outros colegas, tendo muitas das vezes este género de discurso: “O M.M fez isto”. Durante este debate, a partir do discurso da educadora constatei que a educadora não estabeleceu regras com eles, pois considera que não seja necessário, pois sempre que existe um comportamento menos adequado, o grupo reúne o debatem sobre o assunto, esta é a estratégia da educadora para que as crianças interiorizem as regras sociais, tais como o respeito pelo outro, sentido de responsabilidade, o ser amigo, entre outros. A meu ver, considero que esta estratégia em determinados problemas no grupo pode resultar, noutros considero que a educadora deveria entrevir para que certos comportamentos pudessem ser evitados, tais como, empurrarem-se uns aos outros, nos momentos de partilha não falarem todos ao mesmo tempo.

Ainda da parte da manhã, foram iniciados os dois projetos. Em relação ao projeto das estrelas a educadora deixou-me orientar a atividade enquanto ela estava com o grupo de crianças do projeto das abelhas. As crianças do projeto das estrelas escolheram os materiais que queriam utilizar para pintar o painel e uma vez que não tinham todos os materiais resolveram ir às restantes salas perguntar. Durante esta atividade, as crianças compreenderam facilmente como esta se iria realizar e o que tinham de fazer, não demonstrando dificuldade na execução desta. Em relação aos materiais as crianças escolheram pintar com pinceis ou com rolos de carimbagem. No entanto, apesar de termos arranjado material suficiente para todos resolvi que em relação a sua diversidade este fosse limitado para que as crianças tivessem de o partilhar. Durante este momento, algumas crianças diziam: “*Oh Ana eu ainda não tive aquele rolo e o MM não troca comigo*” – este comportamento demonstrou que as crianças tinham dificuldades em partilhar os materiais umas com as outras e só o fizeram quando eu resolvi intervir, explicando que para que todos conseguissem terminar o mural juntos estes tem de trabalhar em equipa e partilhar os materiais. Após a minha intervenção as crianças demonstraram compreender o objetivo da tarefa pois ao longo da atividade demonstravam alguns comportamentos de cooperação: “*L, toma este, eu já pintei muito com ele*”; “*MB podes pintar daquele lado que ainda está branco enquanto eu pinto aqui para conseguirmos pintar isto tudo*” (cf. Anexo D)

Nota de campo – dia 12 de Outubro (quarta-feira)

Questão-problema do Projeto

Durante a manhã de hoje, eu acompanhei as crianças que foram para a natação. Enquanto esperávamos pela carrinha à porta da instituição, a MC viu uma

senhora grávida e disse: “*Olha Ana, a menina tem um bebé na barriga*”. Ao ouvir este comentário a MB, assim como as restantes meninas que estavam presentes disseram: “*Um dia eu também vou ter um bebé na minha barriga*”, ao qual eu respondi “*Pois é, um dia todas nós vamos ter um bebé na nossa barriga*”. Os rapazes ao ouvirem a nossa conversa, perguntaram-me “*Ana, porque é que só as meninas é que podem ter bebés?*” (B. e J.). Após esta conversa questionei-lhes acerca do que eles sabiam acerca do assunto, ao qual estes responderam que não sabiam. Considero que apesar de a questão-problema ter surgido apenas por um pequeno grupo de crianças, acho que poderá ser um projeto a desenvolver com o grupo, sendo esta a proposta dada pelo B. e pelo J.

Em conversa com a educadora, contei-lhe o que tinha acontecido e questionei-a acerca da melhor forma de chegar a questão ao restante grupo, uma vez que surgiu apenas de umas crianças. Esta sugeriu-me que poderia pedir ao B e ao J. para escreverem a sua sugestão no *Diário de Grupo*, para posteriormente quando o formos avaliar, poderem partilhar com o grupo para descobrirem se todos aceitam fazer este projeto. Decidi antes de agir questionar a educadora, porque considero que deve existir uma partilha e um respeito pelo trabalho de cada um e uma vez que esta é a educadora cooperante, não queria agir de uma forma que não fosse ao encontro dos teus princípios e forma de trabalho.

Quando chegamos à nataçãõ, a MC começou a chorar porque não queria ir para o seu professor e queria ficar com o outro. Ambos os professores tentaram que ela percebe-se qual era o seu professor. Ao longo dos dias tenho observado alguns comportamentos da MC. Esta apresenta um bom desenvolvimento e aprendizagem, no entanto, considero que existe uma “imaturidade” emocional, pois é uma criança que faz muitas “birras”.

Quando regressamos à instituição a educadora realizou com as crianças o desafio da matemática. Este desafio consiste no programa Papy – um pedagogo matemático moderno, onde trabalha os conceitos mais abstratos da matemática para crianças desta faixa etária. O grupo no geral no que diz respeito ao raciocínio matemático apresenta um desenvolvimento e aprendizagem adequado a idade. No entanto, existem algumas crianças que apresentam alguma dificuldade em acompanhar, sendo uma delas a mais nova do grupo e ter passado da sala dos dois anos para esta sem passar pela dos três anos – considero que seja um dos motivos para que esta não tenha o mesmo ritmo de aprendizagem que o restante grupo. Posto isto, as crianças realizaram o registo da atividade para colocar nos seus cadernos.

Nota de campo – dia 13 de Outubro (quinta-feira)

Durante a manhã de hoje, recebemos a visita da avó Mimi (dia da animação cultural), que nos veio falar sobre as abelhas – um dos projetos que está a decorrer na sala. A apresentação foi bastante dinâmica, pois para além de a avó nos explicar o que fazem as abelhas e onde estas vivem, esta trouxe-nos também cera e o mel feitos pelas abelhas para podermos provar todos. Quando a avó Mimi acabou a sua apresentação, as crianças foram buscar a teia que construíram para colocar as questões que queriam descobrir para o seu projeto. Durante este momento, as crianças começaram todas a querer falar ao mesmo tempo, para que fossem ouvidas, o que fez com que eu e a educadora tivéssemos de entrevir para que todos nos conseguíssemos falar e ouvirmo-nos uns aos outros. Mais tarde as crianças realizaram o registo da atividade de hoje, assim como fazem para todas as atividades/momentos.

Nota de campo – dia 14 de Outubro (sexta-feira)

Durante a reunião da manhã de hoje, cada criança partilhou o que tinha trazido para a sexta-feira fantástica – dia da Alegria. Existiu diversas coisas, uns partilharam desenhos, outros livros de histórias, fotografias, brinquedos entre outros. Hoje o Sharing foi realizado por duas auxiliares em vez das educadoras, que apresentaram um teatro sobre a Alegria (tema da sexta-feira fantástica de hoje). Quando o T entrou na instituição, o grupo, assim como as restantes crianças da instituição já se encontravam todos sentados no Tutor Land. Deste modo, chamei o T para se sentar entre as minhas pernas. Durante o momento Sharing, reparei que o T não prestava atenção, pois nem sequer estava a olhar para o que estava a acontecer. Tenho constatado que este comportamento é constante no T, ou seja é uma criança que apresenta muitas dificuldades a nível da concentração e na socialização. Assim, tentei sempre cativa-lo e chama-lo a atenção para o que estava a acontecer. Quando regressamos à nossa sala, a educadora e as crianças de uma das salas do berçário vieram falar-nos sobre as abelhas, uma vez que estávamos a elaborar um projeto acerca deste tema. A educadora partilhou uma história com o grupo e mostrou-lhes um verdadeiro zangão que ela tinha apanhado.

Antes de as crianças irem almoçar, a educadora concluiu alguns trabalhos em atraso e as restantes crianças foram fazer um puzzle em equipa. Inicialmente, deixei que as crianças explorarem a atividade livremente, para observar os comportamentos e as competências sociais durante o trabalho em equipa. Desta forma, constatei que as crianças retiravam as peças das mãos uns dos outros e entravam muitas das vezes em conflitos: *“Não essa peça é minha dá-me”*; *“Opah deixa-me jogar, sai”*; *“Mas é para*

jogamos todos”; “Mas tu não sabes, essa peça não é aí estás a ver”. Após a observação destes comportamentos, decidi intervir, tentando explicar que se trabalhassem em equipa a tarefa seria mais fácil de realizar e assim chegarem ao objetivo da tarefa: trabalhar em equipa. Por este mesmo motivo, o tema da minha investigação irá incidir na aprendizagem cooperativa com crianças com 4 anos de idade.

Reflexão Semanal de 10 a 14 de Outubro de 2016

De acordo com a perspetiva de Piaget (1924), as crianças mais pequenas não podem ter uma boa compreensão do ponto de vista do outro nem se envolverem numa tarefa de aprendizagem cooperativa (citado por Lopes & Silva, 2008).

Corroborando com a perspetiva de Parten (1932) este observou que as crianças desenvolvem as competências necessárias à colaboração entre os dois e os quatro anos, sendo que as “de 3/4 anos já conseguem realizar uma cooperação parcial em trabalhos direcionados a uma meta comum” (Gottschaldt & Frauhauf-Ziegler 1958, citado por Lopes & Silva, 2008, p.4). Por este mesmo motivo, decidi refletir acerca da aprendizagem cooperativa, uma vez que, ao longo das semanas tenho vindo a verificar que o trabalho a pares é uma fragilidade do grupo de crianças. Neste seguimento, escolhi como tema da minha investigação – ação: *o trabalho cooperativo nas crianças*.

A aprendizagem cooperativa é uma metodologia de ensino-aprendizagem em sala, adotada hoje em dia pela maioria dos educadores, tendo como principal objetivo a aquisição de competências cognitivas e sociais fundamentais ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Uma das principais vantagens senão a mais importante é a aquisição de conhecimentos através das interações sociais.

Na perspetiva de Bessa e Fontaine (2002), a aprendizagem cooperativa contribui para a descoberta de uma variedade de respostas, uma vez que esta desenvolve três dimensões referentes ao desenvolvimento das crianças: cognitiva, afetiva e comportamental. Os mesmos autores defendem ainda que, é por esse motivo que aprendizagem cooperativa tem vindo a aumentar a sua importância enquanto estratégia alternativa de ensino-aprendizagem (p.19).

De forma mais ampla, a aprendizagem cooperativa é definida por Lopes e Silva (2009) como “uma metodologia com a qual os alunos se ajudam no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor” (p.4), permitindo criar um ambiente rico em partilhas e descobertas. Uma das formas de promover esta aprendizagem no grupo é através do trabalho cooperativo, em que as crianças trabalham juntas em prol do mesmo objetivo de aprendizagem.

Por fim, trabalhar cooperativamente permite que as crianças lidem com problemas que podem estar mais além das suas capacidades, do que se trabalhassem individualmente, isto porque neste método de trabalho, existe primeiramente uma “partilha entre todos os elementos do grupo cooperativo e depois com toda a turma, procurando-se diminuir assim a competição que atualmente a escola fomenta e desenvolve, e que tem conduzido a um enfraquecimento de valores sociais e coletivos” (Fontes & Freixo, 2004. p.10).

Bibliografia:

Bessa, N. & Fontaine, A. (2002) *Cooperar para aprender – Uma introdução à aprendizagem cooperativa*. Lisboa: ASA Editores II. S.A.

Fontes, A. & Freixo, O. (2004) *Vygotsky e a Aprendizagem Cooperativa*. Lisboa: Livros Horizonte

Lopes, J. & Silva, H. (2008) *Métodos de Aprendizagem Cooperativa para o Jardim-de-Infância*. Lisboa: Areal Editores

Lopes, J. & Silva, H. S. (2009), *A aprendizagem cooperativa na sala de aula*: Lidel.

Semana de 17 a 21 de Outubro de 2016

Nota de campo – dia 17 de Outubro (segunda-feira)

Durante a manhã de hoje realizei algumas atividades com o grupo. Inicialmente, começamos por fazer a avaliação do mapa de tarefas e concluímos (eu e o grupo de crianças) que muitas das tarefas não tinham sido cumpridas, ou foram cumpridas parcialmente. Deste modo, referi que tínhamos de ter mais atenção ao nosso mapa de tarefas para que da próxima vez que o fossemos avaliar consigamos ter todas as tarefas totalmente cumpridas. Considero que isto acontece, porque as crianças ainda estão numa fase de adaptação e de interiorização destes instrumentos de pilotagem, pois muitos ainda se esquecem de marcar a presença, de realizar as tarefas, de marcar o tempo entre outros. Durante esta semana será um aspeto em que terei mais atenção.

Hoje pela primeira vez, realizei uma atividade sozinha, o desafio da linguagem em que as crianças contavam o que tinham feito no fim-de-semana, eu escrevia à frente delas e depois teriam de escolher uma letra para caçar e por fim ilustrar. Resolvi escrever à frente delas, porque acho importante que as crianças vejam aquilo que escrevemos, principalmente se estamos a escrever aquilo que nos estão a contar, o

que vai estimular a linguagem escrita nas crianças. A atividade correu de forma organizada, as crianças estavam empenhadas, realizando muitas delas a atividade autonomamente. No entanto, algumas requerem uma maior atenção da minha parte, pois apresentam algumas dificuldades ao nível da concentração. Para além das crianças, eu própria senti algumas dificuldades, nomeadamente em algumas palavras que estas referiam, como nomes de bonecos, programas de televisão entre outros.

Enquanto eu realiza o desafio da linguagem, a educadora construiu a agenda semanal com as crianças que não estavam comigo, para posteriormente ser afixado na sala de forma a auxiliar as crianças na interiorização da rotina diária, pois foram eles, em grande grupo, que oralmente indicaram os desafios e as atividades que eram realizadas em cada dia da semana.

Nota de campo – dia 18 de Outubro (terça-feira)

Hoje durante a manhã realizamos o snack do projeto “Vida Saudável”, porque o F trouxe-nos cenouras e o A. dióspiros para tomarmos ao pequeno-almoço. Muitas das crianças não gostaram do dióspiro. No entanto a educadora insistiu sempre para todos provassem, pois por vezes as crianças referem que não gostam porque são coisas que desconhecem. Após o Snack as crianças foram trabalhar nos projetos. Mais uma vez a educadora ficou com o grupo do projeto das abelhas e eu fiquei a orientar as atividades do grupo do projeto das estrelas. As crianças finalizaram a atividade da pintura do painel. De seguida, fomos fazer a pesquisa sobre as estrelas do livro que o MM nos trouxe para aprendermos sobre as estrelas (cf. Anexo E). Ao orientar esta atividade, constatei que algumas crianças têm dificuldade em concentrarem-se o que depois afeta a sua aprendizagem. Durante a atividade, tive de chamar várias vezes essas crianças à atenção para aquilo que estávamos a realizar, deste modo, considero que da próxima vez que executar este tipo de atividade tirei o cuidado de colocar essas crianças junto a mim. Para além disso, quando uma criança queria explicar algo que estava a ver no livro constatei que o MM retirava-lhe o livro não deixando que o colega mexe-se.

Nota de campo – dia 19 de Outubro (quarta-feira)

Durante a manhã de hoje, mais uma vez acompanhei as crianças até à natação. Quando regressamos, a educadora realizou uma experiência científica – Pega Monstro. Desta forma, pediu que cada criança se colocasse sentado numa cadeira em meia-lua. Cada criança participou na experiência uns colocaram os ingredientes outros fizeram a mistura. Ao longo da experiência a educadora

juntamente com as crianças foi preenchendo o registo da atividade: escrevendo os ingredientes; o que achavam que ia acontecer; e os respetivos resultados.

Nota de campo – dia 20 de Outubro (quinta-feira)

Durante a manhã de hoje, as crianças realizaram a avaliação do plano semanal de terça e quarta e construímos o plano de hoje. De seguida, eu reli a história dos “Grandes livros, grandes leitores”. À medida que ia lendo a história, deixava que as crianças completassem as ideias para compreender se estas já sabiam recontar a história. Foi notório que as crianças que já levaram o livro para casa, recontam melhor do que as crianças que apenas ouvem a história na sala. De seguida, as crianças foram tomar o snack ao recreio para posteriormente irem à horta, colher os tomates cherry.

Quando as crianças regressaram à sala, a educadora leu a história que a avó Mimi construiu para nós. Após a leitura, a educadora referiu que faltava algo à história, no qual o B. respondeu “*Falta as imagens*”. Deste modo, todas as crianças referiram que queriam criar as imagens da história, e a educadora aproveitou a ideia para sugerir a construção do livro e da realização de um teatro. As crianças ficaram entusiasmadas, e logo de seguida a educadora distribuiu as personagens. Inicialmente a maior parte dos rapazes queria ser o zangão e as raparigas a rainha. No entanto, uma das raparigas referiu que queria ser uma abelha operária e seguidamente as restantes crianças, também queriam ser, até mesmo aquelas que inicialmente tinham escolhido outra personagem. Apesar disto, ainda tínhamos de escolher a rainha, uma vez que foi a avó da MC a trazer a história, a educadora sugeriu se poderia ser a MC a rainha e as restantes crianças concordaram.

Nota de campo – dia 21 de Outubro (sexta-feira)

Durante a manhã de hoje realizaram-se muitas atividades. Em primeiro lugar cada criança mostrou o que tinha trazido para a Sexta-feira Fantástica – Halloween. O B. trouxe-nos uns biscoitos do Halloween que decidimos tomar ao snack da manhã. De seguida, eu e a educadora realizamos o Sharing de hoje – fizemos o teatro da história “*A Lagartinha muito Comilona*” (cf. Anexo F). Todas as crianças mostraram ter gostado da apresentação participando na história. Na minha opinião, gostei imenso de realizar este momento com a educadora, pois demonstrou que existe uma boa relação entre nós, o que é importante para que trabalhemos de forma a conseguirmos respeitar o trabalho de cada uma, como as próprias crianças. Por fim, as crianças do projeto das estrelas comunicaram ao restante grupo que gostariam que todos fizessem uma estrela para colocarem no seu quarto. Assim, eu fiquei a auxiliar as crianças que

estavam a construir as estrelas e a educadora a dinamizar a atividade da construção do cartão onde iram colocar posteriormente as estrelas.

Inicialmente as crianças estavam com muitas dificuldades pois não sabiam como construir uma estrela em pasta de modelar, por isso, para as orientar comecei por perguntar como é uma estrela, quantas pontas tem uma estrela, no qual algumas crianças responderam 5 pontas. Posto isto, foi desenhado uma estrela e colocado em frente às crianças, para que estas tivessem um modelo para se puderem guiar. Desta forma, o D. começou a construir a sua estrela, que ficou bastante bem. As restantes crianças ao verem a forma como o D. construiu, começaram por utilizar a mesma estratégia que ele. Assim, o D perguntou-me se poderia ajudar os colegas e eu respondi sim. Durante a atividade, tomei nota que algumas crianças tiveram algumas dificuldades, em dividir a massa para que os rolos ficassem os mais parecidos possíveis, mas que com a ajudaram de algumas crianças as restantes conseguiram terminar a tarefa. No entanto, o T foi a criança que apresentou maior dificuldade, necessitando muita orientação da minha parte, pois este apenas fazia bolas e não conseguia construir os rolos, ou seja, compreender a fisionomia de uma estrela para a poder construir em três dimensões.

Reflexão Semanal de 17 a 21 de Outubro de 2016

No final desta semana, resolvi refletir acerca dos instrumentos de pilotagem, uma vez que foi observável que estes não estão a ser utilizados o que demonstra que muitas das crianças ainda não os interiorizaram.

“ O conceito de “instrumentos de pilotagem” baseia-se na concepção de que ao documentar a vida do grupo, estes instrumentos ajudam o educador e as crianças a orientar/regular (planear e avaliar) o que acontece (individualmente e em grupo) ” (Niza, 1996, citado por Folque, 2014, p.54).

No modelo pedagógico de Movimento da Escola Moderna, existem vários instrumentos de pilotagem. No entanto, na sala onde estou a realizar a minha intervenção existem apenas: o mapa de presenças, o mapa do tempo; mapa das tarefas e o diário do grupo que, segundo Niza (2013), são instrumentos de manutenção da sala e de apoio à rotina que ajudam a regular o dia-a-dia do grupo de crianças.

De acordo com Oliveira-Formosinho e Andrade (2011) os instrumentos são antes de mais uma manifestação de uma imagem de criança ativa, competente, com direitos que pode participar na construção utilização e análise dos meios de regulação social, interpessoal e intrapessoal no âmbito do grupo. (p.26). No entanto, através da observação direta que tenho realizado ao longo dos dias, é a própria educadora a

construí-los e a afixá-los na sala, apesar de as crianças terem conhecimento destes. Este pode ser um dos motivos para que algumas crianças não cumpram ou não tenham a consciência das tarefas que têm de realizar.

O que aconteceu no início desta semana, foi que, quando a educadora me pediu para realizar a avaliação do mapa das tarefas com o grupo de crianças, constatamos que muitas destas não tinham sido cumpridas ou tinham sido cumpridas parcialmente. A análise destes instrumentos com o grupo de crianças é muito importante para percebermos o que foi realmente realizado ou não, mas também, porque contribui não só “para a tomada de consciência do conhecimento social construído como é uma ocasião premente de possibilidade para a integração de outras aprendizagens no âmbito da emergência da matemática, dos processos colaborativos de análise e da linguagem como instrumento de comunicação” (Oliveira-Formosinho & Andrade, 2011, p.29). Após esta análise, resolvi ao longo da semana insistir um pouco mais nesta questão para que as crianças começassem a interiorizar melhor as suas tarefas.

Em suma, segundo Oliveira-Formosinho e Andrade (2011) os instrumentos são indispensáveis no fluir democrático do quotidiano, porque permitem à criança emergir a ideia de compromisso com o grupo a que se pertence; desenvolver a perceção de questões temporais e matemáticas; tomar consciência e ser autónomo na escolha e, por fim, desenvolver características de democracia, participação, colaboração, auto e autorregulação.

Bibliografia:

Folque, M. (2014) *O Aprender a Aprender no Pré-Escolar: O Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Oliveira-Formosinho, J., & Andrade, F. (2011). O Espaço na Pedagogia-em-Participação. Em Oliveira-Formosinho, Andrade, & Formosinho, *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação* (pp. 9-69). Porto: Porto Editora.

Niza, S. (2013). O Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa. Em Oliveira-Formosinho, Formosinho, Lino, & Niza, *Modelos Curriculares para a Educação de Infância - Construindo uma práxis de participação* (pp. 141-160). Porto: Porto Editora

Semana de 24 a 28 de Outubro de 2016

Nota de campo – dia 24 de Outubro (segunda-feira)

Durante a manhã, eu, a educadora e a auxiliar organizamo-nos por grupos, uma vez que se iam desenvolver mais do que uma atividade ao mesmo tempo. Deste modo, a auxiliar ficou com um grupo de crianças a pintarem as estrelas enquanto eu e a educadora ficamos a orientar o desafio de linguagem de hoje. O desafio da linguagem de hoje, esteve relacionado com a construção do livro da história da avó Mimi, em que as crianças tinham de interpretar o texto e realizar a ilustração, cada criança ficou com uma parte da história. No que concerne à ilustração, foi dado às crianças diversos materiais para além do material de desenho, tais como: algodão, feltro, pompons, entre outros, para que estas os explorassem. Quando questionava as crianças acerca dos materiais que estes queriam utilizar, estes referiam sempre lápis ou canetas, o que demonstra que não estão muito habituados a utilizar outros materiais relacionados com a arte (cf. Anexo G).

Nota de campo – dia 25 de Outubro (terça-feira)

Da parte da manhã, as crianças assistiram à hora do conto que foi realizado por uma educadora da creche e pela psicopedagoga na Tutor Land. No entanto, quando chegarmos à Tutor Land, a apresentação ainda não estava preparada, então todas as crianças da instituição tiveram de ficar sentadas à porta, assim as crianças do pré-escolar começaram a cantar para as restantes crianças e de repente toda a equipa educativas e todas as crianças cantavam as mesmas canções. Achei bastante positivo e “acolhedor” este momento entre a equipa educativa e as crianças. Estes momentos na Tutor Land – hora do conto e do Sharing (todas as sextas-feiras) – são um dos exemplos que demonstram o trabalho em equipa, pois são realizados pela equipa educativa, assim como de partilha e de interações entre as crianças de diferentes salas, assim como de diferentes valências.

Quando regressamos à sala, a educadora distribuiu tarefas. Assim, a auxiliar ficou a terminar tarefas da semana passada, a educadora ficou a orientar o projeto das abelhas, e eu, a dinamizar as atividades do projeto das estrelas – recorte e colagem em pequenos grupos. Enquanto dinamizava a atividade senti algumas dificuldades. Inicialmente, uma vez que o trabalho era individual e exigia a explorarem de muitos materiais e técnicas diversificados que necessitavam de maior orientação do adulto, como recorte, colagem, pintura, resolvi começar com duas/três crianças enquanto as restantes brincavam nas áreas. No entanto, a educadora disse-me para eu realizar com todas as crianças. Assim, a atividade não correu como esperava, porque

enquanto eu dava apoio a uma das crianças com mais dificuldade, as restantes não estavam totalmente empenhadas na tarefa e uma acabou até por magoar outra. Então pensei que crianças poderiam ajudar-se umas às outras. Assim coloquei as crianças que já tinham terminado a tarefa a auxiliar as que se encontravam a trabalhar. Quando a educadora me questionou como estava a correr e quem é que ainda não tinha, eu referi que todos tinham feito o seu trabalho e estavam só a auxiliar os restantes colegas, porque estava com dificuldade em dar apoio a todos. Assim as próprias crianças distribuíram papéis, enquanto umas cortavam os papéis as restantes colavam, o que fez com que a atividade decorresse de forma mais organizada. (cf. Anexo H)

Outro problema que existiu hoje foi quando “tentei” organizar o grupo em comboio para irmos fazer a higiene e almoçar. Enquanto as crianças arrumavam a sala reparei que estas estavam bastante agitadas e não conseguiam sequer ouvir-me dizer que era para fazer comboio quem já tinha arrumado. Após terem arrumado a sala, perguntei quem tinha a tarefa de verificar se estava tudo no lugar correto. Ao mesmo tempo que as duas crianças verificavam as restantes não conseguiam fazer um comboio estando a empurrarem-se uns aos outros, aos gritos na casa de banho e a atirarem-se para o chão. Assim, pela primeira vez, tive de tomar uma postura mais ríspida para que as crianças compreendessem que os seus comportamentos não estavam a ser corretos. Considero que possivelmente não deveria ter tomado esta postura mais ríspida, mas uma vez que estava apenas com as crianças sozinha na casa de banho e estas não me estavam a ouvir quando tentei acalmá-las e falar com elas, no momento tentei demonstrar que estava “zangada” com elas com o comportamento que estavam a ter. Posto isto, as crianças acalmaram-se e dirigiram-se comigo de forma correta até ao refeitório, pedindo desculpa pelo seu comportamento.

Nota de campo – dia 26 de Outubro (quarta-feira)

Da parte da manhã acompanhei as crianças até à Natação juntamente com a auxiliar da minha sala. Enquanto estávamos lá tentei conversar com ela para compreender melhor o seu percurso profissional porque considero que tanto a educadora como a auxiliar têm um papel fundamental para o desenvolvimento das crianças, assim como conhece-la melhor pois é importante estabelecer um trabalho em equipa.

Nota de campo – dia 27 de Outubro (quinta-feira)

Durante a parte da manhã, as crianças realizaram diversas atividades. Uma vez que tenho estado a dirigir as atividades do projeto das estrelas, hoje dei continuidade à construção do painel das informações. Ontem como falei com a educadora que ter realizado a atividade com todos ao mesmo tempo fez com que esta não corresse de forma organizada, hoje decidi realizar a atividade com apenas duas crianças de cada vez. Na organização destes grupos resolvi juntar crianças em que uma apresenta competências sociais mais desenvolvidas. Ao utilizar esta estratégia constatei que as crianças trabalharam de forma mais organizada e estavam muito mais concentradas na realização da tarefa, principalmente aquelas crianças que no geral são sempre mais agitadas e têm maior dificuldade ao nível da concentração, o que tornou possível concluir praticamente o painel e de todas as crianças terem participado (cf. Anexo I).

Nota de campo – dia 28 de Outubro (sexta-feira)

Durante a parte da manhã, as crianças comemoram o dia da sexta-feira fantástica - Halloween. Toda a equipa educativa assim como as crianças vieram mascarados e o acolhimento foi realizado com todos na Tutor Land, onde uma das educadoras leu a história da bruxa Mimi. Seguidamente, todos foram até ao exterior para comermos o snack e brincarmos todos juntos no parque.

Quando regressamos à sala, as crianças foram brincar para as áreas. A FP que estava a brincar com um jogo de encaixe e virou-se para mim e disse: *“Olha Ana, vou fazer um colar para ti”*. Depois de ter terminado, a FP colocou-me o colar e disse que era para eu levar para casa. No entanto eu agradeci-lhe mas disse: *“Sabes FP, mas a Ana, não pode levar este colar para casa porque depois nós precisamos destas peças para jogarmos aqui na sala”*. Então, a FP pensou e perguntou-me: *“E desenhos podes levar?”* e eu respondi sim.

De seguida, as crianças que estavam a brincar na área dos blocos chamaram-me para ver a construção deles (algo que é muito habitual eles fazerem) quando me cheguei ao pé deles perguntei-lhes para que servia a construção e como a construíram. Posto isto, quando a auxiliar mandou arrumar eles ficaram tristes por terem de destruir a construção, então, sugeri que eles mostrassem aos amigos para que eles aprendessem a fazer construções tão boas como as deles. As crianças aceitaram o desafio e quando todos estávamos sentados nas estrelas as crianças começaram por explicar como tinham construído:

B.: “Nós colocamos muitas peças aqui para depois metermos esta rampa para os carros escorregarem com muita velocidade”

Ana: *“Então, vamos lá colocar todos os carros que temos para ver se resulta”*

As crianças começaram a experimentar todos os carros de todos os tamanhos que tinham na sala

F: *“Não dá para fazer com todos os carros este camião cai para o lado”*

Ana: *“ Pois é F, tens razão e porque será que isso acontece?”*

Muitas crianças: *“Porque o camião é muito Grande”*

B. (que estava a experimentar os carros): *“O único que escorrega bem e vai mais longe é este Ana, porque é o mais pequeno”*

Após esta análise as crianças chegaram à conclusão de que aquela rampa só dava para carros pequenos e mais leves. Posto isto, a FP quis mostrar o desenho que tinha feito para mim.

FP: *“Eu neste desenho desenhei a Ana, o sol, as nuvens e o passeio”*

Ana: *“Muito bem FP, então mas o que achas de explicar aos amigos porque que fizeste esse desenho?”*

FP: *“Sim. Eu fiz este desenho porque eu gosto muito da Ana, e porque a Ana está aqui a aprender connosco, então eu fiz este desenho para ela levar para a escola dela e mostrar aos amigos grandes dela para eles verem como nós pintamos muito bem”*

Como a FP mostrou o seu desenho, de seguida, o António, o MM e a MC disseram que também tinham feito um desenho e queriam mostrar aos amigos, assim como o F quis mostrar a sua construção do *Monstro Saltitão com o jogo dos picos*. Assim todos juntos analisamos os desenhos, e algumas crianças até deram sugestões: *“Esta muito giro F, mas acho que para a próxima podias ter feito o corpo do monstro só com uma cor, porque assim ficou um pouquinho confuso esta bem”* - FP. Foi interessante ver que o facto de algumas crianças partilharem o que tinham feito enquanto estiveram nas áreas fez com que as restantes também o quisessem fazer e assim conseguimos estabelecer o primeiro momento de comunicação no grupo.

Reflexão Semanal de 24 a 28 de Outubro de 2016

No decorrer desta semana, considerei como aspeto relevante para a minha reflexão, a importância dos momentos de comunicação na Educação Pré-Escolar, uma vez que foram implementados no grupo de crianças por mim devido ao tema da minha investigação.

A educadora apesar de seguir o modelo pedagógico Movimento da Escola Moderna, ainda não tinha introduzido os momentos de comunicação no grupo de

crianças. Deste modo, uma vez que a minha investigação está relacionada com o trabalho cooperativo nas crianças dos 4 anos de idade, uma das formas de avaliar a partilha de saber e que aprendizagens são adquiridas, é através dos circuitos de comunicação.

Os circuitos de comunicação são importantes, uma vez que todos conseguem ter acesso à informação de que cada um dispõe. Para além disto, estas trocas e partilhas entre o grupo de crianças e entre os adultos, ajudam também a desenvolver a dimensão social e o sentido solidário pelas produções, pois cada produção tem um significado. A partir da análise das atividades que surgiram no momento de comunicação desta semana, é possível constatar o uso predominante do desenho. Segundo Folque (2014) o uso do desenho é bastante significativo nestas idades, uma vez que é utilizado pelas crianças como forma de comunicação. No entanto, existiu também outras atividades de expressão plástica como pintura e construções. A mesma autora, defende que as experiências apresentadas implicam a realização de um produto concreto – desenho, construção - em detrimento de processos de exploração ou jogo, que não têm um produto final. Este facto aponta para uma nítida valorização da produção de obras, que podiam ser apreciadas avaliadas por todo o grupo. (p.311)

Como supramencionado, os momentos de comunicação são formas de difusão e partilha dos produtos culturais do trabalho intelectual que estimulam o desenvolvimento e aprendizagem de variadas formas de representação e de construção do conhecimento. Deste modo, podemos afirmar que estes momentos apresentam duas principais finalidades:

“promover a criação de uma comunidade, através da partilha com o grupo das aprendizagens e dos sucessos individuais; e são vistos como uma oportunidade de melhorar a aprendizagem, tanto dos apresentadores, como da audiência de crianças, através de uma reflexão e co-construção, mediadas pela linguagem”. (Folque, 2014, p.312).

Como educadores é nossa função observar o grupo de crianças, principalmente quando estes se encontram num momento de aprendizagem ativa nas áreas de exploração, para motiva-los a partilhar e a refletir acerca das suas produções, criar momentos de cooperação e ajuda, isto porque “quando as crianças têm oportunidade de refletir em comunicação tornam-se narradoras do sentir, do pensar, da fazer, da vida”. É de facto, um processo de criação de significado” (Oliveira-Formosinho & Andrade, 2011, p.82)

Em suma, o saber é um valor social e que é socialmente construído. O conhecimento adquirido, individualmente ou em grupo tem de ser divulgado por todos, através destes circuitos de comunicação do saber e de apresentação dos produtos, uma vez que o conhecimento de cada um deve ser partilhado socialmente para que possam cumprir o sentido social e ético do trabalho cultural em democracia. De acordo com Rogoff, Matusov e White (1996, citado por Folque, 2014) estes momentos contribuem assim para a “construção da comunidade” que implica que as crianças aprendam umas com as outras, elaborando um conhecimento comum e significados partilhados, assumindo a responsabilidade da aprendizagem dos outros.

Bibliografia:

Folque, M. (2014) *O Aprender a Aprender no Pré-Escolar: O Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Oliveira-Formosinho, J., & Andrade, F. (2011). O Espaço na Pedagogia-em-Participação. Em Oliveira-Formosinho, Andrade, & Formosinho, *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação* (pp. 9-69). Porto: Porto Editora

Semana de 31 de Outubro a 4 de Novembro de 2016

Nota de campo – dia 31 de Outubro (segunda-feira)

Durante a reunião da manhã, li a história “*A Bruxa Mimi no Inverno*” (cf. Anexo J). Quando terminei, a Luísa quis mostrar-me o desenho que tinha feito esta manhã com a irmã. Depois de todos tomarem o snack que a mãe do TC fez para nós (queques alusivos ao Halloween) enquanto a educadora ia realizando o registo do fim-de-semana com as crianças eu aproveitei para terminar o painel do projeto das estrelas e de seguida realizar algumas ilustrações que faltam da história sobre as abelhas que a avó Mimi escreveu para nós. Para além disto, chamei a Luísa e perguntei-lhe se ela não queria colocar o seu desenho no portefólio para que ela compreende-se melhor qual o objetivo deste portefólio. A Luísa foi logo buscar uma folha branca para colar a abóbora que tinha desenhado e recortado e disse: “*Vou colocar aqui para eu depois meter no meu livro que vou levar para casa*”. À medida que ela ia colocando perguntei-lhe quem tinha pintado e recortado a abóbora. Depois dela colar, perguntei-lhe o que ela queria escrever para não nos esquecermos o dia em que fizemos e como foi feito. Assim, a Luísa quis escolher uma cor para escrever o seu nome e a data e, de seguida, apontou para um local da folha e escolheu uma cor para eu escrever a seguinte frase: “*É uma abóbora que eu e a mana fizemos agora*”.

Nota de campo – dia 1 de Novembro (terça-feira)

FERIADO

Nota de campo – dia 2 de Novembro (quarta-feira)

Durante a parte da manhã, eu e a educadora distribuímos tarefas. Deste modo, terminei o painel das estrelas enquanto a educadora trabalhava na ilustração da história e quando terminei o painel foi ilustrar uma das páginas da história com o T.

Quando terminaram as atividades, as crianças arrumaram a sala e sentaram-se nas estrelas à espera dos colegas que tinham ido para a natação. Como os colegas nunca mais chegavam e as crianças estavam a ficar impacientes sentadas nas estrelas resolvi fazer o jogo da almofada com eles. O jogo consistia em dizer o nome do amigo para que queriam atirar a almofada. À medida que iam jogando fui introduzindo outras variantes, tais como, referenciar pistas da pessoa para quem eles tinham de mandar a almofada por exemplo “*Agora tens de mandar a almofada para uma menina que tem um laço cor-de-rosa no cabelo*”. As crianças estavam envolvidas e muito empenhadas no jogo. Desta forma, decidi torna-lo mais difícil dando um número a cada criança. Com os números as crianças tiveram mais dificuldade

principalmente ao início, pois algumas nem sabiam o seu próprio número, mas a meio do jogo já conseguiam saber o número que eram como também o dos colegas.

Após as crianças da natação terem chegado, sentamo-nos todos em roda e a educadora perguntou-me se eu queria fazer a experiência. Eu aceitei o desafio e considero que correu bastante bem (cf. Anexo K). Todas as crianças participaram nos procedimentos da experiência: umas colocaram a água nos copos, outras o corante e as restantes as folhas de papel. Foi bastante curioso as respostas que estes deram do que pensavam que iam acontecer:

“Eu acho que os copos vazios vão ficar com água” - FP

“Eu acho que vai ficar azul porque o papel está mais dentro do copo” – B.

Nota de campo – dia 3 de Novembro (quinta-feira)

Durante a reunião da manhã, a educadora preencheu o mapa das tarefas do mês de Novembro e eu decidi ir buscar o Diário de Grupo para avaliarmos, uma vez que o B. tinha colocado lá a pergunta do projeto que queria desenvolver. Em conversa com as crianças, tentei que eles se lembrassem da questão e explicassem aos amigos o que queriam saber. Com a minha ajuda conseguimos chegar à questão e deste modo questioneei as crianças se queriam ir descobrir e realizar um projeto para ajudarmos os amigos. Todas as crianças quiseram realizar o projeto e muitas até referiram o que achavam que sabiam: *“Eu acho que os meninos não podem ter bebés porque eles são poucos” – FP.* No entanto, as restantes que ouviram discordaram da opinião da FP, desta forma, decidi intervir e dizer que uma vez que não sabemos responder à nossa pergunta podíamos ir realizar um projeto e trazer toda a informação que conseguirmos com as famílias.

Durante o resto da manhã, decidi apoiar a educadora na atividade do registo das experiências científica que realizei ontem. O registo consistia em escreverem o nome das cores por cima. Constatei que algumas crianças reconhecem as letras na sua totalidade e conseguem escrever da esquerda para a direita e na ordem correta. No entanto, algumas crianças demonstraram dificuldades em conseguir desenhá-las, por exemplo reparei que muitas delas desenhavam em espelho, outras perdiam-se onde estavam a escrever escrevendo noutra local; e por fim, outras “comiam” letras.

Seguidamente, todas as crianças reuniram-se na Tutor Land, para assistir à peça de teatro da sala PE3 sobre – partilha, onde no final da história, as crianças do PE3 ofereceram bolachas com marmelada a todas as crianças e equipa educativa.

Quando regressaram a sala, a educadora redigiu o e-mail juntamente com as crianças para enviarem à avó Mimi a convidá-la a vir ler a nossa história do teatro.

Enquanto esperavam pela professora de inglês, decidi mostrar a nossa história ilustrada e contá-la de novo com as ilustrações realizadas por eles. Antes de começar a ler, perguntei às crianças qual era o nome que se dá á pagina onde tinham desenhado uma abelha e escrito o título com recortes de revista, estas tiveram algumas dificuldades mas quando me referi aos livros que costumam ler as crianças conseguiram referir a CAPA. Posto, isto, sugeri que no nosso livro faltava o nome do autor e dos ilustradores e que para tal poderíamos escreve-los no verso da nossa capa. Ao ouvir isto o D. disse que se não coubesse os nomes todos que podíamos apenas colocar “*Os meninos do PE2*”. Todas as crianças aceitaram a sugestão do D.

Nota de campo – dia 4 de Novembro (sexta-feira)

Durante a manhã de hoje, as crianças realizaram a atividade de culinária. De seguida, tiveram o momento do sharing. Esta semana o Sharing foi ensaiar a apresentação para a festa de natal. Na minha opinião, a estratégia que estavam a utilizar, não estava a correr bem, pois as crianças já se encontravam a muito tempo sentadas no chão e ficassem inquietas. Posto isto, as crianças foram para a sala ensaiar o teatro da história das abelhas para apresentar no dia dos avós. Enquanto, as crianças ensaiavam, a auxiliar disse-me que tinha falado com a educadora acerca de construirmos um cenário, mas que ainda não tinham tido ideias. De seguida, achei interessante perguntar às crianças o que tínhamos de construir e como podíamos construir, de modo a que a criança tivesse voz ativa no projeto a ser desenvolvido. Assim, as crianças partilharam as suas ideias e em conjunto chegamos todos à conclusão de como iríamos construir a colmeia e a floresta e com que materiais.

Reflexão Semanal de 31 de Outubro a 4 de Novembro de 2016

No decorrer desta semana, pretendi refletir acerca da primeira fase da metodologia de trabalho de projeto, uma vez que foi definido pelo grupo qual o projeto a desenvolver e quem queria participar.

Segundo Rangel e Gonçalves (2011) a MTP rompe com a tradição, com as convicções profundas e os cânones interiorizados sobre o ensino e a aprendizagem (o ensino direto, expositivo e fundamentalmente num sentido só). Deste modo, resolvi conversar com o grupo de crianças para compreender se queriam realizar o projeto que foi proposto pelo pequeno grupo, pois preendo que este parta das necessidades e dos interesses do grupo, assim como valorizasse os conhecimentos prévios que já tinham adquirido, uma vez que considero que as crianças devem ter uma palavra importante quanto aos projetos a serem desenvolvidos e não que estes partam dos interesses do educador, pois “o docente pode também servir-se dos projetos para

conhecer e compreender melhor os seus alunos e identificar melhor os seus conhecimentos e as suas dificuldades, porque consegue vê-los em ação nas suas múltiplas e complexas tarefas” (Perrenoud, 2001, p.116). O trabalho de Projeto é então “uma importante ferramenta de observação formativa” (idem), porque enquanto educadores, ao trabalharmos segundo os interesses e as necessidades das crianças, vai permitir-nos conhecer melhor ao longo do tempo as principais potencialidades e dificuldades do grupo de crianças com que estivermos a trabalhar.

Nesta primeira fase do projeto, negociação e planeamento, foi necessário conhecer o interesse das crianças e perceber o que elas o que elas já sabiam, o que queriam saber e dar oportunidade para que questionassem, uma vez que nesta fase “Formulasse o problema ou as questões a investigar, definem-se as dificuldades a resolver, (...) partilham-se os saberes que já se possuem sobre o assunto, conversa-se em grande e pequeno grupo” (Vasconcelos, 2011, p. 14).

Após escolhida a questão de partida para o projeto, apesar de não ter sido possível realizar esta semana, pretendo futuramente construir uma teia de ideias sobre o que pensam que já sabem, o que querem saber mais, assim como onde querem ir procurar as informações. Segundo Silva (2005) a construção de uma teia é importante, uma vez que se trata de um momento de recolha de informação que se pode designar “avaliação inicial”. A teia vai servir como ponto de partida para a segunda fase, porque “o planeamento de um projeto tem vantagem em ser representado através de uma teia ou rede, em que a questão de partida figura no centro, em torno do qual se situam várias formas de desenvolvimento, enquadradas pelas áreas de conteúdo mobilizadas” (Silva, 2005).

Em suma, segundo Perrenoud (2001) um projeto é um conjunto de tarefas em que todos os alunos se podem envolver e desempenhar um papel ativo, que pode variar em função dos seus meios e interesses” (p.111) e que requer a participação de cada elemento do grupo, segundo as suas capacidades, onde este é decidido, planificado e organizado em conjunto, de modo a que este seja promotor do desenvolvimento e aprendizagem de todos num processo de socialização.

Bibliografia:

Perrenoud, Ph. (2001) *Porquê construir competências a partir da escola?*. Lisboa: Ed. Asa

Rangel, M. Gonçalves, C. (2011). *A Metodologia de Trabalho de Projeto na nossa prática pedagógica*. Porto: Tangerina, Educação e Ensino.

Silva, I. (2005). *Projetos e Aprendizagens*. Porto: Areal Editores.

Vasconcelos, T. (2011). *Trabalho por Projetos na Educação de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Semana de 7 a 11 de Novembro de 2016

Planificação Semanal de 7 a 11 de Novembro de 2016

Semana de 7 a 11 Novembro de 2016		
Intenções	Aprendizagens a promover	Objetivos
<ul style="list-style-type: none">○ Formação pessoal e social	<ul style="list-style-type: none">○ Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social;○ Cooperar com outros no processo de aprendizagem;	<ul style="list-style-type: none">○ Respeitar a opinião do outro;○ Esperar pela sua vez;○ Cooperar na organização e planeamento de um projeto comum
<ul style="list-style-type: none">○ Estimular a Linguagem oral	<ul style="list-style-type: none">○ Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação○ Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).○ Mobilizar conhecimentos para compreender a realidade;	<ul style="list-style-type: none">○ Definir os conhecimentos que já sabem e os que querem saber;○ Participar ativamente na conversa de grupo e na construção da tabela, dando sugestões;
INDICADORES DE OBSERVAÇÃO		
<ul style="list-style-type: none">○ Quando questionei as crianças acerca do que pensavam saber sobre a questão, as crianças apesar de levantarem o dedo começaram a falar todas ao mesmo tempo, gerando alguma confusão. Resolvi entrevir e explicar às crianças que se falássemos todos ao mesmo tempo não conseguíamos ouvir os colegas e que quando colocamos o dedo temos de aguardar a		

nossa vez e não começar a falar.

- Assim, as crianças colocaram os dedos no ar e aguardaram a sua vez; Durante este momento as crianças respeitaram a opinião dos colegas;
- Durante a construção da tabela, apesar de ter ouvido todas as crianças que queriam expressar-se, não registei todas as ideias, pois algumas delas não estavam relacionadas com a questão do nosso projeto. No entanto, em relação a essas crianças, fiz-me sentido ouvi-las e tentar perceber o que estavam a dizer. Apesar disso, tentava sempre transmitir-lhes e fazer-las perceber que aquilo que estavam a dizer não estava relacionado com o que estávamos a debater naquele momento.
- O registo das ideias das crianças foram todos feitos à frente das crianças, para que elas pudessem observar que o que estavam a dizer estava a ser escrito e li-a em voz alta aquilo que estava a escrever para que estas percebessem qual a funcionalidade da escrita. No entanto em relação em ler em voz alta, não realizei sempre esta estratégia.
- Por não ter registado todas as ideias, o que demonstrou da minha parte não ter respeitado todas as crianças, resolvi da parte da tarde, voltar a reunir as crianças em roda, e explicar-lhes que da parte da manhã não consegui escrever as respostas de todos, porque nós falamos mais rápido do que escrevemos.
- Desta forma, fui buscar a tabela construída e li em voz alta as ideias que já tínhamos escrito.
- Posto isto, a MC disse logo: “Olha Ana, não conseguiste escrever o que eu disse”.
- As crianças voltaram de novo a dar a sua opinião e todas foram registadas numa folha a parte mesmo que não tivessem relacionado com a pergunta do projeto. No entanto, muitas das respostas fizeram com que surgissem outras perguntas que eles gostariam de saber, como por exemplo: “Será que os bebés nascem sempre da barriga?”
- Todas as crianças colaboraram na construção da chuva de ideias, no entanto, nem todas referiram conhecimentos relacionados com a temática;

Nota de campo – dia 7 de Novembro (segunda-feira)

Durante a parte da manhã, as crianças realizaram a avaliação do plano do dia de sexta-feira e construíram o plano de hoje. Quando a educadora estava a escrever o plano do dia sobre o que as crianças queriam fazer, o M respondeu que tínhamos de falar dos bebés. Deste modo, começamos por ensaiar o teatro das abelhas e de seguida reuni com as crianças no tapete, para construir a tabela acerca do projeto sobre: “ O que pensamos saber”; “O que queremos saber”; “Onde vamos procurar informação”; “O que queremos fazer”;

Durante a construção da tabela, apesar de ter ouvido todas as crianças que queriam expressar-se não registei todas as ideias, pois algumas delas não estavam relacionadas com a questão do nosso projeto. Ao construir a tabela, apercebi-me que não estava a registar todas as ideias, mas no momento, fez-me sentido dar voz às crianças e tentar compreender o que estavam a dizer, no entanto, tentava sempre transmitir-lhes e fazer-las perceber que aquilo que estavam a dizer não estava relacionado com o que estávamos a debater naquele momento. Apesar disto, os registos foram todos feitos à frente das crianças, para que elas pudessem observar que o que estavam a dizer estava a ser escrito e li-a em voz alta aquilo que estava a escrever mas não realizei esta estratégia sempre.

Após a conversa com a professora Manuela, percebi que mesmo que as crianças digam coisas que não tenham sentido, devemos respeitá-las e registar todas as ideias, pois nesta fase é registado apenas uma chuva de ideias acerca do que pensamos saber mesmo que não estejam corretas. Assim, após esta reflexão, resolvi da parte da tarde, voltar a reunir as crianças em roda, e explicar-lhes que da parte da manhã não consegui escrever as respostas de todos, porque nós falamos mais rápido do que escrevemos. Desta forma, fui buscar a tabela construída e li em voz alta as ideias que já tínhamos escrito. Posto isto, a MC disse logo: *“Olha Ana, não conseguiste escrever o que eu disse”*. As crianças voltaram de novo a dar a sua opinião e todas foram registadas numa folha a parte mesmo que não tivessem relacionado com a pergunta do projeto. No entanto, muitas das respostas fizeram com que surgissem outras perguntas que eles gostariam de saber, como por exemplo: *“Será que os bebés nascem sempre da barriga?”* (cf. Anexo L)

Nota de campo – dia 8 de Novembro (terça-feira)

Durante a parte da manhã, todas as crianças e equipa educativa reuniram-se na Tutor Land para cantarem a música dos bons dias e ensaiarem a apresentação para a festa de Natal. Uma vez que não estava ninguém presente da sala do PE1 eu e a minha educadora distribuímos e eu fiquei a orientar com o grupo dos 3 anos, até

chegar a auxiliar da sala. Posto isto, quando todas as crianças regressaram às suas salas, a educadora aproveitou para ficar com o grupo na Tutor Land para pudermos ensaiar o teatro para o dia dos avós. Inicialmente, como era a primeira vez que as crianças estavam a ensaiar naquela sala, o ensaio não correu muito bem, no entanto, com a explicação da educadora e com o meu apoio, as crianças compreenderam melhor o que tinham de fazer e para onde tinham de ir.

Quando regressamos à sala, eu juntamente com o grupo de crianças do projeto das estrelas, fomos escrever a nossa pergunta para colocarmos no painel, cada criança escreveu uma palavra ou um conjunto de palavras (no caso de é que).

Nota de campo – dia 9 de Novembro (quarta-feira)

Durante a parte da manhã acompanhei as crianças até à natação. Quando regressamos a sala a educadora realizou o desafio da matemática.

Nota de campo – dia 10 de Novembro (quinta-feira)

Durante a manhã de hoje, recebemos na nossa sala as crianças da sala dos Preppers (creche) para nos apresentarem o teatro da história “Era uma vez um cão”. Assim, resolvemos cantar a canção dos bons dias todos juntos, assistir ao teatro e por fim, as crianças fizeram um bolo do cão para podermos todos tomar o snack juntos. Já não é primeira vez que existe esta partilha de saber e este intercâmbio entre as diferentes salas e diferentes valências. Para além disto, a sala dos preppers deixou-nos um desafio da história. Entregaram as imagens dos animais que apareciam na história para depois os colocarmos pela ordem correta.

Quando as crianças da creche saíram da nossa sala, a educadora juntamente com as crianças colocou por ordem os animais com o auxílio do livro para depois cada um ir fazer o registo. Seguidamente, a educadora foi chamando as crianças para realizarem o registo do desafio que nos foi proposto. Decidi participar e comecei por chamar o F. O F. à media que lhe ia questionando acerca da ordem dos animais para colar, este tinha a capacidade de nomear o nome dos animais e ainda concluir a frase “É o jacaré que só tinha um pé”. Após todos os animais estarem colocados, pedi ao F que os contasse. A educadora, ao ouvir o F, decidiu escrever os números até 11 aleatoriamente numa folha e pediu ao F para dizer qual era o número do jacaré e este respondeu “1”. Ela pediu para ele dizer onde estava o número um para depois escreve-lo ao lado do animal. Ao continuar a realizar a atividade com o F, constatei que alguns números, este escreve em espelho, como o 3, o 11.

As 11 horas todas as crianças reuniram-se na Tutor Land para assistir a uma apresentação dos Preppers com a sala dos 5 anos que nos apresentaram a canção da

caixinha de lápis. Todas as crianças da instituição levaram um lápis de uma cor, e todos juntos agruparam-se por cores para pintar uma folha, à medida que se cantava a canção. Quando foi para as crianças se juntarem por cores, as educadoras e as auxiliares tiveram de ajudar ficando cada uma com uma cor.

A seguir ao inglês, a avó Mimi chegou para ensaiar o teatro para amanhã com as crianças. Eu e a educadora estávamos presentes para auxiliar a avó Mimi. No entanto, o ensaio não correu como esperávamos. As crianças não estavam concentradas e estavam bastante agitadas, o que das outras vezes não aconteceu. Entretanto, quando a avó Mimi foi embora, a educadora reuniu as crianças nos círculos para conversar sobre o comportamento que tiveram na presença da avó Mimi.

Nota de campo – dia 11 de Novembro (sexta-feira)

Durante a manhã de hoje, recebemos os avós. Cada sala apresentou o que tinha organizado para este dia, assim dirigimo-nos para a Tutor Land para apresentar o teatro das abelhas. A apresentação correu bastante bem as crianças conseguiram representar sem que houvesse comportamentos menos adequados (como existiu algumas vezes nos ensaios). Seguidamente, cada criança juntamente com os seus avós dirigiram-se para o recreio para comer umas castanhas e brincarem todos juntos. No entanto, reparei que algumas crianças não tinham presentes os avós, assim resolvi subir eu com elas e ajudá-las a descascar as castanhas e brinquei com elas, até os avós chegarem. Apesar disto, existiu algumas crianças que apesar de terem presente os seus avós queriam brincar comigo no recreio, perante esta situação tentei explicar que poderia jogar com elas mas que era mais divertido se jogássemos também com os avós, isto porque o momento não deixava de ser um momento de interação entre netos e avós.

Reflexão Semanal de 7 a 11 de Novembro de 2016

No decorrer desta semana, considerei como aspeto relevante para a minha reflexão, o papel ativo das crianças na sua aprendizagem, uma vez que durante a construção da tabela do projeto com estas, surgiram alguns aspetos que a meu ver, necessitavam de uma reflexão para que fossem alterados.

Durante a construção da tabela, senti algumas dificuldades nomeadamente no que deveria considerar relevante ou não no discurso das crianças. Em algumas respostas das crianças, tentei reformular as suas opiniões para que fossem mais ao encontro da pergunta do nosso projeto e também para me certificar que tinha compreendido corretamente o que estas me estavam a transmitir. Segundo Castro e Ricardo (1994) a reformulação do que as crianças disseram – para nos certificamos se

compreendemos – são outras tantas maneiras de melhorar a qualidade da escuta e, simultaneamente oferecer ao nosso interlocutor um feedback sobre o que percebemos da sua mensagem. (p.23). No entanto, este feedback nem sempre aconteceu da minha parte. Quando as crianças diziam coisas relacionadas com a pergunta do projeto – e que eu as considerava bastante pertinentes – existiu sempre um “*Muito bem*” e um “*Muito interessante*”. “O elogio é um instrumento poderoso e se este não for bem utilizado pode ter uma influência negativa . . . [e que em vez] de fortalecer os alunos, torna-os passivos e dependentes da opinião dos outros” (Dweck, 1999, citado por Folque, 2014, p.95).

Esta atividade da construção da tabela realizou-se em grande grupo, devido à natureza da tarefa, “pois para uma discussão abstrata o número de participantes pode ser maior” (Castro & Ricardo, 1994, p.27). Assim, pretendi estabelecer uma relação onde as crianças fossem capazes de partilhar ideias, desejos e sentimentos com os outros numa perspetiva de cooperação (Portugal, 2012, p. 6). Na mesma linha de pensamento, Folque (2014) defende que as atividades que são realizadas em grande grupo criam um espaço para o debate em grupo e para tomar decisões em que são expressas e tidas em conta as diferentes opiniões e construídos novos significados, criando uma comunidade cooperativa em que é partilhada a responsabilidade de cada um pela aprendizagem e desenvolvimento de todos os outros (p.101). deste modo, tentei criar um clima de expressão livre onde todas as crianças tinham de respeitar as opiniões do grupo. No entanto, eu própria não respeitei na totalidade as crianças, pois não apontei todas as suas respostas, uma vez que algumas não considerei pertinentes porque nem sequer tinham a ver com o projeto.

O papel do educador e de escutar as crianças. “Escutar é estar aberto aos outros e ao que eles têm para dizer, é considerar os outros como sujeitos que contribuem para a investigação partilhada . . . é saber valorizar e legitimar as mensagens de quem comunica e, deste modo, colocar em diálogo as diferenças” (Lino, 2013, p.127-128). Assim como futuros educadores devemos privilegiar o ouvir e o falar, dando primazia à escuta atenta da criança, uma vez que, desde muito cedo, estas “evidenciam uma elevada competência em escutar e ser escutadas, sendo este um direito que deve ser respeitado por todos os que com elas interagem” (Lino, 2013, p.128). Assim, da parte da tarde resolvi reunir de novo as crianças e explicar-lhes que não consegui escrever as respostas que todos tinham dito, uma vez que escrevemos mais devagar do que falamos e se estas concordavam eu dar a sua opinião uma vez mais. As crianças concordaram, e construímos uma chuva de ideias com todas as repostas, sendo estas pertinentes ao projeto ou não, que mais tarde será trabalhada

com as crianças para que estas façam uma selecção das ideias que realmente dão resposta à nossa pergunta e as que não dão.

Em suma, de acordo com Folque (2014) é importante que haja uma negociação com as crianças, em que os momentos de reunião, fazem com que estas participem ativamente, através da negociação de contratos de aprendizagem. A mesma autora, defende também que é importante porque permite que as crianças expressem as suas opiniões e desenvolvam um papel pró-ativo na aprendizagem (p.54).

Bibliografia:

Castro, L; & Ricardo, M. (1994) *Gerir o Trabalho de Projecto* – um manual para professores e formadores. Lisboa: Texto Editora.

Folque, M. (2014). *O aprender a aprender no pré-escolar: o modelo pedagógico do movimento da escola moderna*. Avenida da Berna - Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lino, D. (2013). O Modelo Pedagógico de Reggio Emilia. Em Oliveira-Formosinho, Formosinho, Lino, & Niza, *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (pp. 109-140). Porto: Porto Editora.

Portugal, G. (2012). Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche. Porto: CN

Semana de 14 a 18 de Novembro de 2016

Planificação Semanal de 14 a 18 de Novembro de 2016

Semana de 14 a 18 de Novembro de 2016		
Intenções	Aprendizagens a promover	Objetivos
<ul style="list-style-type: none"> ○ Estimular a linguagem e a abordagem à escrita; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação ○ Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade). ○ Mobilizar conhecimentos para compreender a realidade; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Identificar conhecimentos relacionados com a temática; ○ Selecionar as informações pertinentes;
<ul style="list-style-type: none"> ○ Formação pessoal e social 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Cooperar com outros no processo de aprendizagem; ○ Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Respeitar a opinião do outro; ○ Participar ativamente na conversa de grupo e na construção da teia, dando sugestões; ○ Participar ativamente na negociação e planeamento de um projeto;
Indicadores de Observação		
<ul style="list-style-type: none"> ○ Sentei as crianças em grande grupo em roda; ○ Quando referi que íamos construir a teia do nosso projeto, as crianças questionaram: “Ana o que é uma teia do Projeto?” –F., ao 		

qual uma criança respondeu *“é como uma teia de aranha” - FP.*

- Deste modo, considerei pertinente explicar que a estrutura era parecida só que esta iria ter as nossas questões do projeto, as nossas ideias e onde queríamos ir procurar – iria conter todas as informações relacionadas com o nosso projeto.
- Assim, comecei por explicar que tínhamos escrito muitas ideias na nossa Chuva de Ideias do que pensamos saber, e que agora, eu iria ler todas as respostas e juntos teríamos de escolher e perceber quais são as que dão resposta às nossas perguntas e as que não dão.
- Durante este processo, enquanto eu lia as respostas dadas por elas algumas crianças entravam em discordância, ou seja a grande maioria referia que aquela ideia não estava relacionada com o projeto mas outras diziam que sim. No entanto, algumas crianças respondiam: *“Mas isso não responde à nossa pergunta F., porque olha nós queremos saber porque é que os meninos têm bebés, e dizer porque eles gostam das mães não responde, percebes?”*. As crianças através da explicação dos colegas acabaram por concordar que algumas ideias não davam resposta ao projeto mesmo que tivessem sido elas a dizer-las durante a construção da chuva de ideias.
- Desta forma, as crianças mostraram-se todas muito interessadas e acabaram por acrescentar ideias e opiniões para além das que já tinham dito anteriormente.
- Para que estas compreendessem melhor a Teia, uma vez que desconheciam esta forma de abordar o projeto, resolvi escolher cores diferentes para que estas percebessem o que eram as perguntas, quais as respostas e como queriam descobrir.
- Através das cores as crianças começaram a interiorizar a atividade e elas próprias começaram a dizer *“Ana agora é azul porque é outra pergunta que nós queremos saber”*.
- Após termos terminado a construção da teia questioneei as crianças em que espaço da nossa sala eles a queriam expor, ao qual escolheram colocar no vidro da sala.

Nota de campo – dia 14 de Novembro (segunda-feira)

Hoje quando entrei na sala, muitas das crianças vieram ter comigo para partilharem o que tinham feito no fim-de-semana. Deste modo, sentamo-nos todos em roda para realizar a reunião da manhã, em que cada um contou o que tinha feito no fim-de-semana. Quando a K. entrou na sala, dirigiu-se a mim e deu-me um beijinho e um abraço. Após termos todos contado o fim-de-semana (inclusive os adultos) a educadora juntamente com as crianças preencheram o plano do dia e de seguida fomos tomar o snack que a MC e o MM tinham trazido para partilhar com os amigos - romãs e beijinhos. Seguidamente, enquanto a educadora realizar o registo do fim-de-semana e a auxiliar ajudava na ilustração eu resolvi terminar o desafio da História “Era uma vez um cão” com as crianças que ainda não tinham feito (cf. Anexo M). Ao longo da atividade tenho constatado que algumas crianças não reconhecem a ordem dos animais, talvez por ter já passado algum tempo, secalhar teria sido interessante na hora do conto da manhã termos lido a história. Para além disto, foi possível observar que algumas crianças não têm adquirido o grafismo dos números, uma vez que eu pedia para eles apontarem para onde estavam o número 3 por exemplo e algumas crianças não sabiam identificar, como a M., a K. e o B.. No que concerne à contagem, sempre que era para identificar o número de um certo animal algumas delas tinham de voltar a contar desde o início para saber qual o número correspondente ao animal, outras crianças conseguiam fazer corresponder 6 aos animais no entanto a partir deste tinham de voltar a contar desde o início.

Nota de campo – dia 15 de Novembro (terça-feira)

Durante a manhã de hoje, as crianças da instituição reuniram-se na Tutor Land para ensaiarem a festa de natal. Quando regressaram à sala, as crianças foram comunicar o projeto das estrelas às crianças da sala ao lado (PE1). Durante a comunicação foi notório que algumas crianças tiveram dificuldades em se expressarem perante os outros. No entanto, com a minha ajuda e da educadora a comunicação do projeto correu bastante bem, e as crianças que estavam a assistir mostraram-se muito interessadas e até colocaram questões no final. Seguidamente, como as crianças já se encontravam a muito tempo sentados e orientados, decidimos ir todos até ao recreio. Por fim, regressamos à sala e juntamente com as crianças decidi construir a teia do projeto.

Quando referi que íamos construir a teia do nosso projeto, as crianças questionaram: “*Ana o que é uma teia do Projeto?*” - F, ao qual uma criança respondeu “*é como uma teia de aranha*” - FP. Deste modo, expliquei que a estrutura era parecida

só que esta iria ter as nossas questões, as nossas respostas e onde queríamos ir procurar. Assim, comecei por explicar que tínhamos escrito muitas ideias na nossa Chuva de Ideias do que pensamos saber, e que agora, eu iria ler todas as respostas e juntos teríamos de escolher e perceber quais são as que dão resposta às nossas perguntas e as que não dão. Desta forma, as crianças mostraram-se todas muito interessadas e acabaram por acrescentar ideias e opiniões para além das que já tinham dito anteriormente. Para que estas compreendessem melhor a Teia, uma vez que desconheciam esta forma de abordar o projeto, resolvi escolher cores diferentes para que estas percebessem o que eram as perguntas, quais as respostas e como queriam descobrir. Através das cores as crianças começaram a interiorizar a atividade e elas próprias começaram a dizer *“Ana agora é azul porque é outra pergunta que nós queremos saber”*. Após termos terminado a construção da teia questionei as crianças em que espaço da nossa sala eles a queriam expor, ao qual escolheram colocar no vidro da sala (cf. Anexo N). Para além disso, perguntei-lhes como queriam fazer o registo das descobertas que íamos fazer ao longo do projeto, no qual as crianças escolheram fazer um livro com todas as informações e que nas folhas podíamos fazer uma moldura colorida uma vez que os bebés gostam de muitas cores.

Nota de campo – dia 16 de Novembro (quarta-feira)

Como sempre, hoje é dia de natação, no entanto desta vez eu não acompanhei as crianças à natação ficando na sala com a educadora e as restantes que não têm natação. Logo durante a reunião da manhã, o B. apresentou o que tinha trazido de casa – pão quente com sementes – que tinha feito com a mãe para partilhar com os amigos. Assim o nosso snack da manhã foi o pão que ele tinha trazido. Durante este momento, enquanto as poucas crianças que tínhamos comiam o pão, a educadora aproveitou para perguntar-me como tinha corrido as aulas, se estava tudo a correr bem, e que considerou que as crianças estavam bastante interessadas ontem na construção da teia. Tudo isto deixa-me bastante confortável e segura porque sinto que para além de me estar a transmitir todo o conhecimento e estar sempre a dar-me feedback das atividades que realizo, também é uma pessoa que se preocupa com o meu bem-estar.

Durante o resto da manhã, realizei algumas atividades com as crianças que estavam presentes. Primeiramente, resolvi terminar a atividade da história com o J. Mais uma vez foi notório que as crianças conhecem a ordem dos números, mas desconhecem o seu grafismo pois sempre que pedia para identificar os números este não reconhecia. Seguidamente, resolvi escolher algumas crianças para recolhermos imagens para legendar a nossa teia. Assim o MM desenhou uma mãe com um bebé

na barriga e o T começou a procurar nas revistas imagens relacionadas com os bebés. Quando o MM terminou o seu desenho, ficou bastante interessado e curioso na atividade e resolveu ir ajudar o T. Quando estes encontraram coisas de bebés ficavam muito contentes e tão interessados que se levantavam e iam mostrar as imagens que tinham recortado das revistas sobre os bebés aos amigos que estavam a brincar nas áreas. Durante o recorte o MM e o T descobriram uma coisa nova, pois estes encontraram uma ecografia. Quando a encontraram disseram que aquela imagem era diferente das outras e perguntaram-me o que era, ao qual eu expliquei que uma ecografia era uma fotografia que se tirava com o bebé dentro da barriga da mãe. Por fim, juntei-me ao TC e ao J. que estavam a brincar com Quisner e que cada um tinha feito uma construção que não queria desmontar, no entanto uma vez que é preciso arrumar as peças para que outras crianças possam brincar, sugeri-lhes que desenhassem aquilo que tinham construído. A educadora ao ver o J e o TC a irem buscar uma folha, perguntou-lhes o que iriam fazer e quando percebeu para que servia a folha esta foi buscar folhas quadriculadas uma vez que era mais fácil desenhar porque o material é feito de cubos. Ao analisar o raciocínio das crianças foi possível verificar que o TC conseguiu representar mais facilmente a sua construção do que o J pois este desenhava consoante o número de cubos que tinha de cada cor e a sua posição (cf. Anexo O).

Quando as crianças da natação chegaram, sugeri que apresentássemos o que tivemos a fazer durante o tempo que eles tiveram fora. O MM e o T começaram por apresentar as imagens e os desenhos que tinham feito e para que vão servir, dizendo ao amigos que tinham descoberto uma coisa nova – uma ecografia. Ao ouvir isto o B. entendeu e disse *“Ana eu sei o que é uma ecografia, e uma imagem do bebé na barriga e que aparece numa televisão do médico”*. Após esta apresentação o J e o TC, resolveram contar o que tinham feito com o jogo e mostrar o desenho que tinham feito deste porque tinham de arrumar as peças. As restantes crianças ficaram muito entusiasmadas e muitas até comentaram as apresentações dos colegas. Posto isto, a educadora e eu referimos que tínhamos de fazer mais vezes estes momentos de comunicação e que sempre que estes quisessem podiam mostrar aos amigos as construções e as produções que realizaram.

Por fim, a educadora realizou a experiência do Balão. Foi interessantes as respostas que as crianças deram do que achavam que ia acontecer ao balão, muitas delas disseram: *“Eu acho que o balão vai ficar molhado” - FP; “Acho que vai ficar azul” - F. “O Bicarbonato de sódio vai para a garrafa” – B. “Acho que o balão vai encher-se de vinagre” – FP*. Quando a educadora colocou o balão na garrafa e este encheu as

crianças ficaram super surpreendidas a olhar para o balão pois nunca pensavam que este se ia encher.

Nota de campo – dia 17 de Novembro (quinta-feira)

Durante a reunião da manhã de hoje, o MM quis partilhar um desenho que tinha trazido. Quando o MM mostrou o desenho, ele referiu que tinha desenhado a mãe com um bebe na barriga. A educadora perguntou-lhe quem é que estava lá dentro e o MM respondeu “*Eu*”. Posto isto, eu e a educadora referimos que depois tínhamos de acrescentar esse desenho ao nosso projeto. Ainda na reunião da manhã, a educadora explicou em grande grupo a atividade que se ia realizar. A atividade consistia em registar a atividade experimental que realizamos ontem, as crianças tinham de escrever o nome e de seguida a palavra Balão. Deste modo, a educadora resolveu perguntar às crianças como se escrevia balão, quais eram os sons que estas ouviam que constituía a palavra balão. Através do exercício silábico as crianças conseguiram identificar cada letra que compunha a palavra por exemplo “BA-LÃO”, as crianças diziam “é o B e o A”. Para promover a linguagem e a escrita a educadora resolveu fazer o mesmo exercício com outras palavras, como água e Funil. Foi observável que as crianças tiveram facilidade em escrever água mas funil já apresentavam algumas dificuldades, conseguindo só identificar o som “U” e o som “I”.

De seguida, enquanto a educadora adiantava o projeto das abelhas, eu e a auxiliar fomos realizar o registo da experiência. Após terem terminado as crianças foram brincar para as áreas. Na área dos blocos encontravam-se a MC, I e a Luísa. Assim curioso a construção que estavam a fazer e então decidi juntar-me a elas. Quando me sentei no chão e I virou-se para mim e disse “*Olha Ana, isto é uma garagem, é uma comunicação*”. Assim eu virei-me para ela e disse “*Querem fazer uma comunicação é isso?*” e em conjunto as crianças disseram que sim, o B. e o MM (crianças que costumam estar nos blocos) ao verem a construção das meninas e terem ouvido que estas iam partilhada, perguntaram-me se podiam ir fazer um desenho para poderem também comunicar, mas como tínhamos de ir á horta porque de seguida íamos ter inglês eu disse as crianças para arrumarem as peças que não usaram e quando acabasse o inglês iriam comunicar a sua construção, assim como pedi ao MM e ao B. que podiam fazer o desenho depois, porque agora tínhamos de arrumar.

Após ter terminado o inglês as crianças sentaram-se nas estrelas e as crianças que fizeram a construção foram fazer a comunicação. Assim a MC começou “*Olá, nós vamos fazer a nossa comunicação*”. De seguida a I começou por explicar juntamente com a Luísa que tinham construído uma garagem e a MC entrevistou dizendo “*Eu*

construi uma casa, para as pessoas que vivem aqui puderem guardar aqui o carro". Depois de terem terminado a sua apresentação, disse para a I perguntar se os amigos queriam fazer comentários ou dar sugestão. Desta forma, as crianças levantaram os braços e cada uma das meninas deu a voz para cada menino falar na sua vez. Os comentários das crianças basearam-se no *"gosto muito; achei interessante; acho que construíram muito bem"* para além destes comentários algumas crianças apontavam para a construção e questionaram o que era para compreenderem melhor a construção. Por fim, uma vez que temos constado que algumas crianças não conhecem as formas geométricas eu perguntei às crianças que formas e que tinham utilizado na sua construção e para que. Assim a I. respondeu *"Usamos estes retângulos para fazer o chão da garagem"* e a Luísa disse *"E estes quadrados para enfeitar"* (cf. Anexo P)

Nota de campo – dia 18 de Novembro (sexta-feira)

Durante a manhã de hoje, as crianças apresentaram a sexta-feira fantástica – Otimismo. As crianças trouxeram desenhos, livros de histórias e todos tentaram explicar o que era o otimismo no qual responderam *"é saber que uma coisa vai correr bem"*. Posto isto, a educadora leu a história que a I. tinha trazido sobre uma baleia. Quando terminou a história a educadora perguntou às crianças palavras que rimam com Baleia. Com a ajuda desta as crianças chegaram a algumas palavras que a educadora resolveu escrever no quarto.

Baleia

Andreia Geleia Teia Sereia Areia

Ainda durante a manhã, as crianças assistiram ao momento do Sharing dinamizado pela sala do PE1. No final, fomos passear até ao parque com as crianças do PE1. Quando regressamos do parque as crianças foram realizar o registo das palavras que rimam onde tinham de escrever a palavra e depois ilustrá-las.

Reflexão Semanal de 14 a 18 de Novembro de 2016

No decorrer desta semana, considerei como aspeto relevante para a minha reflexão, a importância do desenvolvimento da linguagem. Decidi abordar este tema porque, pela primeira vez vi a educadora a trabalhar as rimas com as crianças.

A partir da análise do Projeto Pedagógico de Sala e através da minha observação, a educadora da sala, onde estou a realizar a minha Prática Profissional, tem como prioridade a estimulação oral. Considero que a educadora tem como prioridade este objetivo, uma vez que, existem crianças no grupo com bastantes dificuldades ao nível da linguagem, onde duas delas são acompanhada pela terapeuta

da fala. Para além de todas as formas utilizadas pela educadora para promover a linguagem, achei este o momento mais importante porque, “ a capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o dialogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar” (Lopes da Silva et al, 2016, p.61).

Considero que a evolução da linguagem da criança é um processo gradual e não é igual em todas, pois cada uma tem o seu próprio ritmo de aprendizagem. “ Ao conversar com a criança, o adulto desempenha o papel de “andaime”, interpelando-a, clarificando as suas produções, expandindo os enunciados que a criança produziu e providenciando modelos que ela testa. Esta função do adulto é determinante no processo de desenvolvimento do jovem aprendiz de falante. (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008, p.11). No entanto, apesar da aprendizagem da língua ser um processo gradual, o tempo que esta se desenvolve depende muito do ambiente. É função do educador promover um ambiente que estimule a linguagem, como por exemplo, brincar com as crianças, realizar muitos jogos, a leitura de muitas historias, dar tempo para a criança se expressar, bem ou mal, mas nunca falar por ela, pois é através destes momentos que se desenvolve a linguagem nas crianças. De acordo com a mesma autora, o gosto pelas rimas, este é um dos primeiros indicadores de um nível superior de conhecimento que indica ao educador já alguma consciência linguística por parte das crianças.

Ao longo da educação pré-escolar, as crianças não só continuam a progredir na aquisição da língua materna como também começam a desenvolver algumas intuições sobre a estrutura e funcionamento da própria língua. Assim, as rimas, como também as lengalengas, são aspetos da tradição cultural portuguesa que podem ser trabalhados na educação pré-escolar. Todas estas formas de expressão (...) podem ainda ser meios de competência metalinguística, ou seja, de compreensão do funcionamento da língua.” (Sim-Sim & Nunes, 2008, p.55). Deste modo, as Orientações Curriculares procuram sensibilizar os educadores para atividades específicas que conduzam as crianças a refletir sobre os segmentos sonoros das palavras, nomeadamente através de rimas e lengalengas

Desta forma, segundo Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) “a qualidade do contexto influencia a qualidade do desenvolvimento da linguagem. Quanto mais estimulante for o ambiente linguístico, e quanto mais ricas forem as vivências experienciais propostas, mais desafios se colocam ao aprendiz de falante e maiores as possibilidades de desenvolvimento cognitivo, linguístico e emocional” (p.12).

Bibliografia:

Marques, L.; Mata, L.; Rosa, M. & Silva, I. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE). Lisboa

Sim-Sim, Silva & Nunes (2008) *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância*. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular: Ministério da Educação
Linguagem rimas para as crianças

Semana de 21 a 25 de Novembro de 2016

Planificação Semanal de 21 a 25 de Novembro de 2016

Semana de 21 a 25 Novembro de 2016		
Intenções	Aprendizagens a promover	Objetivos
<ul style="list-style-type: none">○ Estimular a linguagem oral e a escrita;	<ul style="list-style-type: none">○ Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;○ Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).○ Identificar funções no uso da leitura e da escrita.○ Usar a leitura e a escrita com diferentes funcionalidades nas atividades, rotinas e interações com outros;○ Aperceber-se do sentido direcional da escrita;	<ul style="list-style-type: none">○ Comunicação oral: Explicar adequadamente as ideias registadas○ Registrar as palavras descobertas;○ Identificar as letras, reproduzindo-as de modo cada vez mais aproximado;○ Desenvolver o sentido direcional da escrita;
<ul style="list-style-type: none">○ Promover a aquisição de novos conhecimentos na área do	<ul style="list-style-type: none">○ Descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações que	<ul style="list-style-type: none">○ Cooperar em atividades desenvolvidas em grupo;

conhecimento do mundo.	<p>observa no meio físico e natural.</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Demonstrar cuidados com o seu corpo e com a sua segurança. ○ Utilizar diferentes suportes tecnológicos nas atividades do seu quotidiano com cuidado e segurança; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Estimular o uso a novas tecnologias; ○ Identificar o processo de evolução do feto;
<ul style="list-style-type: none"> ○ Matemática 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Recolher informação pertinente para dar resposta a questões colocadas, recorrendo a metodologias adequadas (listagens, desenhos, etc.). ○ Utilizar gráficos e tabelas simples para organizar a informação recolhida e interpretá-los de modo a dar resposta às questões colocadas. ○ Compreender que os objetos têm atributos mensuráveis que permitem compará-los e ordená-los. ○ Escolher e usar unidades de medida para responder a necessidades e questões do quotidiano 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Tratar os dados recolhidos; ○ Adquirir noções de medida;
<ul style="list-style-type: none"> ○ Formação pessoal e social 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Valorizar e respeitar cada criança; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Fomentar as escolhas das crianças;
Estratégias		

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
<ul style="list-style-type: none"> ○ Registo do Fim-de-semana – atividade proposta pela educadora 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Iniciação à pesquisa do projeto: Exploração do Livro “A mama pôs um ovo” e “E de onde saiu este bebé? – A minha primeira biblioteca de iniciação sexual e afetiva” ○ Registo em grande grupo das descobertas feitas; ○ Registo em pequenos grupos das palavras que aprenderam; <p><u>Materiais:</u> - Livro “A mama pôs</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Construção do gráfico das alturas com que cada criança nasceu e discussão dos resultados (não foi possível realizar por não termos os dados todos recolhidos); <p><u>Materiais:</u> - As alturas das crianças; - Material à escolha das crianças; - Tiras com quadrados de 10 cm; - Folhas brancas - caneta</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Comunicação do projeto das Abelhas – atividade proposta pela educadora 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Sharing ○ Construção e análise do gráfico das alturas com que nascemos (atividade que era para ser realizada na quarta)

	<p><i>um ovo”</i> - Livro: “<i>E de onde saiu este bebé? – A minha primeira biblioteca de iniciação sexual e afetiva”</i> de Caterina Candia, Mercedes Botella, Pilar Lopezosa e José Morfa - Folha - Caneta - Computador</p>			
INDICADORES DE OBSERVAÇÃO				
Terça-feira	<ul style="list-style-type: none"> ○ A medida que ia explicando o processo de crescimento do bebé no útero as crianças acrescentavam opiniões e colocavam questões acerca do tema. ○ À medida que lia a história a MC e o T não estavam sentados corretamente o que demonstrava não estarem atentos. Este é um comportamento muito observável nestas crianças o que por sua vez estão a ser acompanhadas pela psicóloga. No entanto com uma chamada de atenção minha, de modo a motivá-los, estes sentaram-se corretamente e ouviram a história até ao fim. ○ Quando mostrei o livro que tinha trazido com informações, as crianças demonstraram-se curiosas e atentas aquilo que lhes ia mostrar. Considero que o livro foi uma boa estratégia para despertar o interesse e a atenção das crianças mesmo das que apresentam dificuldade neste domínio de desenvolvimento. O facto de ter partilhado um livro pessoal, fez com que as crianças sugerissem a construção de um livro com as famílias que constassem estórias de quando eram bebés para partilharmos, posteriormente (surgimento de uma nova atividade). 			

- Quando terminei a explicação com o apoio da educadora e juntamente com as crianças tentamos resumir a explicação que tinha sido feita;
- As crianças compreenderam facilmente o conteúdo da história, uma vez que, identificaram o processo de reprodução e evolução do feto, tendo apenas dificuldades em referir a palavra “placenta”. Como as crianças demonstraram dificuldade em pronunciar a palavra, sugeri fazermos o registo das palavras que estas tinham aprendido novas fazendo corresponder com uma imagem escolhida por elas.
- Em relação ao registo das palavras, foi dada oportunidade ao grupo de referenciar as palavras que tinham aprendido e que estavam relacionadas com o tema;
- Durante o registo da aprendizagem, as crianças conseguiram referenciar todas as etapas do processo de reprodução tendo apenas dificuldade mais uma vez em referenciar a palavra “placenta”, dizendo sempre “uma bolsa”;
- Durante o registo no computador, a Luísa, a MC e B. apresentaram algumas dificuldades no reconhecimento das letras porque no computador estas estão escritas em maiúsculas. Assim, escrevi as letras em minúsculo e coloquei-as junto do computador para que estas pudessem fazer a correspondências. No entanto, uma das estratégias das crianças para resolver a tarefa foi recorrer ao conhecimento dos colegas. Assim, estes trabalhavam em equipa e ajudavam-se uns os outros, consoante as letras que cada um já conhecia. A I. e o D já tiveram maior facilidade em identificar as letras na sua maioria.
- No registo escrito, a M, o J., o A., o TC e a K. não apresentaram dificuldades, reconhecendo o grafismo das letras e o sentido direcional da escrita.
- **Assim, foi possível constatar, que muitas das crianças demonstraram dificuldade em encontrar as letras no computador, no entanto não é uma tarefa fácil. No que diz respeito à escrita das palavras, as crianças revelaram demonstrar conhecimento de muitas letras, pois bastava eu ditar as letras e elas escreviam.**

	<ul style="list-style-type: none"> ○ Ainda nesta discussão, as crianças obtiveram a informação de que os bebês inicialmente são do tamanho de uma semente e que se desenvolvem ao longo do tempo, despertando nestas o interesse em descobrir com que tamanho é que tinham nascido. Sugeri que pedíssemos a coloração dos pais, no fornecimento da resposta a esta questão, e a partir das informações fornecidas por estes, poderíamos construído um gráfico com as diferentes alturas das crianças.
Proposta	<ul style="list-style-type: none"> ○ Os cartões serão plastificados para colocarmos no livro das descobertas do nosso projeto para mais tarde quando tivermos todas as palavras, cada criança vai realizar um registo individual para colocar no seu caderno.
Quarta-feira	Atividade não foi possível realizar neste dia e será realizada na sexta-feira
Sexta-feira	<ul style="list-style-type: none"> ○ Quando regressamos à sala, iniciei a atividade do gráfico das alturas com que as crianças nasceram. De forma a introduzir a atividade, comecei por dizer: <p><i>“Sabem no outro dia a Ana ficou a pensar na conversa que tivemos acerca do tamanho dos bebês. Que vocês queriam descobrir com que tamanho nasceram. Então nós descobrimos que os bebês na barriga da mãe começam muito pequeninos do tamanho de uma semente e ao longo do tempo eles vão crescendo e depois nascem. E vocês acham que nascemos todos do mesmo tamanho?”</i></p> <p>Crianças: Não, eu acho que nascemos com tamanhos diferentes Estagiária: então o que é que eu tenho aqui na minha mão? Crianças: é uma régua Estagiária: E para e que serve as réguas? Crianças: e para medirmos Educadora: mas será que só podemos medir com réguas? O que é que a didi tem aqui na mão? Crianças: é uma fita Estagiária: muito bem, é uma fita métrica. As fitas métricas também servem para nos medirmos. E vocês não gostavam de descobrir com que altura vocês nasceram?</p> ○ Posto esta conversa inicial, comecei por referenciar as alturas de algumas crianças e a compararmos com a

régua, se eram mais pequenos, maiores ou iguais que a régua.

- Inicialmente, as crianças estavam a ter algumas dificuldades em perceber quem tinha mais centímetros que a régua ou menos, talvez devido aos números serem grandes, no entanto quando apontava para a régua era mais perceptível para estas. No entanto, à medida que íamos fazendo estas comparações as crianças fizeram novas descobertas:

I.: Ana a M.B e eu nascemos com a mesma altura

B.: Ana, eu e o João também temos a mesma altura

- No geral as crianças estavam empenhadas e concentradas na atividade
- Como queria que as crianças compreendessem melhor o objetivo da atividade, resolvi, no registo das alturas realiza-la em pequenos grupos.
- As crianças foram autonomamente buscar os materiais que queriam utilizar para decorar a sua fita;
- A medida que as crianças começaram a utilizar os materiais que escolheram chegaram à conclusão que não conseguiam desenhar com alguns materiais como por exemplo as canetas grossas porque os quadrados eram pequenos: I.: *“Ana não dá para desenhar com estas canetas porque os quadrados são pequenos e assim não se percebe os meus corações”*.
- Deixei que cada criança desenhasse aquilo que gostava para identificar a sua fita. Ao analisar as fitas tomei conhecimento que a I., estava a construir um padrão ao desenhar os corações de cores diferentes e quando chegasse a última cor voltava ao início, assim resolvi explicar-lhe o que esta estava a construir mesmo esta não sabendo o termo técnico. No entanto, já para o final ela atrapalhou-se.
- Outra situação que me chamou á atenção foi o do António que quando lhe disse para ele desenhar o que quisesse na sua fita métrica este resolveu desenhar os números nos quadrados até ao 48 cm (que era o que este media quando nasceu). Em relação à escrita dos números o António apenas se atrapalhou nos últimos números.

- | | |
|--|---|
| | <ul style="list-style-type: none">○ Não foi possível terminar a atividade, ou seja, não consegui fazer a análise e discussão dos resultados com o grupo, pois apercebi-me que as crianças já se encontravam algum tempo numa atividade orientada e precisavam de um tempo livre para correrem |
|--|---|

Nota de campo – dia 21 de Novembro (segunda-feira)

Durante a parte da manhã, cantamos os parabéns à M. e de seguida a educadora juntamente com as crianças avaliaram o mapa de tarefas e todos chegamos à conclusão que as tarefas não estavam a ser realizadas na sua totalidade. Assim, a educadora conversou com as crianças e foram distribuídas de novo pelas tarefas. Seguidamente, tomamos o snack que o MM tinha trazido – pão-de-ló. Posto isto, fomos até ao refeitório para lavar as alfaces e corta-las para a hora de almoço todas as crianças da instituição comerem. Assim resolvemos fazer um cartaz para comunicar as crianças o que tínhamos feito.

Quando regressamos à sala, as crianças fizeram o registo do fim-de-semana. Desta forma, fiquei com um pequeno grupo. Quando perguntei à Luísa qual era a letra que ela queria caçar ela apontou para o R e eu perguntei:

Eu: “Que letra é essa Luísa?”

L: É o L”

Eu: Sera que é o L, vê lá se é igual ao L do teu nome

L: Não

Eu:Entao procura e vê se tens uma igual a esta

L: Esta aqui

Eu: Muito bem que letra é essa então?

L: É o L.

Eu: Não, o L não é esse a ana vai fazer aqui (escrevo o L mausculo e minusculo) vê lá se essa letra é igual ao que Ana escreveu?

L: Não não é igual

Eu: Então que letra é essa

L: É o L

Eu: Não, não é o L, vê lá se é igual ao que a Ana escreveu;

L: Não não é, mas eu não sei qual é o nome desta;

Eu: Não faz mal não sabermos, mas entao a Ana diz-te este é o R;

L: R

Eu: Tens algum R no teu nome? L. apontou

Eu: Muito bem e como podes ver esta letra não é igual ao L do teu nome

L: Pois não

Eu: Entao que letra é esta?

L: E o R já aprendi Ana, quero caçar os R.

Nota de campo – dia 22 de Novembro (terça-feira)

Durante a parte da manhã, as crianças reuniram-se na Tutor Land para ensaiar a festa de Natal. Quando regressamos à sala, reuni as crianças nas estrelas para começar a minha atividade do projeto.

Desta forma, comecei por questionar as crianças o que é que costumamos trabalhar á terça-feira no qual as crianças responderam “*Projetos*” e logo de seguida a MC respondeu “*Porque é que os meninos não podem ter bebés*”. Assim, expliquei as crianças que tinha trazido uma história “*A mama pôs um ovo*” (uma das formas de pesquisa que as crianças referenciaram na tabela) para descobrirmos algumas informações em relação ao nosso projeto.

Primeiramente, comecei por analisar com as crianças a estrutura de um livro, onde as crianças referenciaram a capa, a contracapa, e a lombada, quem é que escreve a história – autor e quem realiza os desenhos – o ilustrador. De seguida comecei por ler a história e ao longo da leitura, fui remetendo para os aspetos pertinentes à nossa temática:

“O pai tem umas sementes que coloca na barriga da mãe. Essas sementes fazem uma corrida até ao Óvulo e é dentro desse óvulo que o bebe se começa a desenvolver”.

Quando terminei, referi ao grupo que quando tinha a idade deles eu também fiz a mesma pergunta aos meus pais e então a minha mãe comprou-me um livro que se chama “*E de onde saiu este bebé? – A minha primeira biblioteca de iniciação sexual e afetiva*” para me explicar. As crianças demonstraram-se muito curiosas e entusiasmadas pelo livro ser meu quando eu era pequena. Através desse livro, resolvi mostrar, com imagens reais, aquilo que ouvimos na história da mama pôs um ovo e acrescentar informação:

“Como ouvimos na história o pai tem umas sementes que ficam na barriga da mãe, essas sementes vão numa corrida até ao óvulo (mostrei imagem do óvulo) depois essa semente vem por estes tubos e fica dentro de uma bolsa chamada placenta e essa placenta está dentro do útero (mostrei imagem real).

A partir dessa consulta, as crianças, em grande grupo, discutiram acerca das suas descobertas e recorreram a um processo de organização e registo das mesmas juntamente comigo, como também das palavras cujo significado desconheciam. Esse registo, como sugestão das crianças, foi realizado em computador e, posteriormente, foram criados cartões para serem utilizados por elas sempre que necessário (Anexo H).

Ainda nesta discussão, as crianças obtiveram a informação de que os bebés inicialmente são do tamanho de uma semente e que se desenvolvem ao longo do tempo, despertando nestas o interesse em descobrir com que tamanho é que tinham nascido. Sugeri que pedíssemos a coloração dos pais, no fornecimento da resposta a esta questão, e a partir das informações fornecidas por estes, poderíamos construir um gráfico com as diferentes alturas das crianças – atividade que não estava planeada (cf. Anexo Q).

Nota de campo – dia 23 de Novembro (quarta-feira)

Hoje era para realizar a atividade da construção do gráfico das alturas quando as crianças cresceram, no entanto, não foi possível realizar atividade isto porque, as famílias ainda não nos tinham trazido a informação e por motivos pessoais da educadora, esta teve de se ausentar da instituição e como a auxiliar tinha de ficar com as crianças na sala, eu fui com as restantes para a natação.

Quando regressamos à sala, as crianças encontravam-se num momento de comunicação, pois o TC estava a apresentar a sua construção. Inicialmente, as crianças ainda não estavam habituadas a estes momentos na sua rotina, hoje em dia, é notório que estas enquanto estão no momento de aprendizagem ativa nas áreas querem construir algo para partilharem com o restante grupo, pois muitas das vezes o seu discurso é *“Ana, vou fazer um desenho para depois comunicar aos amigos”*: *“Ana fizemos uma construção para comunicar, podemos?”*. Outro aspeto notório deste desafio da comunicação é que mesmo aquelas crianças que apresentam mais dificuldade em expressarem-se em grande grupo, através da implementação destes momentos, estas já realizam construções sozinhas ou em grupos para apresentarem aos colegas, como foi o caso do TC.

Nota de campo – dia 24 de Novembro (quinta-feira)

Durante a parte da manhã de hoje, recebemos um convidado na nossa sala – o irmão mais novo da Luísa - que passou a manhã connosco para que as crianças percebessem como é cuidar de um bebé (de forma a apoiar o projeto a ser desenvolvido em sala). Cantamos-lhe canções, fomos até à sala dos bebés para lermos histórias, comemos uma bolacha com ele e por fim brincamos com ele na sala dos bebés e na nossa sala. A Luísa estava super contente por ter o irmão na sala deixando os amigos brincarem com ele, mas sempre assumindo uma atitude de *“irmã responsável”*, pois esta enquanto todos os seus amigos estavam a brincar com serginho, a Luísa preferiu ficar apenas a tomar conta dele, estando sempre junto a ele para que este sentisse o seu apoio. No entanto, todas as crianças da sala sentiam-se

responsáveis pelo bebé e sempre com um cuidado a brincarem com ele e em perceber se este estava bem. Um dos exemplos disso é:

Educadora: *“Vamos cantar os bons dias para o Serginho”*

D: *“Didi mas temos de cantar baixinho, porque o Serginho é bebe e pode assustar-se”.*

Foi um momento de grandes emoções para as crianças, uma vez que estas puderam presenciar como é tratar de um bebé, como é que este se relaciona, como é que este se comporta. As crianças gostaram imenso de ter a presença do Serginho na sala e quando este se foi embora, as crianças ficaram um pouco tristes e perguntaram à mãe da Luísa quando é que este poderia voltar (cf. Anexo R).

Ainda durante a parte da manhã, as crianças do projeto das abelhas apresentaram aos seus convidados (Preppers, Part-time e Twaddlers). As crianças no geral apresentaram muito bem, não tendo muitas dificuldades em expressarem, apenas em falar alto, porque existia muito barulho que vinha da sala do lado, considero que apesar de esta organização ser produtiva em alguns aspetos, tais como, na partilha de saber, no trabalho em equipa, no entanto, acho que aponta como aspeto negativo o ruído que se faz entre as duas salas.

Nota de campo – dia 25 de Novembro (sexta-feira)

Durante a reunião da manhã, li a história do coelhinho branco juntamente com as crianças e de seguida recebemos a avó Mimi que veio falar-nos sobre a diferença entre os ouriços das castanhas e os ouriços animais. As crianças puderam pegar num ouriço de castanha, inicialmente com a avó Mimi disse que picavam algumas crianças não queriam tocar, mas depois todas exploraram os ouriços. De seguida fomos assistir ao Sharing na Tutor Land.

Quando regressamos à sala, iniciei a atividade do gráfico das alturas com que as crianças nasceram. De forma a introduzir a atividade, comecei por dizer:

“Sabem no outro dia a Ana ficou a pensar na conversa que tivemos acerca do tamanho dos bebés. Que vocês queriam descobrir com que tamanho nasceram. Então nós descobrimos que os bebes na barriga da mãe começam muito pequeninos do tamanho de uma semente e ao longo do tempo eles vão crescendo e depois nascem. E vocês acham que nascemos todos do mesmo tamanho?”

Crianças: *Não, eu acho que nascemos com tamanhos diferentes*

Estagiária: *então o que é que eu tenho aqui na minha mão?*

Crianças: *é uma régua*

Estagiaria: *E para e que serve as réguas?*

Crianças: *e para medirmos*

Educadora: *mas será que só podemos medir com réguas? O que é que a didi tem aqui na mão?*

Crianças: *é uma fita*

Estagiaria: *muito bem, é uma fita métrica. As fitas métricas também servem para nos medirmos. E vocês não gostavam de descobrir com que altura vocês nasceram?*

Posto esta conversa inicial, comecei por referenciar as alturas de algumas crianças e a compararmos com a régua, se eram mais pequenos, maiores ou iguais que a régua. À medida que íamos fazendo estas comparações as crianças fizeram novas descobertas:

I.: *Ana a MB e eu nascemos com a mesma altura*

B.: *Ana, eu e o J. também temos a mesma altura*

Após termos terminado esta exploração para que as crianças compreendessem melhor o objetivo da atividade, em pequenos grupos cada criança foi construir a sua fita métrica com os materiais que quisesse explorar. À medida que iam terminando, cada criança escrevia o seu nome numa tira e ia colocar a sua fita no quadro magnético para quando todos terminassem poder analisar (cf. Anexo S). No entanto, de forma a respeitar o ritmo de cada criança, não foi possível realizar a análise do gráfico das alturas. Assim foi explicado às crianças que uma vez que a K. não tinha vindo hoje, poderíamos esperar e na segunda-feira ela construía a sua fita e fazíamos e registávamos as descobertas que tínhamos feito.

Reflexão Semanal de 21 a 25 de Novembro de 2016

Nesta reflexão semanal, resolvi falar acerca da importância da leitura de histórias na Educação Infantil, uma vez que foi a partir desta que se iniciou a pesquisa do projeto dos bebés.

Ao entrar para a Educação infantil, as crianças já sabem inúmeras coisas, ao contrário do que a maioria das pessoas afirmam. É então importante enquanto educadora criar um ambiente de aprendizagem positivo, que se centre naquilo que as crianças sabem quando entram neste contexto e utilizar isso como ponto de partida e reduzir o fosso existente entre o contexto familiar e o educativo, cabendo ao educador tirar partido disso e não introduzir de forma formal a leitura e a escrita, mas facilitar a emergência da linguagem no contexto de sala de atividades (Barber, 2004). Para além deste autor, Riley (2004) afirma-nos que “a linguagem não pode florescer no vazio”

(p.42), é necessária a criação de um ambiente que apoie e estimule as crianças através de experiências ricas que são proporcionadas.

O Plano Nacional de Leitura (PNL) afirma que a leitura de histórias tem um papel preponderante na vida da criança. Ao ouvir histórias, esta interioriza um mundo de enredos, personagens, situações, problemas e aprendizagens que permite transpor o conhecimento adquirido para os acontecimentos do quotidiano. No entanto, nem todas as crianças têm o mesmo contacto com as histórias, por isso, cabe a nós educadores proporcionar esses momentos fulcrais para a aprendizagem da linguagem e de hábitos e gosto pela leitura que serão observáveis nestas idades e por aí adiante.

Para além disto, segundo Barber (2004), as histórias são importantes porque ao contrário do que acontece com a literacia, muitas das vezes as histórias tratam-se de bons meios para promover aspetos de outras áreas do conhecimento. Deste modo, considero que cabe ao educador, saber escolher as mais indicadas e tirar partido delas.

Em suma, ouvir histórias é o início da aprendizagem, sendo desta forma importante na formação das crianças, pois através destas, elas poderão fazer novas descobertas e compreender melhor o mundo que as rodeia. Cabe a nós educadores desenvolver o gosto pelas histórias, pois de acordo com Villardi (1999, p. 11) “há que se desenvolver o gosto pela leitura, a fim de que possamos formar um leitor para toda vida”. Através destas, as crianças desenvolvem a criatividade, a imaginação e adquirem novos conhecimentos e valores.

Bibliografia:

Barber, P. (2004). Ensinando Matemática a Crianças Pequenas. Em Iram Siraj-Blatchford, *Manual de Desenvolvimento Curricular para a Educação de Infância* (pp. 55-70). Lisboa: Texto Editora.

Riley, J. (2004). Curiosidade e Comunicação: Língua e Literacia na Educação de Infância. Em Iram Siraj-Blatchford, *Manual de Desenvolvimento Curricular para a Educação de Infância* (pp. 42-54). Lisboa: Texto Editora.

Villardi, R. (1999) Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro. Editora Qualitymark/Dun

Semana de 28 de Novembro a 2 de Dezembro de 2016

Planificação Semanal de 28 de Novembro a 2 de Dezembro de 2016

Semana de 28 de dezembro a 2 de Novembro de 2016		
Intenções	Aprendizagens a promover	Objetivos
<ul style="list-style-type: none">○ Estimular a linguagem e a abordagem à escrita;	<ul style="list-style-type: none">○ Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação○ Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).○ Identificar funções no uso da leitura e da escrita.	<ul style="list-style-type: none">○ Comunicar oralmente - Verbalizar os conhecimentos prévios que suportam os resultados esperados;○ Colaborar e comunicar oralmente os resultados obtidos;○ Perceber a funcionalidade da Escrita;
<ul style="list-style-type: none">○ Matemática	<ul style="list-style-type: none">○ Recolher informação pertinente para dar resposta a questões colocadas, recorrendo a metodologias adequadas (listagens, desenhos, etc.).○ Utilizar gráficos e tabelas simples para organizar a informação recolhida e interpretá-los de modo a dar resposta às questões colocadas.	<ul style="list-style-type: none">○ Tratar os dados recolhidos○ Adquirir noções de medida.

	<ul style="list-style-type: none"> ○ Compreender que os objetos têm atributos mensuráveis que permitem compará-los e ordená-los. ○ Escolher e usar unidades de medida para responder a necessidades e questões do quotidiano 	
<ul style="list-style-type: none"> ○ Formação pessoal e social 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Cooperar com outros no processo de aprendizagem; ○ Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Colaborar e comunicar oralmente os resultados obtidos; ○ Cooperar em atividades experimentais desenvolvidas em grupo. ○ Demonstrar comportamentos de apoio e entreaajuda, por iniciativa própria; ○ Ouvir e respeitar os colegas;
<ul style="list-style-type: none"> ○ Promover a aquisição de novos conhecimentos na área do conhecimento do mundo - Bebés. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações que observa no meio físico e natural. ○ Demonstrar cuidados com o seu corpo e com a sua segurança. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Cooperar em atividades experimentais desenvolvidas em grupo.
<ul style="list-style-type: none"> ○ Artes Visuais 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Promover á exploração do desenho; ○ Promover a construção de objetos tridimensional; ○ Adequar os conhecimentos, anteriormente,

	<ul style="list-style-type: none"> ○ Adequar os conhecimentos, anteriormente, adquiridos com a apresentação da Mãe Ana Sofia; 	adquiridos na atividade experimental;		
<ul style="list-style-type: none"> ○ Promover a participação das famílias; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Incentivar ao trabalho conjunto com as famílias; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Partilhar histórias pessoais relacionadas com a temática em grande grupo; ○ Consolidar os conhecimentos da área do conhecimento do mundo; 		
Estratégias				
Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
<ul style="list-style-type: none"> ○ Registo do Fim-de-semana – atividade proposta pela educadora ○ Introdução da atividade proposta pelas crianças: construção do livro com as famílias sobre os bebés; ○ Análise e discussão 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Ensaio; ○ Atividade experimental – <i>“Porque é que os bebés gostam de estar na barriga da mãe?” (devido ao ensaio se ter tornado extensivo não foi possível realizar a atividade)</i> <p><u>Materiais:</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Visita de uma pediatra à sala – Visualização de uma ecografia (Mãe Ana Sofia) – (uma vez que não possível termos a presença da mãe Ana Sofia, a atividade experimental realizou-se neste dia) <p><u>Materiais da atividade da Mãe:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Cartolina preta A4 - Giz 	<ul style="list-style-type: none"> ○ FERIADO 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Sharing e Sexta-Feira Fantástica ○ Iniciação da atividade proposta pelas crianças: construção do bebé com o cordão umbilical em 3D; <p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Papel de jornal - Cola branca

<p>dos resultados do gráfico; (Não foi possível concluir na sexta-feira);</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Balão - Peças de leggo - Água - Folha de registo - Livro de Apoio “A minha pequena enciclopédia Larousse – “O bebé” de Agnès Vandewiele 			
INDICADORES DE OBSERVAÇÃO				
Segunda-feira	<p style="text-align: center;"><u>Construção do livro com as famílias</u></p> <ul style="list-style-type: none"> o As crianças estavam bastante interessadas e curiosas a ouvir a minha história; <p style="text-align: center;"><u>APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> o Quando passei a folha para eles verem a minha fotografia, muitas crianças começaram por explorar o texto escrito e outras começaram a referenciar o que estava escrito, como se tivessem a contar a história de novo, seguindo com o dedo o texto à medida que iam lendo, o que demonstrou uma aprendizagem ao nível da emergência da escrita. o D: “Olha Ana esta aqui é a letra do meu nome, e esta também. Este texto tem muitas letras do meu nome e do nome dos amigos” <i>(A I. que estava ao seu lado)</i> o I.: “ Esta aqui é a letra do nome da F.P” o Crianças: “Este texto tem muitas letras do nosso nome” o Quando terminaram de analisar o texto, eu e a educadora mostramos o livro onde iria ser colocado as histórias, no entanto, referi que o nosso livro não tinha um título nem uma capa e que a caixa onde iríamos colocar o livro não estava decorada. <p style="text-align: center;"><u>AVALIAÇÃO DA AÇÃO DA EDUCADORA:</u></p>			

- o De forma a desenvolver a participação das crianças, estas decidiram que o título do livro poderia ser “*As nossas histórias de bebés*” e que a capa como a caixa poderíamos forrar com papel para depois desenharmos.
- o De modo a apoiar a criança a expressar opiniões sobre o que quer fazer, questionei o grupo acerca do que queriam desenhar, e todos disseram – corações. A ideia inicialmente surgiu do João, no entanto as restantes referiram que também queriam fazer corações, por ser algo que todos sabiam fazer. No entanto resolvi perguntar uma a uma para conseguir ter a certeza e estar atenta a cada uma queria transmitir.
- o Seguidamente, questionei as crianças de como iríamos explicar aos pais o que queríamos fazer e para que servia o livro.
- o As crianças responderam que podíamos escrever um papel a explicar aos pais e colocarmos no livro. Assim eu e a educadora fizemos o registo do texto juntamente com as crianças e imprimimos para colocarmos na primeira página do livro uma vez que é importante ler e escrever com e para as crianças, para que estas compreendam qual a funcionalidade da escrita.
- o Na decoração da fita, todas as crianças desenharam o que estava estipulado, à exceção do João, que começou a fazer rabiscos e não corações. Primeiro considerei que este poderia não saber desenhar corações e assim com a minha ajuda sentei-me ao lado dele e expliquei como se desenhava corações, com a mão dele.
- o O João após ter-lhe ensinado conseguiu desenhar corações sozinho. No entanto, quando sai de ao pé dele o João voltou a desenhar aquilo que queria. Não é a primeira vez que o João demonstra este tipo de comportamento. Como referi anteriormente, inicialmente questionei-me se este sabia desenhar corações, o que decidi orienta-lo na sua atividade e a criança demonstrou saber fazer. Uma vez que este comportamento continuou, refleti se este queria mesmo fazer corações, mas a proposta da atividade partiu do próprio João. No entanto, questionei-o se este não queria desenhar corações e se queria desenhar outra coisa e o João respondeu que queria fazer corações, mas continuou a fazer rabiscos. Ao analisar este comportamento possivelmente,

deveria ter ficado sentado ao lado do João a orienta-lo.

Análise do Gráfico das alturas

- o Primeiramente, comecei por questionar as crianças o que era aquele gráfico, no qual a I. respondeu “É o gráfico das nossas alturas quando nascemos”.
- o De seguida, questionei que descobertas podem fazer ao analisarem o gráfico.
- o À medida que as crianças iam referindo as suas descobertas, eu ia fazendo o registo numa folha A3 à frente delas, lendo sempre à medida que escrevia.
- o Deixei que as crianças se levantassem sempre que necessitavam para explicar o que pretendiam, e que todos participassem mesmo repetindo informações que já tinham sido ditas.
- o D: “Nós tínhamos alturas diferentes”
- o Eu: Então e como conseguimos saber isso?
- o D: “Eu sei, porque quando olhamos para aqui nós vemos que não temos o mesmo tamanho porque há fitas que estão mais à frente e outras mais atrás”
- o Eu: “Então e que mais descobertas fazemos?”
- o F.: “O T.C era o mais alto”
- o Eu: “Será que o T.C era o mais alto? Vamos verificar”
- o Decidimos verificar se existia alguma maior que o T.C.
- o F.P: “Eu estou a ver que existe uma maior que o T.C, esta
- o Eu: “Então e quanto maior e do T.C”
- o F.P: “É maior mais um quadrado e esta fita e da M”
- o D: “A M é maior que o T.C mais um quadrado”

	<ul style="list-style-type: none"> o <u>Eu: “Ou seja um quadrado significa que tem mais um centímetro, por isso se o T.C tinha 53 cm quantos tinha a M?”</u> o <u>F.: “Tinha 50 e 20”</u> o <u>I.: “Tinha 51”</u> o <u>F.P: “Não, tinha 54.”</u> o <u>I.: “Mas oh Ana, eu e a M.B nascemos com o mesmo tamanho”</u> o <u>Eu: “Essa é uma nova descoberta, descobrimos que existem meninos do mesmo tamanho. Mas quem foram?”</u> o Decidimos ir confirmar com uma régua, para verificar se tinham nascido com o mesmo tamanho. Coloquei a régua e as crianças verificavam que ambas acabavam no mesmo sítio. Para além da M.B e da I., as crianças descobriram que o João, a M.C e o B nasceram com o mesmo. o <u>F.P: “Mas a L.M é quase igual a K. Ela só tem mais este bocadinho de quadrado a mais.</u> o <u>Eu: “então a Ana vai explicar, um quadrado inteiro vale 1cm metade de um quadrado é meio centímetro é metade de 1 quadrado. Então o que tu descobriste?”</u> o <u>F.P: “Então a L.M tinha mais meio centímetro do que a K quando nasceu”</u> o A partir deste diálogo entre as crianças é possível constatar conseguiram interpretar o gráfico, comparando e confrontando as unidades de medida. Perceberam que as fitas representavam o comprimentos quando nasceram e que a partir destas foi possível fazer as diversas descobertas, tendo adquirindo ao longo destas descobertas a noção de medida.
Terça-feira	<p>Uma vez que as crianças tinham ensaio para a festa de natal, não foi possível realizar a atividade neste dia. No entanto, como amanhã não vamos ter a visita da Mãe Ana Sofia, a atividade irá se realizar amanhã.</p>
Quarta-feira	<p><u>Atividade Experimental</u></p>

- A atividade foi realizada em grande grupo; as crianças encontravam-se sentadas em cadeira em semi-círculo;

AVALIAÇÃO DA AÇÃO DA EDUCADORA:

- De forma a promover a participação das crianças questionei-as que materiais iríamos utilizar. As crianças em conjunto referiram: balão, leggos, água e um livro.
- Quando comecei a realizar a experiência pedi ajuda ao D, para vir colocar as peças de leggo (bebe) dentro do balão (placenta);
- Para que estes conseguissem comunicar oralmente os conhecimentos prévios que suportam os resultados esperados, quando referi que ia colocar água dentro do balão perguntei as crianças o que achavam que ia acontecer – F.P respondeu: “Os leggos vão ficar molhados e o balão maior” e todos concordaram com a opinião da F.P. Desta forma, o grupo respeitou e aceitou a opinião do colega.

AVALIAÇÃO DAS CRIANÇAS:

- As crianças estavam empenhadas e interessadas na atividade.
- Após ter enchido o balão, as crianças conseguiram descrever os fenómenos que observaram, justificando as suas opiniões e aceitando sempre as dos outros, pois, manifestaram-se dizendo que estavam certas ao dizer que o balão ia ficar molhado. De seguida chamei a F.P para vir realizar o próximo procedimento da atividade, em que consistia fazer pressão com as mãos no balão (com água e a construção de leggo cá fora) e sobre a construção de leggo que se encontrava fora do balão.
- Antes de a F.P exercer pressão, perguntei mais uma vez às crianças o que pensavam que ia acontecer, para lhes despertar curiosidade e desenvolver momentos de comunicação incentivando-as a exporem as suas ideias;
- ***F.P: Os leggos dentro do balão se fizermos pressão vão destruir;***
B: Os leggos de fora também vão destruir se fizermos força;
- Quando a F.P fez pressão, as crianças observaram o que tinha acontecido, chegando à conclusão que a peça

dentro do balão não se destruiu e as peças de fora destruíram e assim compreenderam porque é que os bebés gostam de estar na barriga da mãe, porque se sentem protegidos.

- No entanto, as crianças começaram a questionar que se tirássemos o nó o que acontecia o que algumas delas responderam: “ O bebe e a água saem para fora, porque o balão arrebenta”. Este comportamento demonstra que o grupo estava curioso e interessado na atividade e que apresentam facilidade em expressarem as suas ideias e a participarem em momentos de comunicação respeitando sempre as opiniões dos outros.
- A educadora partindo desta observação resolveu explicar como é que a filha tinha nascido, no entanto, reparei que as crianças não estavam a perceber e resolvi pedir à auxiliar um alguidar para simular o que iria acontecer, uma vez que as crianças estavam muito interessadas e curiosas em saber como iria sair a água e a peça que estava lá dentro.
- **B:** “Eu acho que a água vai sair mas porque o balão vai arrebentar”. Após esta afirmação com uma tesoura fiz um corte no balão e a água e a peça saíram sem que o balão arrebenta-se. As crianças ficaram surpreendidas e facilmente compreenderam como nascem os bebés. Esta atividade serviu para que as crianças assimilassem e compreendessem melhor a informação.
- De forma a consolidar as aprendizagens, resolvi todos juntos lermos o que nos dizia o livro para que as crianças compreendessem melhor e interiorizassem as descobertas feitas, para realizar o registo do que tinham acabado de aprender:

B: Descobrimos que o Bebe faz xixi na placenta;

João: O cordão umbilical é o primeiro brinquedo do Bebê;

António: Dentro da placenta existe o bebe e um liquido que se chama liquido amniótico;

I: O líquido amniótico protege o bebé;

F: Quando o líquido sai da placenta significa que o bebé vai nascer para conhecer o mundo;

- Durante este registo o discurso das crianças começou a fluir para outras descobertas do interesse destas, assim a

F.P diz: “Ana os bebés quando nascem, não têm dentes e por isso não podem comer o mesmo que nós”.

- E eu perguntei: “Então o que será que comem os bebés?” Uma vez que é importante o educador esteja atentas as crianças e aquilo que elas querem transmitir.
- As crianças começaram a referir: cereais, carne, peixe, entre outros. Mas a F.P disse: “Mas sabem, eles não podem comer isso, porque eles ainda não têm dentes.”
- Neste seguimento, perguntei ao F: “F. tu que tens um mano que nasceu agora, pode ser que nos consigas ajudar, o que é que ele come?” e o F. respondeu: “Bebe leite”. A minha principal intenção era de incentivar o conhecimento das crianças a partir delas próprias e do que elas conhecem.
- A auxiliar intervêm e pergunta “E bebe leite por onde?” e o F. responde: “Pelo biberão”
- Ao ouvir esta resposta o B. intervêm e diz: “Mas os bebés também podem beber leite da maminha da mãe”.
- Assim resolvi questionar sobre o que descobrimos com esta partilha dos amigos e a F.P responde: “Descobrimos que quando os bebés nascem eles só bebem leite da mama da mãe ou do biberão”.
- Para além desta descoberta, o D coloca o dedo no ar e diz: “Quando a minha mãe foi para o hospital, o médico pegou numa faca e fez um corte na barriga e eu sai de lá. Foi assim que eu nasci”.
- A educadora resolveu explicar o processo que o D tinha referido, dizendo que não é uma faca, que o instrumento utilizado chama-se bisturi e que não é um corte grande é um corte pequeno.
- O B. interrompe e diz “Mas eu não nasci assim”. Resolvi intervir e perguntar “Então como é que tu nasceste”
- B. responde: “Eu nasci pelo pipi da minha mãe, os bebés podem nascer pelo pipi da mãe”
- Seguidamente o D responde: “Então descobrimos outra coisa nova, que existem duas formas de nascer. Podemos nascer pela barriga da mãe ou pelo pipi da mãe”
- Após este último registo as crianças não referenciaram mais nenhuma descoberta que tenham feito, assim perguntei que palavras, é que estes consideravam que tinham aprendido

	<ul style="list-style-type: none"> ○ M.B: <u>Líquido amniótico</u> ○ T: <u>Bisturi</u> ○ Ao longo desta avaliação é possível constatar que enquanto estagiaria tentei sempre despertar a curiosidade nas crianças, principalmente quando estas partilhavam novas descobertas de modo a que todos aprendêssemos uns com os outros. Foi dado sempre a criança a oportunidade de se expressar e justificar as suas opiniões. ○ De um modo geral, as crianças demonstraram uma boa capacidade de captação de informação que obtiveram da experiência, e as aprendizagens que adquiriram, testadas na conversa em grande grupo, foram transmitidas ○ De modo, a registar todas as informações obtidas ao longo de todas as atividades, as crianças sugeriram que criássemos um livro sobre o projeto, onde colocaríamos todas as descobertas feitas ao longo do projeto ○ Nota: Em relação ao registo em forma de desenho, estas resolveram desenhar os materiais que tínhamos utilizado e o resultado que obtiveram;
<p>Sexta-feira</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Antes de iniciar a atividade questionei as crianças dos materiais que podíamos utilizar. As crianças decidiram que podíamos utilizar papel de jornal e fita-cola e colar tudo como tinham feito na abelha. Assim sendo, construímos o bebe com os materiais propostos pelas crianças. ○ O material foi colocado em cima da mesa e todas as crianças exploraram-no autonomamente. Para além disso demonstraram comportamentos de interajuda e apoio: <ul style="list-style-type: none"> M.C: “Oh Ana, eu não consigo fazer rolinhos para os braços” (começa a chorar) D e B: “Oh MC, não precisas de chorar, nós ajudamos, olha fazes assim estás a ver, tenta tu”; MC: “Obrigada”

- À medida que iam fazendo bolas com papel de jornal, foi questionando as crianças sobre a estrutura do corpo humano. Estas em grande grupo referiram que precisavam de construir o tronco do bebe, a cabeça, dois braços, duas pernas e também o cordão umbilical, uma vez que o bebe representa a fase de vida em que ainda se encontrava dentro da barriga da mãe. A partir desta afirmação das crianças é possível constatar que as aprendizagens que apreenderam da experiencia foram adquiridas e transmitidas durante a construção do bebé.
- De seguida colocamos cola branca e papel para mais tarde pintarmos o bebé. Esta etapa da atividade foi desenvolvida em pequenos grupos para que não gerasse muita confusão.
- Durante este tempo as crianças iam-se ajudando umas às outras para que todo o bebé ficasse coberto de cola e papel.

Nota de campo – dia 28 de Novembro (segunda-feira)

Durante a reunião da manhã, resolvi relembrar a atividade que as crianças queriam fazer com as famílias acerca do projeto a ser desenvolvido. Desta forma, resolvi através de uma conversa relembrar a atividade que as crianças tinham proposto. Inicialmente, as crianças não estavam a recordar, por ter já passado bastante tempo desde o dia em que sugeriram a atividade, no entanto, com alguma ajuda estas conseguiram recordar. Assim, resolvi levar a primeira história que iria constar no nosso livro – uma história minha quando eu era bebé escrita pela minha própria mãe. As crianças estavam bastante interessadas e curiosas a ouvir a minha história e quando passei a folha para eles verem a minha fotografia, muitas das crianças começaram por explorar o texto escrito e outras começaram a referenciar o que estava escrito, como se tivessem a contar a história de novo, seguindo com o dedo o texto à medida que iam lendo. Alguns dos comentários durante a análise do texto:

D: “Olha Ana esta aqui é a letra do meu nome, e esta também. Este texto tem muitas letras do meu nome e do nome dos amigos”

(A I. que estava ao seu lado)

I: “Esta aqui é a letra do nome da FP”

Crianças: *“Este texto tem muitas letras do nosso nome”*

Quando terminaram de analisar o texto, eu e a educadora mostramos o livro onde iria ser colocado as histórias, no entanto, referi que o nosso livro não tinha um título nem uma capa e que a caixa onde iríamos colocar o livro não estava decorada. Assim sendo, as crianças decidiram que o título do livro poderia ser *“As nossas histórias de bebés”* e que a capa como a caixa poderíamos forrar com papel para depois desenharmos. Ao ouvir isto, questionei as crianças do que queriam desenhar, no qual todos disseram – corações. Seguidamente, questionei as crianças de como iríamos explicar aos pais o que queríamos fazer e para que servia o livro, estas, responderam que podíamos escrever um papel a explicar aos pais e colocarmos no livro. Assim eu e a educadora fizemos o registo do texto juntamente com as crianças e imprimimos para colocarmos na primeira página do livro. Por fim, eu e a auxiliar forramos o livro e a caixa, cada criança desenhou corações com o material à sua escolha e a I. quis escrever o título para colocarmos na caixa (cf. Anexo T). Simultaneamente, a K. construía a sua fita métrica para da parte da tarde podermos analisar o gráfico.

Após a hora do lanche, reuni as crianças nas estrelas para analisarmos o gráfico das nossas alturas.

Primeiramente, comecei por questionar as crianças o que era aquele gráfico, no qual a I. respondeu “*É o gráfico das nossas alturas quando nascemos*”. De seguida, questionei que descobertas podem fazer ao analisarem o gráfico. À medida que as crianças iam referindo as suas descobertas, eu ia fazendo o registo numa folha A3 à frente delas (cf. Anexo U), lendo sempre à medida que escrevia. Deixei que as crianças se levantassem sempre que necessitavam para explicar o que pretendiam, e que todos participassem mesmo repetindo informações que já tinham sido ditas.

Nota de campo – dia 29 de Novembro (terça-feira)

Quando entrei na sala logo de manha, antes de todas as crianças chegarem as que estavam presentes foram fazer uns jogos. Reparei na atitude do T que se encontrava sentado junto ao gráfico a contar. Quando no final este terminou perguntei-lhe o que ele estava a contar no qual o T respondeu “A minha altura”. Assim resolvi perguntar-lhe quanto é que ele media e o T respondeu corretamente - 51.

Após praticamente todas as crianças terem chegado, reunimo-nos nas estrelas juntamente com as crianças da sala ao lado para juntos cantarmos a canção dos bons dias para depois irmos para o ensaio da festa de natal. Durante este tempo, cantamos canções de natal e quando o B. chegou, este tinha trazido dois livros que a mãe tinha construído durante o crescimento deste, onde constava o seu desenvolvimento, rotina e as coisas que mais gostava para partilhar connosco de forma a ajudar-nos com algumas perguntas do projeto dos bebés. Assim, a educadora começou por ler um dos livros e todas as crianças mesmo as da sala do lado encontravam-se interessadas e curiosas. Por fim, dirigimo-nos para a Tutor Land para ensaiar para a festa de natal, uma vez que o ensaio durou a manha toda não foi possível realizar a atividade que estava planeada.

Nota de campo – dia 30 de Novembro (quarta-feira)

Durante a parte da manha, assistimos à divulgação do projeto elaborado pelo PE3 (sala dos 5 anos). De seguida, como a maior parte das crianças estavam na natação, os restantes que estavam na sala encontravam-se a brincar nas áreas e eu e a educadora resolvemos sentarmo-nos para planificar as semanas de Dezembro com as minhas atividades do projeto e as elaboradas pela educadora. Quando terminamos resolvi adiantar trabalho e pedir para as crianças fazerem a moldura da sua folha para colocarmos no livro do projeto. As crianças puderam escolher as cores que queriam utilizar e na maioria todas perceberam que era para desenhar uma moldura em volta da folha à exceção do J. A meu ver considero que o J. começou a pintar no meio não por não ter compreendido o objetivo da atividade mas sim apenas por vontade própria.

Isto porque, tanto eu como posteriormente a educadora, chamámo-lo à atenção e explicamos o que ele tinha de fazer contornando com o dedo dele o local que este tinha de pintar. Quando o questionávamos o J. respondia acertadamente: *“É para pintar à volta, porque no meio vamos colocar as informações e fazer a ilustração”*. No entanto, apesar do J. dizer isto, este pegava no pincel e começava a pintar no meio, não estando concentrado na atividade que tinha de fazer.

Seguidamente, quando as restantes crianças chegaram da natação realizei a minha atividade da experiência, para dar resposta a uma das questões feita pelas crianças *“Porque é que os bebés gostam de estar na barriga da mãe”*. Assim coloquei, uma peça e as crianças colocaram as cadeiras em semi círculo viradas para mim, como costumamos fazer habitualmente. Desta forma, a atividade foi realizada em grande grupo. Em cima da mesa estavam colocados os materiais necessários e a folha de registo da experiência. A medida que a ia realizando, foi pedindo a ajuda de algumas crianças e era sempre questionado o que estas pensavam que ia acontecer (cf. Anexo V). De forma a consolidar o que tinham observado, foi utilizado um livro *“A minha pequena enciclopédia Larousse – O bebé”* de Agnès Vandewiele onde explicava o que estas tinham aprendido (cf. Anexo V). Posto, isto, foi realizado o registo das descobertas feitas pelas crianças, assim como as palavras que estas consideravam que tinham aprendido novas para juntar ao nosso registo de palavras. Este registo mais uma vez foi feito à frente das crianças à medida que estas referiam o que tinham descoberto. Ao longo das descobertas, as crianças acabaram por descobrir outras coisas como a alimentação e como nascem os bebés, pois o discurso destas começou a fluir para outras descobertas do interesse destas. Depois do almoço pedi a duas crianças realizarem o registo gráfico da atividade.

De modo, a registar todas as informações obtidas ao longo de todas as atividades, as crianças sugeriram que criássemos um livro sobre o projeto, onde colocaríamos todas as descobertas feitas ao longo do projeto

Nota de campo – dia 1 de Dezembro (quinta-feira)

FERIADO

Nota de campo – dia 2 de Dezembro (sexta-feira)

Durante a parte da manhã, as crianças assistiram ao momento do Sharing e quando regressamos à sala começamos por realizar a atividade proposta por estes – construção de um bebe em 3D com o cordão umbilical. As crianças estavam reunidas na mesa de artes plásticas. No centro da mesa estavam colocadas folhas de jornal para que estes fizeram bolas para construirmos o bebé, no entanto so estava um bloco para que as crianças conseguissem partilhar os materiais. Assim as crianças

começaram a fazer bolas de papel e eu fui juntando-as para construir a cabeça e posteriormente o corpo juntando com fita cola. À medida que íamos construindo questionava as crianças o que faltava no nosso bebe para que estas identificassem as partes do corpo humano. Quando o bebe já estava tudo construído, questionei as crianças o que nos faltava fazer para mais tarde pintarmos o bebé e as crianças disseram: “Colocar papel e cola”. Assim, resolvi distribuir as crianças por pequenos grupos de 3 para que não gerasse confusão (cf. Anexo W).

Quando terminamos o bebé, o MM, a I e o T estavam a fazer uma construção e disseram que queriam apresentá-la. Assim resolvi dizer-lhes para que estes fossem perguntar aos amigos quem queria assistir à sua apresentação. Desta forma, estes reuniram as crianças que queriam assistir e apresentaram a sua construção.

Reflexão Semanal de 28 de Novembro a 2 de Dezembro de 2016

Como nos reporta Martins; Veiga; Teixeira; Vieira; Vieira; Rodrigues; Couceiro e Pereira (2009), apesar de, em Portugal, a educação pré-escolar não estar incluída na escolaridade obrigatória, ela constitui, atualmente, para além de um contexto privilegiado de socialização, um espaço formal de desenvolvimento onde a criança pode interagir com situações e vivências do seu quotidiano, em que as ciências influenciam o modo como esta pensa, age e vive.

O ensino das ciências deve partir das capacidades inatas das crianças para conhecerem o seu meio. De facto, desde muito cedo, que as crianças tem contacto com as ciências: quando puxam ou empurram um objeto, quando colocam objetos a flutuar na banheira ou simplesmente quando chutam uma bola. Por esse mesmo motivo, “os educadores devem partir das noções intuitivas das crianças para desenvolver a aprendizagem deste domínio” (Martins et al, 2009, p.15). Na mesma linha de pensamento Hohmann e Weikart (2003), referem que o educador deve compreender que, a criança tem a capacidade para adquirir conhecimento que resultam da sua interação com o mundo que a rodeia, cabendo a este de aprofundar e aumentar o seu nível de desenvolvimento e aprendizagem.

De acordo com Lopes da Silva et al (2016) as atividades relativas ao ensino das ciências promovidas pelo educador ocupam um lugar essencial na aprendizagem, porque despertam a curiosidade natural da criança e incentivam o seu espírito de descoberta. Por esse motivo é importante que exista um trabalho prático, pois as ciências devem ser vistas como uma atividade prática, muito mais do que teórica, facilitando assim, a aprendizagem das mesmas. Como tal as atividades realizadas na área das ciências devem permitir à criança desenvolver a sua capacidade de observação e experimentação, para que por um lado, “permitam alimentar a sua

curiosidade e o seu interesse pela exploração do mundo e, por outro, proporcionar aprendizagens conceptuais, fomentando, simultaneamente, um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela ciência e pela atividade dos cientistas” (Martins et al, 2009, p.12)

Em suma, em idade pré-escolar, as crianças estão predispostas para as aprendizagens das ciências, cabendo ao educadores “conceber e dinamizar atividades promotoras de literacia científica, com vista ao desenvolvimento de cidadãos mais competentes nas suas dimensões pessoal, interpessoal, social e profissional” (Zabala e Arnau, 2007, citado por Martins et al, 2009, p.15).

Bibliografia:

Marques, L.; Mata, L.; Rosa, M. & Silva, I. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE). Lisboa

Martins et al. (2009) *Despertar para a Ciência: atividades dos 3 aos 6*. Ministério da Educação Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

Semana de 5 a 9 de Dezembro de 2016

Planificação Semanal de 5 a 9 de Dezembro de 2016

Semana de 5 a 9 de dezembro de 2016		
Intenções	Aprendizagens a promover	Objetivos
<ul style="list-style-type: none">○ Formação pessoal e social	<ul style="list-style-type: none">○ Cooperar com outros no processo de aprendizagem;○ Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social;	<ul style="list-style-type: none">○ Ouvir e respeitar os colegas;○ Demonstrar comportamentos de apoio e entreaajuda, por iniciativa própria;
<ul style="list-style-type: none">○ Promover a aquisição de novos conhecimentos na área do conhecimento do mundo - Bebés.	<ul style="list-style-type: none">○ Descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações que observa no meio físico e natural.○ Demonstrar cuidados com o seu corpo e com a sua segurança.	<ul style="list-style-type: none">○ Adequar os conhecimentos, anteriormente, adquiridos com a apresentação da Mãe Ana Sofia;○ Adequar os conhecimentos, anteriormente, adquiridos na atividade experimental;
<ul style="list-style-type: none">○ Estimular a linguagem e a abordagem à escrita;	<ul style="list-style-type: none">○ Estabelecer razões pessoais para se envolver com a leitura e a escrita, associados ao seu valor e importância;○ Reconhecer letras e aperceber da sua	<ul style="list-style-type: none">○ Partilhar histórias pessoais relacionadas com a temática em grande grupo;○ Perceber a funcionalidade da Escrita;○ Identificar as letras, reproduzindo-as de modo cada vez mais aproximado;

	<ul style="list-style-type: none"> organização em palavras; Aperceber do sentido direcional da escrita; 	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer o sentido direcional da escrita;
<ul style="list-style-type: none"> Artes visuais 	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. Adequar os conhecimentos, anteriormente, adquiridos com a apresentação da Mãe Ana Sofia; 	<ul style="list-style-type: none"> Promover á exploração do desenho; Promover a construção de objetos tridimensionais; Adequar os conhecimentos, anteriormente, adquiridos na atividade experimental;
<ul style="list-style-type: none"> Promover a participação das famílias; 	<ul style="list-style-type: none"> Incentivar ao trabalho conjunto com as famílias; 	<ul style="list-style-type: none"> Consolidar os conhecimentos da área do conhecimento do mundo;

Estratégias

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
<ul style="list-style-type: none"> Registo do Fim-de-semana – atividade proposta pela educadora Leitura e partilha das nossas 	<ul style="list-style-type: none"> Ensaio para a festa de Natal 	<ul style="list-style-type: none"> Registo das descobertas já feitas no livro do projeto dos bebés; Registo das perguntas a colocar à mãe Ana Sofia; 	<ul style="list-style-type: none"> FERIADO 	<ul style="list-style-type: none"> Sharing e Sexta-Feira Fantástica Continuação da construção do bebé em 3D;

histórias de bebês;		<ul style="list-style-type: none"> ○ Visita de uma pediatra à sala – Visualização de uma ecografia (Mãe Ana Sofia) (por não ter havido possibilidade, o desenho da ecografia será realizado na sexta) <p>Materiais: - Cartolina preta A4 - Giz</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Conclusão de trabalhos relacionados com o projeto realizados ao longo da semana;
---------------------	--	---	--

INDICADORES DE OBSERVAÇÃO

Segunda-feira	<ul style="list-style-type: none"> ○ As crianças encontravam-se sentadas em roda, no recreio; ○ Comecei por perguntar que caixa era aquela e o que tinha lá dentro, de modo a perceber se as crianças ainda se lembravam ○ <u>F.: “É a nossa caixa para guardar o livro”</u> ○ <u>Estagiária: “ E que livro é esse?”</u> ○ <u>D: “É o livro das nossas histórias de bebês”</u> ○ Abri a caixa e perguntei se queriam saber as histórias que já tínhamos lá dentro ○ <u>Crianças: Sim</u> ○ <u>Estagiária: Então e qual foi a primeira história do nosso livro lembram-se?</u> ○ <u>D: Foi a tua Ana</u> ○ <u>Estagiária: Então agora temos aqui a história da M.B e do T, querem ouvir o que eles têm para nos contar?</u>
----------------------	--

	<ul style="list-style-type: none"> ○ M.B senta-se ao meu colo ○ Começo a ler a histórias e as crianças riam-se imenso com a partilha da M.B. ○ <u>Estagiara: Então M.B conta-nos lá. Com quem fizeste isto e o que fizeste?</u> ○ <u>M.B: Eu fiz com a minha mãe e o meu pai, e fui eu que desenhei os corações</u> ○ Todas crianças demonstravam-se interessadas e curiosas em saber outras histórias. Então foi a vez do T partilhar a sua história. ○ T sentou-se ao meu colo para que eu lesse a sua história ○ T referiu que tinha feito com os pais e que ele tinha pedido para a mãe fazer muitos sois na sua história. ○ As crianças gostaram muito de ver a foto do T quando era bebé ○ <u>L.M: O T tu eras muito querido e gordinho, tal como diz a tua história</u> ○ No final, as crianças começaram a perguntar quando seria a vez deles de levar o livro para casa, porque queriam muito partilhar as suas histórias com os amigos ○ Eu respondi que todos iríamos levar para casa e que agora era a vez de a L.M levar para casa. ○ A L.M trouxe a caixa e descemos para irmos todos almoçar.
<p>Quarta-feira</p>	<p style="text-align: center;">CONSTRUÇÃO DO LIVRO DO PROJETO</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Durante a construção do livro, foi possível observar que os conhecimentos estavam adquiridos e quais as dificuldades e as potencialidades do grupo na escrita. ○ No que diz respeito à avaliação dos conhecimentos, esta foi feita, em pequenos grupos enquanto registavam a informação e posteriormente em grande grupo, onde cada criança mostrava a informação que aprendera do projeto, para que todas as crianças pudessem partilhar/adquirir os conhecimentos. ○ De um modo geral, a maioria das crianças adquiriu os conhecimentos previstos. No entanto, algumas crianças demonstraram alguma dificuldade em explicar a sua informação.

- Em relação à escrita, todas as crianças já reconhecem o sentido direcional da escrita. No decorrer da atividade, percebi também que algumas crianças já conheciam algumas palavras e não era necessário escrevê-las para que elas as copiassem, bastando apenas ditar-lhes as letras. Por fim, apenas uma criança demonstrou alguma dificuldade na escrita e não conseguiu escrever frases muito longas, o que necessitou de maior orientação da minha parte. Em relação ao restante do grupo, as crianças não tiveram dificuldades, por vezes o que acontecia era enganarem-se mas resolvemos sempre a solução colocando um papel por cima.
- Em relação aos materiais, foram colocados uma grande diversidade de materiais e cada criança escolhia quais é que queria utilizar e com que finalidade.
- Durante as ilustrações das descobertas, conversava sempre com as crianças acerca da informação que tinham descoberto, repetindo várias vezes, de modo a desenvolver-lhes o desenvolvimento linguístico e cognitivo, neste caso, a capacidade de memorização.
- Algumas crianças não chegavam logo à informação que estavam a ilustrar. No entanto, revelavam conhecimento em relação ao projeto que estava a ser desenvolvido.
- Com algum apoio da minha parte as crianças facilmente chegavam à informação mesmo que eu lhes questionasse de diversas maneiras.

VINDA DA MÃE ANA SOFIA

- Quando a Mãe Ana chegou, as crianças reuniram-se na Tutor Land, para fazer a sua apresentação.
- Juntamente com as crianças, começamos por referenciar o que já tínhamos descoberto do projeto e as crianças colocaram as questões que queriam saber.
- Enquanto a mãe Ana respondia às questões das crianças, estas estavam muito concentradas e participativas na conversa que estavam a ter com a mãe Ana. À medida que a mãe ia explicando as crianças repetiam a

informação de modo a memorizarem e mostrarem que tinham compreendido.

- De seguida, esta mostrou alguns vídeos, que mostravam os bebés na barriga da mãe, o que já conseguimos ver, qual o primeiro órgão a ser formado, para que serve o cordão umbilical, que podem nascer mais do um bebé ao mesmo tempo e por fim mostrou um vídeo sobre o que os bebés já conseguem fazer quando nascem.
- Inicialmente as crianças estavam sentadas corretamente e concentradas no que estavam a ver. No entanto, mais para o final as crianças começaram a ficar um pouco agitadas e já não se encontravam tão atentas como estavam inicialmente.
- Em relação à atividade da ecografia crianças identificaram o que conseguiram ver na ecografia que a mãe Ana Sofia tinha mostrado e conseguiram representar no desenho, muitas até desenharam a própria placenta e outras alguns órgãos tais como o coração, isto porque a mãe Ana referiu que o primeiro órgão a formar-se era o coração.
- Quando fomos colocar o spray no recreio as crianças estavam entusiasmadas ao verem eu a colocar o spray perguntando para que servia aquilo.
- Pude constatar que a maioria das crianças identificou, no desenho, todos os elementos importantes que observaram nos vídeos; todas as crianças adequaram os conhecimentos que tinham adquirido acerca de como é os bebés na barriga da mãe.

Nota de campo – dia 5 de Dezembro (segunda-feira)

Durante a manhã de hoje, uma vez que a educadora e a auxiliar não estavam presentes, ficamos na sala do PE1 com a respetiva educadora. Cantamos os bons dias todos juntos, tomamos o snack e uma vez que estávamos juntos com outro grupo de crianças, não possível realizar a atividade que estava planeada (ouvir as histórias do nosso livro de bebés) resolvi realizar o registo do fim-de-semana com as crianças, com a ajuda da educadora da sala do PE1. Quando a minha educadora cooperante chegou, dirigimo-nos para a nossa sala, as crianças terminaram o registo e de seguida foram para o inglês. Depois do inglês, as crianças da área das construções, apresentaram as suas construções aos amigos da sala. Referiram o que tinham construído, que formas geométricas tinham utilizado e com que finalidade e no final as crianças fizeram comentários.

Depois do inglês, as crianças foram até ao recreio. Antes de descermos para o refeitório, reuni as crianças no recreio para ouvirmos as primeiras partilhas do nosso livro das histórias de bebés. Juntamente com as crianças que já tinham levado o livro, partilhamos as histórias com os amigos, onde eu li o texto e as crianças referiram com quem tinham feito e o que tinham feito, por exemplo, a MB referiu que tinha sido ela a desenhar os corações no seu texto. As crianças estavam muito curiosas e interessadas em saber as histórias que os amigos tinham escrito para nós. No final cada criança começou a perguntar quando seria a sua vez de levar o livro, porque queriam muito partilhar com os amigos as suas histórias. Referi que todos iam levar o livro para casa, e que todos iam partilhar a sua história, até a própria Didi (educadora).

Nota de campo – dia 6 de Dezembro (terça-feira)

Durante a reunião da manhã de hoje, realizamos o plano do dia lemos a partilha da L.M (cf. Anexo X) e de seguida o MM foi buscar o livro que ele e o B. tinham descoberto na área da ciência com informações sobre os bebés. Assim, em grande grupo, fizemos a análise do livro “Enciclopédia ilustrada da Ciência” Quando comecei a ler o livro, as crianças começaram por referir que existiam coisas no livro que elas ainda não sabiam e até colocaram questões. Deste modo, resolvemos registar numa folha as descobertas feitas. Assim o D. disse: “O cordão umbilical serve para transportar o sangue, os alimentos e o oxigénio para o bebé?”. Para além desta descoberta, as crianças resolveram apontar uma pergunta que não sabiam para perguntarem no dia seguinte à mãe Ana Sofia que nos vinha falar sobre os bebés “Quanto tempo é que os bebés ficam dentro da barriga da mãe?”. (cf. Anexo Y)

De seguida, as crianças foram para o ensaio da festa de natal. Quando regressamos do ensaio, antes de as crianças irem para o recreio, como a educadora

estava numa reunião, resolvi ler o livro que a L. tinha trazido para o nosso projeto dos bebês “*O mundo está cheio de bebês*” de Mick Manning e Brita Granstrom. Durante a leitura do livro, as crianças conseguiram descobrir a resposta à pergunta que tinha surgido da parte da manhã com a análise do livro – os bebês ficam 9 meses na barriga da mãe. No entanto, o D. e a L. referiram que apesar de o livro ter essa informação, amanhã podíamos perguntar à Mãe do A para termos mesmo a certeza porque ela é médica.

Nota de campo – dia 7 de Dezembro (quarta-feira)

Durante a parte da manhã, as crianças fizeram o registo das descobertas que já tinham feito e registamos as perguntas que queriam colocar à Mãe Ana Sofia. Durante o registo das descobertas, apenas uma criança teve dificuldades em escrever, o que necessitou de maior orientação da minha parte. Em relação ao restante grupo, as crianças não tiveram dificuldades, por vezes o que acontecia era enganarem-se mas resolvemos sempre a solução colocando um papel por cima (cf. Anexo Z). No que diz respeito ao registo das perguntas a colocar à Mãe Ana, as crianças fizeram uma moldura numa folha e em roda eu registei na folha as perguntas que estes queriam colocar.

Quando a Mãe Ana chegou, as crianças reuniram-se na Tutor Land, para fazer a sua apresentação. Juntamente com a educadora crianças, começamos por referenciar o que já tínhamos descoberto do projeto e as crianças colocaram as questões que queriam saber. Enquanto a mãe Ana respondia às questões das crianças, estas estavam muito concentradas e participativas na conversa que estavam a ter com a mãe Ana. De seguida, esta mostrou alguns vídeos, que mostravam os bebês na barriga da mãe, o que já conseguimos ver, qual o primeiro órgão a ser formado, para que serve o cordão umbilical, que podem nascer mais do um bebê ao mesmo tempo e por fim mostrou um vídeo sobre o que os bebês já conseguem fazer quando nascem. Inicialmente as crianças estavam sentadas corretamente e concentradas no que estavam a ver. No entanto, mais para o final as crianças começaram a ficar um pouco agitadas e já não se encontravam tão atentas como estavam inicialmente (cf. Anexo AA).

Da parte da tarde, quando entrei na sala onde se encontravam as crianças que já estavam acordadas, encontrei a Luísa sentada no sofá no cantinho da leitura a ler uma história. Sentei-me junto dela e perguntei se esta estava a ler uma história, no qual a L. respondeu que sim e se queria que eu lhe contasse. Aceitei a sua proposta e sentei-me junto dela a ouvir com muito atenção e a Luísa começou: “*Era uma vez um cão*”. Quando a L. terminou a história eu fiquei bastante admirada, isto porque, ela

conseguiu contar a história do início ao fim sem se esquecer de nenhuma fala e de nenhuma personagem. A história de “*Era uma vez um cão*” é sobre um menino que quer que o pai lhe conte a história do cão, mas como o pai não se lembra, este começa a contar histórias acerca de outros animais, numa determinada ordem, mas o menino quer sempre que o pai conte a do cão. Para além disto, o texto da história para além de ter texto normal, algumas partes são em rimas.

Foi surpreendentemente, o facto de a L. se lembrar de todas as rimas, e também do restante texto. Certa altura da história a Luísa trocou a ordem de um animal, lendo primeiro um e só depois o outro. Esta olhou para mim mas continuou a ler, quando terminou o que estava a dizer voltou atrás e leu a página que lhe faltou, corrigindo assim o seu erro. À medida que ia lendo, apercebi-me que a L. tinha sempre o cuidado de me mostrar as ilustrações e de olhar para mim quando terminava uma página, de modo a verificar, se eu a estava a ouvir e se estava interessada e concentrada no que ela estava a fazer. Quando terminou a Luísa disse: “Vitoria, vitoria, acabou-se a história. Então Ana gostas-te? Viste eu não me esqueci de ler nenhum texto”. Ao ouvir isto, decidi dar-lhe algum feedback da minha parte: “L eu adorei que tu tivesses lido essa história, sabes nunca ninguém me leu assim uma história tão bem como tu”

Nota de campo – dia 8 de Dezembro (quinta-feira)

FERIADO

Nota de campo – dia 9 de Dezembro (sexta-feira)

Durante a reunião da manhã de hoje, a M. partilhou a sua história de bebé aos restantes colegas e todos escutaram com muita atenção. Posto isto, realizei com as crianças a avaliação do plano do dia de quarta e construímos o plano do dia. De seguida tomaram o snack e fomos assistir ao momento do Sharing relacionado com a temática da sexta-feira fantástica (dia do pijama). Quando regressamos à sala, iniciei a minha atividade. Reuni as crianças em roda nas estrelas e perguntei-lhes de que cor é que eles queriam pintar o bebé. A MC e a MB disseram verde, no qual eu perguntei, “será que existem pessoas verdes?”. O B. responde que não. Ao ouvir esta afirmação perguntei então de cor podem ser as pessoas. As crianças responderam, “podem ser assim da nossa cor ou castanhas”. Deste modo, perguntei “então de cor querem que seja o vosso bebé?” E o TC e o B. disseram castanho e todas as crianças concordaram que fosse castanho. Assim distribuí as crianças por pequenos grupos, uns pintavam o bebé, com a auxiliar da sala que me estava a apoiar, enquanto os restantes iam desenhar a ecografia e depois trocavam. Inicialmente, as crianças escolhidas para pintar o bebe foram as crianças no qual surgiu a questão do projeto.

Em relação à atividade da ecografia todas as crianças identificaram o que conseguiram ver na ecografia que a mãe Ana Sofia tinha mostrado e conseguiram representar no desenho. Quando fomos colocar o spray no recreio as crianças estavam entusiasmadas ao verem eu a colocar o spray perguntando para que servia aquilo (cf. Anexo AB).

Reflexão semanal de 5 a 9 de Dezembro de 2016

Ao longo desta semana, o acontecimento que considerei mais pertinente foi a participação das famílias no dia da Animação Cultural.

Na minha opinião foi muito interessante ver a relação entre as crianças e a mãe presente. Considero que foi pertinente este interesse por parte da mãe em vir a sala transmitir o seu conhecimento, porque as crianças desde muito cedo que precisam do apoio dos pais e da sua presença no seu percurso de vida, principalmente no percurso escolar.

Segundo Silva et al (2016) devemos incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade. Como futura profissional da educação o meu principal objetivo é de estabelecer uma relação com as famílias, conhecendo-as e interagindo com elas, de forma a contribuir para um desenvolvimento pessoal e social adequado e harmonioso. Este tipo de atividades são igualmente importantes para conhecer as diferentes interações entre as crianças e as suas famílias, assim como para uma melhor compreensão de certos comportamentos, de forma a promover um bom desenvolvimento das crianças, que a fará compreender mais facilmente o ponto de vista dos outros assim como a sociedade que as rodeia.

Apesar da importância que estes dias têm, não nos podemos esquecer que existem muitos pais que não participam, por razões diversas, na vida escolar dos seus filhos, e, deste modo, há que procurar a melhor forma de os trazer à sala ou até mesmo a maneira mais eficaz de ser o próprio educador a aproximar-se deles, propondo-lhes, em conjunto, modos de participação, em que os educadores terão um papel primordial a desempenhar, uma vez que estes devem elaborar um planeamento de estratégias diversificadas que permitirá que todos participem, pois eventualmente poderão existir pais que possam vir à sala contarem uma história ou falarem da sua profissão, outros poderão não poder vir e por esse motivo terão de ser encontradas formas de obter o seu contributo para o que se está a realizar na sala, garantindo que todas as crianças são representadas com o contributo dos pais. (Silva, et al, 2016, p.28).

Para além disto, existem outras formas de integrar as famílias, como por exemplo informar acerca daquilo que está a ser elaborada na sala, dando a conhecer o programa, pedindo a participação das famílias no plano de trabalho ao longo do ano, assim como na estruturação da rotina da sala, organização de passeios, entre outros aspetos. Desta forma, este tipo de materiais que são fornecido aos pais permite também mostrando as nossas responsabilidades e prioridades para com as crianças, os seus filhos.

Bibliografia:

Marques, L.; Mata, L.; Rosa, M.; Silva, I. (2016) *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

Semana de 12 a 16 de Dezembro de 2016

Planificação Semanal de 12 a 16 de Dezembro de 2016

Semana de 12 a 16 de dezembro de 2016		
Intenções	Conteúdos	Objetivos
<ul style="list-style-type: none">○ Estimular a linguagem e a abordagem à escrita;	<ul style="list-style-type: none">○ Estabelecer razões pessoais para se envolver com a leitura e a escrita, associados ao seu valor e importância;○ Reconhecer letras e aperceber da sua organização em palavras;○ Aperceber do sentido direcional da escrita;○ Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação;	<ul style="list-style-type: none">○ Partilhar histórias pessoais relacionadas com a temática em grande grupo;○ Perceber a funcionalidade da Escrita;○ Identificar as letras, reproduzindo-as de modo cada vez mais aproximado;○ Reconhecer o sentido direcional da escrita;○ Partilhar informação oralmente através de frases coerentes;
<ul style="list-style-type: none">○ Formação pessoal e social	<ul style="list-style-type: none">○ Cooperar com outros no processo de aprendizagem;○ Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social;	<ul style="list-style-type: none">○ Respeita a opinião do colega e espera pela sua vez;
Estratégias		

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
<ul style="list-style-type: none"> ○ Registo e construção da história “ O que tem a barriga da mãe?” – desafio da linguagem; ○ Leitura e partilha das nossas histórias de bebés; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Ensaio ○ Leitura e partilha das nossas histórias de bebés; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Continuação do registo das descobertas no livro do projeto dos bebés; ○ Leitura e partilha das nossas histórias de bebés; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Construção do enfeite para a árvore de natal; ○ Apresentação das histórias construídas; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Sharing e Sexta-Feira Fantástica; ○ Conclusão de trabalhos relacionados com o projeto realizados ao longo da semana;
INDICADORES DE OBSERVAÇÃO				
Segunda-feira	<ul style="list-style-type: none"> ○ Comecei então pela capa, no qual a M.B referiu <u>“Eu acho que o título dessa história é Bebés”</u>. ○ Posto isto, fui mostrando página a página e registando as ideias de cada um com a cor que cada criança escolhia para o seu texto. ○ Ao longo de todas as partilhas as crianças respeitaram a opinião de cada um, e esperaram pela sua vez sem interromper os colegas. Este comportamento tem vindo a melhorar ao longo das minhas intervenções. ○ Apesar de a M.B ter dado o título a história sobre os bebés, as crianças não incluíram os bebés na sua história; ○ Na sua maioria, as crianças deram ideias coerentes para a construção das histórias, dando sempre oportunidade para todas intervirem. ○ Durante este momento apenas a L.M teve dificuldades em interpretar a imagem e em construir frases mais longas. No entanto, uma vez que estávamos a realizar o desafio em grande grupo, as restantes crianças 			

decidiram ajudar a L.M– “L.M queres ajuda? Nós podemos ajudar-te. O que tu vês na imagem?”

- L.M: “Vejo um rei e um dragão”
- F: “E está aonde esse rei?”
- L.M: “Dentro de uma barriga”
- B: “Então alguém engoliu um rei”.
- L.M: “Sim boa ideia”.
- Quando terminamos, as crianças levantaram-se, sentaram-se nas mesas de trabalho para cada uma realizar a ilustração da sua história.
- Nesta etapa da atividade, pedi à educadora e a auxiliar que me ajudassem a orientar as crianças na atividade, caso estas necessitassem.
- Foram colocados vários materiais em cima da mesa: lápis de cor, canetas, lápis de cera, aguarelas, tintas, diversos tipos de papel e plasticina. Cada criança escolheu o material que queria utilizar na sua ilustração.
- Quando distribuí as folhas resolvi ler em voz alta para verificar se todas as crianças sabiam qual era a sua folha. Surpreendentemente todas as crianças souberam dizer qual era a sua parte da história assim como a parte da história dos colegas, o que demonstra que tiveram concentradas na atividade e que estavam empenhadas no desafio.
- Durante este registo, algumas crianças necessitaram de alguma orientação no início, mas depois demonstraram ser capazes de realizarem a atividade sozinhas.
- Todas as crianças conseguiram terminar a sua atividade.
- Como ainda faltavam algumas imagens da história porque o grupo de crianças não estava completo, resolvi mostrar-lhes as restantes imagens, e em conjunto íamos fazer a nossa interpretação.
- Após termos feito esta interpretação das imagens que faltavam, perguntei às crianças se queriam descobrir a

verdadeira história. Todas as crianças disseram que sim.

- À medida que ia lendo as crianças ficavam surpreendidas porque a história não era nada parecida com o que elas tinham contado e referenciavam sempre quem tinha feito aquela imagem. Quando terminei todas as crianças disseram que a história que eles tinham contado era muito diferente da verdadeira história do livro, e que esta fala sobre o nosso projeto dos bebês

Nota de campo – dia 12 de Dezembro (segunda-feira)

Hoje, a educadora, deixou-me orientar as atividades a serem realizadas esta manhã. Assim quando cheguei, verifiquei se todas as crianças tinham marcado a presença, sentei-me com elas e cantei a canção dos bons dias, de seguida realizamos a avaliação do plano do dia de sexta e construímos o plano do dia de hoje e por fim, o J. partilhou a sua história de quando era bebé aos colegas. Desde que criamos este livro que a hora do conto da parte da manhã, tem sido a partilha das histórias. De seguida as crianças tomaram o snack e reuni-as nas estrelas para dar início à minha atividade.

O desafio da linguagem de hoje, consistia em as crianças fazerem a interpretação da história trazida por mim *“O que tem a barriga da mãe?”* de Joana Lopes e Luís Belo. Assim, comecei por explicar às crianças que hoje o desafio que eu tinha para lhes fazer, era eles terem de contar uma história a partir das ilustrações do livro que eu ia apresentar. No entanto, expliquei-lhes que para conseguirmos ouvir todos os colegas, íamos fazer um jogo, quando eu mostrasse as imagens o primeiro a colocar o dedo no ar era quem iria contar a história referente aquela ilustração.

Comecei então pela capa, no qual a MB referiu *“Eu acho que o título dessa história é Bebés”*. Posto isto, fui mostrando página a página e registando as suas ideias com a cor que cada criança escolhia para o seu texto. Inicialmente as crianças estavam sentadas corretamente a ouvir a opinião dos colegas. No entanto, mais para o final da atividade algumas crianças já tinham dificuldades em estarem sentadas corretamente, o que fez com que entrevisse algumas vezes, para corrigir-lhes esta postura. Apesar disso, todos respeitaram a opinião de cada um. Quando terminamos, as crianças levantaram-se, sentaram-se nas mesas de trabalho para cada uma realizar a ilustração da sua história. Nesta etapa da atividade, pedi à educadora e a auxiliar que me ajudassem a orientar as crianças na atividade, caso estas necessitassem. Foram colocados vários materiais em cima da mesa: lápis de cor, canetas, lápis de cera, aguarelas, tintas, diversos tipos de papel e plasticina. Cada criança escolheu o material que queria utilizar na sua ilustração. Quando fui para distribuir as folhas resolvi ler em voz alta para verificar se todas as crianças sabiam qual era a folha. Todas as crianças souberam dizer qual era a sua parte da história assim como a parte da história dos colegas, o que demonstra que tiveram concentradas na atividade e que estavam empenhadas no desafio. Durante este registo, algumas crianças necessitaram de alguma orientação no início, mas depois demonstraram ser capazes de realizarem a atividade sozinhas. Todas as crianças conseguiram terminar a sua atividade. (cf. Anexo AC)

Quando as crianças terminaram o inglês, uma vez que hoje faltavam crianças o que fez com que não víssemos todas as imagens da história, resolvi juntamente com a educadora, sentarmo-nos nas estrelas e referir que não tínhamos feito a interpretação de todas as imagens da história e por isso íamos fazer agora em conjunto e depois da parte da tarde realizamos a ilustração. Após termos feito esta interpretação das imagens que faltavam, perguntei às crianças se queriam descobrir a verdadeira história. Todas as crianças disseram que sim. À medida que ia lendo as crianças ficavam surpreendidas porque a história não era nada parecida com o que elas tinham contado e referenciavam sempre quem tinha feito aquela imagem. Quando terminei todas as crianças disseram que a história que eles tinham contado era muito deferente da verdadeira história do livro, e que esta fala sobre o nosso projeto dos bebés.

Nota de campo – dia 13 de Dezembro (terça-feira)

Durante a parte da manhã, ao realizar a avaliação do plano do dia de segunda, sugeri que as crianças ajudassem a LM. Posteriormente construímos o plano do dia de hoje todos juntos. De seguida, ainda na reunião da manhã, as crianças escolheram o que queriam fazer para colocarem na árvore de natal da instituição. Assim, o F diz: “Podíamos fazer uma estrela com a nossa fotografia”; “Mas eu não sei fazer estrelas” – MC. Ao ouvir isto a FP diz: “Mas estrelas já temos na árvore podíamos fazer uma coisa diferente”. Então, as crianças decidiram fazer uma fita para colocarem na árvore com corações, porque chegaram à conclusão que era algo que todos sabiam saber muito bem. De seguida dirigimo-nos para a Tutor Land para realizarmos o ensaio para festa de natal na sexta-feira.

Quando regressamos à sala, enquanto a educadora realizava a atividade do enfeite para a árvore de natal eu perguntei às crianças quem queria terminar as ilustrações da história que nos faltava. Deste modo, fiquei com um pequeno grupo de crianças e a educadora com as restantes.

Nota de campo – dia 14 de Dezembro (quarta-feira)

Durante a parte da manhã, uma vez que não acompanhei as crianças à natação comecei por realizar o registo das descobertas com as crianças que estavam presentes.

A atividade foi realizada em pequenos grupos, para que fosse mais fácil dar apoio às crianças sempre que estas necessitassem. Em relação aos materiais, foram colocados uma grande diversidade de materiais e cada criança escolhia quais é que queria utilizar e com que finalidade. Durante as ilustrações das descobertas, conversava sempre com as crianças acerca da informação que tinham descoberto,

repetindo várias vezes, de modo a desenvolver-lhes o desenvolvimento linguístico e cognitivo, neste caso, a capacidade de memorização. Algumas crianças não chegavam logo à informação que estavam a ilustrar. No entanto, revelavam conhecimento em relação ao projeto que estava a ser desenvolvido. Com algum apoio da minha parte as crianças facilmente chegavam à informação mesmo que eu lhes questionasse de diversas maneiras.

Quando terminei a minha atividade, considerei pertinente dar continuidade às atividades que estavam a ser dinamizadas pela educadora. Assim, quando as crianças terminavam a tarefa que estavam a realizar comigo, pedia-lhes que fossem buscar os materiais necessários para realizar a mesma atividade que os colegas estavam a fazer com a educadora.

Antes da hora de almoço, quando as crianças regressaram do recreio, sentei-me em roda com elas para partilhar o livro que o B. tinha trazido acerca do projeto sobre os bebés. O livro foi elaborado pelos pais e retrata o nascimento e crescimento do B. Através desta partilha em grande grupo, as crianças descobriram novas informações relativas ao projeto que ainda não sabiam, tais como: *o que comem os bebés quando nascem; quanto tempo fica na barriga da mãe, entre outras.* (cf. Anexo AD)

Nota de campo – dia 15 de Dezembro (quinta-feira)

Durante a reunião da manhã, as crianças realizaram a avaliação do plano do dia e construímos o plano de hoje. Seguidamente, continuei a construção do livro do projeto, com as crianças que estavam presentes. Mais uma vez, estas conseguiam relembrar a informação que tinham descoberto e realizar as ilustrações de acordo com o que tinham referido.

Nota de campo – dia 16 de Dezembro (sexta-feira)

Durante a parte da manhã, toda a comunidade equipa reuniu-se na Tutor Land para realizarem o ensaio geral da festa de Natal que decorreu da parte da tarde. Quando regressamos à sala, terminamos alguns trabalhos que foram realizados ao longo da semana, como o desenho da ecografia entre outros. Desta vez, as crianças para além de terem desenhado o bebé, estas representaram-no dentro da placenta com o cordão umbilical. Durante a atividade, as crianças referiam o que estavam a desenhar: *“Ana, este é o bebé e agora isto é o cordão umbilical”*, o que demonstra que estas estavam empenhadas na atividade que estavam a realizar.

Reflexão Semanal de 12 a 16 de Dezembro de 2016

“A maior parte dos indivíduos está envolvido com outros em múltiplos tipos de relações. Algumas são próximas, outras mais ocasionais ou formais. Umas duram apenas uns momentos, outras estendem-se ao longo de toda uma vida”. (Lima, 2002, p.73). Na escola, cada vez mais se incentiva os educadores e professores a colaborarem entre todos, em inúmeras tarefas, tais como a planificação, a execução e a avaliação de atividades e colaboração nos projetos a decorrer nas instituições.

Na instituição onde estou a realizar a minha intervenção, o intercâmbio entre todas as valências é um aspeto fulcral e um objetivo a ser alcançado e concretizado. Deste modo, resolvi refletir acerca da importância do trabalho em equipa e da partilha.

Ao longo desta semana, assim como de outros dias, foi possível verificar a existência de um bom ambiente educativo, que advém da boa relação existente entre toda a equipa educativa. Para além de ter tomado conhecimento da existência de reuniões semanais entre todas as educadoras, inclusive com a diretora, pode experienciar um espírito coletivo não só na partilha de ideias como também no envolvimento de projetos que decorrem quer pelas exposições realizadas no átrio, quer também pelas visitas às salas e da troca de trabalhos e saberes entre as educadoras. Segundo Lima (2002) é através desta partilha das suas competências profissionais e do desenvolvimento em conjunto de projetos, que os educadores aprendem uns com os outros, pois estes aprendem com as crianças, com os pares e com os outros elementos da comunidade educativa.

Em suma, para Hargreaves (1998), a colaboração e a colegialidade ocupam um lugar central no desenvolvimento da escola. De acordo com Hernández, (2007), essa colaboração entre professores conduz ao desenvolvimento profissional e à formação permanente, pois contribui para um desenvolvimento profissional mais acelerado e aprofundado. No entanto, para desenvolver um trabalho colaborativo, é necessário que se estabeleça uma relação de confiança, respeito e diálogo entre os envolvidos.

Bibliografia:

- Hargreaves, A., (1998). *Os Professores em tempos de mudança*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal
- Hernández, L. A. (2007). *El trabajo en equipo del profesorado*. Barcelona: Editorial Graó
- Lima, A. J., (2002). *As Culturas Colaborativas nas Escolas: Estruturas, processos e conteúdos*. Porto: Porto Editora.

Semana de 3 a 6 de Janeiro de 2017

Nota de campo – dia 3 de Janeiro (terça-feira)

Quando cheguei à instituição, as crianças receberam-me de braços abertos referindo que já tinham muitas saudades minhas. A meu ver foi um momento bastante positivo porque demonstra que a minha presença é importante para estas. Quando regressamos á sala, cantamos a canção dos bons dias e seguidamente li a história “O mundo está cheio de bebés” (cf. Anexo AE) para relembrar o projeto que está a ser desenvolvido em sala, uma vez que estive de férias. Á medida que lia a história as crianças completavam a informação do livro, demonstrando recordarem-se de todas as descobertas que tínhamos feito. Para além disso, considero que estas já eram capazes de explicar com maior facilidade o que tinham aprendido referindo com mais facilidade palavras mais complexas como placenta, que anteriormente tinham mais dificuldade em pronunciar ou ate mesmo recordarem-se do termo. Este comportamento demonstra que as crianças adquiriram com facilidade todos os conteúdos e aprendizagens e que apesar da minha ausência estas continuam empenhadas e interessadas no projeto.

Seguidamente, em pequenos grupo, de modo a praticar a divulgação do protejo, as crianças relembravam e praticavam com os colegas as descobertas que tinham feito. Durante este tempo, existiu sempre um momento de partilha e ajuda entre elas, principalmente, quando algum amigo apresentava alguma dificuldade em expressarem-se: “MB eu ajudo-te, tu tens de dizer que nós descobrimos que o bebé faz xixi na placenta” - B. Por fim, o F veio ter comigo e disse “Ana, eu ainda não escrevi nenhuma descoberta”. Ao ouvir isto, foi buscar o computador e juntamente com o F descobrimos o que é o útero (uma das perguntas do projeto que ainda não tinha sido respondida). O F escreveu a sua descoberta no livro do projeto realizando a respetiva ilustração e quando terminou, partilhou-a com o restante grupo para contribuir para o desenvolvimento e para a aprendizagem de todos.

Nota de campo – dia 4 de Janeiro (quarta-feira)

Durante a parte da manhã, acompanhei as crianças à natação. Quando regresssei a educadora realizou juntamente comigo o desafio da Matemática. O desafio consistia na análise de um quadro. Foram pedido alguns desafios as crianças tais como contar o número de senhores; fazer um círculo à volta de três senhores, entre outros. No geral as crianças conseguiram alcançar o seu desafio, à exceção de duas crianças que demonstraram alguma dificuldade no que diz respeito à contagem.

Nota de campo – dia 5 de Janeiro (quinta-feira)

Durante a parte da manhã, as crianças decidiram ensaiar a comunicação do projeto. Deste modo, alteramos o espaço na sala para que as crianças soubessem qual o seu lugar a ocupar. Durante o ensaio, foi notório a capacidade que as crianças demonstraram ao exprimir as descobertas que tinham feito. De todo o grupo, apenas quatro crianças demonstraram alguma dificuldade na construção do seu pensamento, pois ambas sabiam qual era a sua informação, no entanto, estavam com alguma dificuldade em explicar.

De seguida as crianças foram brincar para as áreas. Na área dos blocos a L., a I. e o F realizam algumas construções mas a L. faz uma construção com as peças de madeira sozinha, quando termina diz: “Acabei”.

Ao ouvir a intervenção da L. a I intervém e diz: *“Está muito gira, podíamos colocar estas três construções a minha, a tua e a do F para ficar uma construção grande e poderemos colocar”*

F: *“Eu acho uma excelente ideia”*

L: *“Sim”*

I: *“Então o que tu construístes L?”*

L: *“Uma casa para entrar pessoas”*

I: *“E tu F?”*

F: *“isto é uma garagem para meter carros”*

I: *“Boa! Então olhem podemos juntar estas duas e isto ficava a garagem das pessoas que vivem na casa que a L construiu. E depois, continuamos a minha e fazemos uma grande cidade. E depois podemos comunicar aos amigos”.*

Quando terminaram as crianças vieram-me pedir se poderiam realizar uma comunicação. Assim o restante grupo juntou-se para assistir à comunicação dos colegas:

I: *“Olá, nós vamos comunicar a nossa construção”*

L: *“Nós construimos uma cidade”*

F: *“Com uma casa”*

D levanta o dedo e pergunta: “O que tem a vossa cidade a não ser a casa?”

I: *“Tem uma garagem, tem um camião do lixo, tem dois...dois...”*

(I sussurra ao F perguntando “Não me lembro do que é isto”)

F: *“Tem dois vulcões”*

I: *“Isso, dois vulcões... tem ali uma torre e dois polícias”*

L: “E depois juntamos esta casa, que tem torres e esta garagem que depois juntamos para as pessoas meterem os carros e construímos a nossa cidade”

I: “Alguém tem comentários?”

As crianças colocam o dedo no ar e aguardam a sua vez que eram as crianças que apresentaram que davam a palavra. Os comentários no geral basearam-se em “Eu gostei muito da vossa comunicação; “Eu gostei muito da vossa comunicação principalmente na garagem, parabéns”. Para além destes, algumas crianças colocaram questões sobre alguns aspetos da construção que as crianças não tinham explicado. Estas escutavam os colegas e explicavam de seguida.

No entanto, à medida que era dado a palavra para as crianças falarem, o F não deixava que as crianças terminassem de falar dando logo de seguida a palavra a outra. Apesar disso, as crianças referiram: “F, a FP ainda não falou tens de deixar que ela acabe de dizer e só depois dizes o nome de outro menino”; “Pois F eu sei que tu queres muito explicar mas tens de ouvir os amigos, eu ainda não acabei esta bem?”; “Não não, não sou eu, antes de mim está a M, ela já tinha o dedo no ar, por isso não sou eu a falar, eu sou a seguir”. O F ouviu os colegas e pediu desculpa pelo seu comportamento (cf. Anexo AF).

No final como já estávamos perto da hora do inglês as crianças ajudaram as restantes a arrumar a área dos blocos.

Nota de campo – dia 6 Janeiro (sexta-feira)

Durante a parte da manhã, as crianças reuniram-se na Tutor Land para assistir ao momento do Sharing e de seguida dirigiram-se ao recreio. Quando regressamos à sala, resolver trabalhar com as crianças que apresentaram maior dificuldade no ensaio da divulgação do projeto.

De seguida, as crianças vieram pedir se podiam realizar uma comunicação. Durante a comunicação as restantes crianças escutavam os colegas em silêncio e no final realizaram alguns comentários: **A:** “Gostei muito principalmente a parte do camião da polícia”; **F:** “eu acho que esta muito bem construída”; **D:** “o que gostei mais foi a parte do ladrão”; **B:** “Não e ladrão é um guarda”; **MC:** “Gostei muito, parabéns”.

Reflexão Semanal de 3 a 6 de Janeiro de 2017

Durante esta semana, resolvi refletir acerca de uma das fragilidades que identifiquei no grupo - fomentar a cooperação e a entreatajuda entre crianças, uma vez que ao longo da intervenção foi possível observar um grande desenvolvimento.

Como reporta-nos Roberts (2004) o processo de desenvolvimento pessoal e social das crianças é, essencialmente, interativo, envolvendo interações e relações com os outros e desde muito cedo que as crianças são capazes de demonstrar tolerância e cooperação e capacidade de partilha quando brincam as outras crianças. No entanto, inicialmente as crianças não conseguiam trabalhar com os pares, mesmo que fosse para alcançarem o mesmo objetivo. Apesar de ter a consciência que a apropriação deste objetivo só é conseguida plenamente após um trabalho de vários anos, foi possível observar ao longo da minha intervenção, uma evolução.

De acordo com Lopes da Silva et al (2016) o desenvolvimento de atividades em grupo implica confronto de opiniões e necessidade de resolver conflitos que suscitarão de debate e negociação, de modo a encontrar uma resolução mutuamente aceite pelos intervenientes. Por esse mesmo motivo, resolvi realizar atividades em que as crianças pudessem confrontar os seus pontos de vista e trabalharem mutuamente para o mesmo objetivo. Assim, durante esses momentos, as crianças começaram a demonstrar comportamentos de ajuda e cooperação, uma vez que começaram a compreender que só conseguiam atingir os resultados se todos trabalhassem para o mesmo objetivo comum. Alguns exemplos disso são: *“Oh M, não precisas de chorar, nós ajudamos, porque estamos a fazer todos juntos, olha fazes assim estás a ver, tenta tu”*; *MB eu ajudo-te, tu tens de dizer que nós descobrimos que o bebé faz xixi na placenta”*.

Em suma, de acordo com Roberts (2004) os educadores nos contextos de educação pré-escolar têm constantemente a oportunidade de proporcionar às crianças experiências que desenvolvam estas competências pessoais de cada uma, uma vez que estes valores “não se ensinam” mas vivem-se e aprendem-se na ação conjunta e nas relações com os outros” (Silva et al, 2016, p.33).

Bibliografia:

Marques, L.; Mata, L.; Rosa, M.; Silva, I. (2016) *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

Roberts, R. (2004). *Pensando em Mim Mesmo e nos Outros: Desenvolvimento Pessoal e Social*. Em Siraj-Blatchford, *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância* (pp. 144-160). Lisboa: Texto Editora, Lda.

Semana de 9 a 13 de Janeiro de 2017

Nota de campo – dia 9 de Janeiro (segunda-feira)

Durante a reunião da manhã, realizei com as crianças a avaliação do mapa das tarefas. As crianças após a análise notaram que algumas das tarefas não foram cumpridas. Quando a MC chegou à sala, esta trazia consigo o livro das histórias de bebés sentando-se logo ao pé de mim para que eu lesse a sua história ao restante grupo. De seguida as crianças realizaram o desafio da linguagem – registo do fim-de-semana. Durante esta atividade as crianças têm de escolher uma letra para caçar. Constatei que as crianças no geral conhecem a maior parte das letras, principalmente as letras do seu nome, à exceção do B que apenas conhece a letra B e da M que teve algumas dificuldades em identificar todas as letras do seu nome. Nas restantes, a maior dificuldade que identifiquei foi no reconhecimento dos L e dos R.

Outro aspeto a ter em conta durante esta atividade foi o trabalho cooperativo entre as crianças. “Ana a LM não está a conseguir caçar a letra”. No qual eu respondi: “Então e porque que não a ajudas?” FP: “Posso ajudar a LM e ela a mim?”. No qual eu respondi: “Sim claro que sim podem trabalhar juntas”. Assim, a FP pede ajuda à LM para verificar se esta já tinha encontrado todos os “o”. E ambas começam a procurar.

LM: Olha, está aqui um FP.

FP: Obrigada LM. Eu já tenho todos agora é a minha vez de te ajudar a procurar LM. Qual é a letras que estas a caçar?”

LM: É o A

FP: “Olha tens aqui um nesta linha procura lá”

LM: “Nesta linha... encontrei FP”

FP: “Boa LM”

Entretanto a K. vem com o seu trabalho e junta-se à mesa

K: “Olha LM eu também vejo um aqui nesta fila”

LM: “Esta aqui!”

FP: “Acho que já terminaste LM, deixa-me me ver. Pois já.

LM: Pois já obrigada, acabamos ao mesmo tempo assim podemos ir brincar as duas obrigada”

Através deste discurso que as crianças trabalham em conjunto num mesmo problema – encontrar todas as letras – em vez de separadamente. Deste modo, criou-se um ambiente rico em descobertas mútuas, feedback recíproco e um partilhar de ideias frequente (cf. Anexo AG).

Nota de campo – dia 10 de Janeiro (terça-feira)

Durante a parte da manhã, antes das crianças chegarem, eu e a educadora preparamos a sala do Tutor Land para as crianças divulgarem o projeto às famílias (cf. Anexo AH).

Ao longo da divulgação do projeto, as crianças encontravam-se sentadas corretamente e todas conseguiram expressar as descobertas que tínhamos feito. No final da apresentação as crianças perguntaram se tinham dúvidas ou questões para colocar acerca do projeto. Todos pais colocaram pela menos uma questão e muitas delas não estavam relacionadas com o projeto. No entanto, as crianças a partir dos conhecimentos que foram adquirindo ao longo do projeto conseguiram responder corretamente a todas as perguntas colocadas mesmo as que não estavam relacionadas com a pergunta principal do projeto. Por esse mesmo motivo, foi possível observar todo o empenho e interesse que as crianças tiveram ao longo do projeto.

O feedback das famílias foi bastante positivo, dando os parabéns inicialmente ao grupo de crianças e posteriormente a toda a equipa educativa da sala. Durante os comentários das mesmas, foi perceptível que apesar de estas inicialmente estarem reticentes em relação ao tema do projeto, referiram que a mensagem pedagógica foi transmitida da melhor forma, e que as crianças demonstraram compreender todos os conceitos e aprendizagens ao longo do projeto. No final, as crianças dirigiram-se às suas famílias, mostrando os seus trabalhos e tudo o que foi desenvolvido e estas foram tirando fotografias ao projeto exposto.

Nota de campo – dia 11 Janeiro (quarta-feira)

Da parte da manhã, uma vez que auxiliar não estava presente, eu acompanhei uma vez mais as crianças à natação. Quando regressamos à sala, a educadora juntamente comigo realizou o desafio da atividade experimental. Este consistia numa atividade de força e velocidade. A educadora colocou varias rampas de diferentes tamanhos e em diferentes alturas/inclinação e eram colocados vários carros de diferentes tamanhos onde cada criança tinha de largar o carro e verificar qual era o que ia mais longe, ou seja, o que atingiu maior velocidade. Foi incrível a capacidade das crianças em compreender que a velocidade que os carros atingiam estavam relacionada com a inclinação da rampa e com o tamanho dos carros, pois estas referiam: *“O meu carro foi mais longe porque é mais pequeno que o teu. O teu como é maior pesa muito”*; *“O meu carro foi mais longe porque a minha rampa esta mais alta, logo foi mais rápido”*. O registo das ideias das crianças foi feito ao longo da atividades e posteriormente duas crianças ilustração a tarefa.

Nota de campo – dia 12 Janeiro (quinta-feira)

Durante a parte da manhã recebemos a mãe da I. que veio realizar uma atividade no dia da Animação cultural. Esta distribuiu dois cartões a cada criança e em grande grupo tínhamos de construir uma história com os cartões que tínhamos. Esta iniciou a atividade colocando o primeiro cartão e cada criança sempre que chegava a sua vez tinha de contar a história desde o princípio e de seguida acrescentar o seu cartão com a sua ideia. Durante esta atividade resolvi observar o desenvolvimento cognitivo das crianças, neste caso, a capacidade de memorização e de desenvolvimento linguístico, como também observar os comportamentos das mesmas.

Em relação aos comportamentos das crianças, estas encontravam-se concentradas e empenhadas na tarefa. No entanto, registou-se algumas dificuldades no que diz respeito à capacidade de memorização e de construção de pensamento. No que diz respeito à capacidade de memorização, a maioria do grupo apresentou facilidade em recontar a história, à exceção da LM e da K que necessitaram de bastante orientação. Esta orientação não foi dada pelos adultos, mas sim pelas restantes crianças que ajudavam no reconto da história. Durante este momento, o D. foi a criança que demonstrou uma boa capacidade de memorização como também a expressar as suas ideias. Por fim, em relação à construção do pensamento, apenas uma criança demonstrou algumas dificuldades em expressar as suas ideias de acordo com uma lógica. Compreendia-se o que este queria transmitir-nos no entanto este tinha dificuldades em desconstruir o seu pensamento.

Durante a parte da tarde, resolvi observar os comportamentos das crianças durante os momentos de aprendizagem ativa, de modo a verificar se existia um trabalho cooperativo entre as crianças.

O MM o A e o B estavam na área dos blocos a realizar a experiência da força e da velocidade que tinham aprendido no dia anterior. O T chega e pergunta se pode ajudar.

T: “MM não podes meter assim o carro senão ele vai cair”

MM: “Então como fazemos? Vai sempre cair, nós já tentamos”

T: “Se colocarmos esta peça aqui, vai segurar a rampa e o carro já não cai”

MM: “Vamos experimentar”

B coloca o carro de lado e larga-o para escorregar pela rampa mas ele cai.

MM: “Assim não B, assim o carro cai para o chão, para descer rápido tens de colocar assim, tenta”

B: “Boa MM conseguimos, vamos tentar com outros”

O T ao chamar o MM pronuncia mal o seu nome

MM: *“T não é assim que se diz o meu nome. É assim, diz lá”*

T: *“Matim”*

MM: *“Não é Matim é Martim, tem um R tens de dizer o R.”*

T: *Maretim*

MM: *Boa T.*

Nota de campo – dia 13 Janeiro (sexta-feira)

Durante a parte da manhã, as crianças apresentaram a sexta-feira fantástica e de seguida realizamos o desafio da vida saudável. Este consistia em as crianças ralarem cenouras para comerem à hora da refeição. Algumas crianças tinham dificuldade em raspar a cenoura no ralador. No entanto, as crianças que estavam ao seu lado ajudavam-nas a segurar no alguidar e no ralador para que estas também conseguissem participar na tarefa: *“Oh Ana temos de conseguir todos não é? Porque isto é para o nosso almoço, por isso todos temos de fazer um bocadinho” – B.*

Da parte da tarde, a seguir ao lanche as crianças dirigiram-se para as áreas. Na área da plasticina, o J e o D brincavam juntos. O J é uma criança que demonstra muita preferência por esta área, estando a maior parte do tempo a brincar com plasticina.

J: *“Vamos brincar ao Batman”*

D: *“Eu não sei J”*

J: *“Vamos fazer a nave do Batman”*

D: *“Mas eu já disse que não sei J”*

J: *“Eu faço e ensino-te. Fazes dois rolos”* (à medida que o J faz o D observa e imita-o)

D: *“Assim J?”*

J: *“Sim, depois juntas estes dois e colas este rolo para segurar a nave”*

D: *“Esta bem”. (O D termina a sua tarefa e pergunta ao J se está bem feito)*

J: *“Sim, vês é fácil. Agora vou fazer o Batman”*

D: *“Eu também, então mas onde é que ele se senta é aqui?”*

J: *“Sim este é o banco da nave”. Esse é o teu Batman D?”*

D: *“Sim é”*

J: *“Olha que está muito bem feito”*

D: *“Obrigada. Olha Ana o J ensinou-me a fazer uma nave e um Batman”*

Reflexão Semanal de 9 a 13 de Janeiro de 2017

Segundo Vygotsky (citado por Monteiro & Delgado, 2014, p.110) “as brincadeiras são atividades específicas da infância, em que a criança recria a

realidade usando sistemas simbólicos. É uma atividade social, com contexto cultural e social”. É ao brincar com outras crianças que estas aprendem a conhecer-se, a comunicar, a respeitar e a criar hábitos de trabalho, como aprender algumas regras da sala.

O brincar em todas às idades é bastante importante e indispensável ao seu desenvolvimento não só psíquico, como motor assim como na formação da sua personalidade e do seu estilo de integração. É através deste que esta vai descobrindo a si própria e se vai adaptando á realidade circundante.

Existem, também, alguns autores que defendem que o brincar é uma forma das crianças construírem ativamente as suas culturas infantis, como nos dizem Monteiro e Delgado (2014). Através do brincar a criança consegue desenvolver diversas habilidades, pois é através deste que ela representa vários papéis sociais, o que promove uma maior perceção do mundo que o rodeio. Desta forma, é possível afirmar que o jogo e o brincar proporcionam à educação infantil inúmeros benefícios e aprendizagens estimulando o desenvolvimento cognitivo, motor, social e afetivo.

A alegria e o prazer do brincar surge sempre quando esta consegue responder adequadamente às características do estímulo que lhe é apresentado e vai progressivamente favorecendo de adaptação psicomotora, intelectual e sócio-afetivas. Neste domínio da afetividade o brincar assume um significado fortemente expressivo no universo infantil animado de intenção misteriosas. Através deste, a criança cria um mundo imaginário a partir de elementos reais. Segundo Monteiro e Delgado (2014) é possível inferir que para as crianças e o jogo seja uma busca pelo próprio prazer proporcionado por ele e não necessariamente uma busca baseada no seu utilitarismo pedagógico. (p.110). É um grande objetivo do educador contribuir para esse crescimento como tal, educar é possibilitar á criança o seu crescimento e desenvolvimento, principalmente quando esta brinca ou trabalha em grupo. Ela explora o seu pequeno mundo, descobrindo cores e tudo aquilo que se movimenta e faz barulho.

Em suma, os educadores não devem utilizar o brincar como instrumento pedagógico visado pelo adulto, pois este transforma-se numa estratégia para alcançar a aprendizagem escolar e, conseqüentemente, deixa de ser uma atividade lúdica, resultante das experiências vividas por cada criança, determinantes para que ela consiga jogar e que resultam em diferentes maneiras de fazê-lo (BROUGÈRE, 2010, citado por Monteiro & Delgado, 2014, p.110).

Bibliografia:

Monteiro, C., & Delgado, A. (2014). Crianças, Brincar, Culturas da Infância e Cultura Lúdica: Uma Análise dos Estudos da infância. Em *Saber & Educar* (pp. 107-115). Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande.

Semana de 16 a 20 de Janeiro de 2017

Nota de campo – dia 16 de Janeiro (segunda-feira)

Durante a parte da manhã, as crianças realizaram o desafio da linguagem que consistia no registo do fim-de-semana e na caça à letra. As crianças agrupavam-se por pequenos grupos e durante este momento foi possível observar alguns comportamentos de entreajuda entre as crianças.

Enquanto a K procurava a letra a E, a MB chegou ao pé dela e diz: *“Tens aqui um”*; mas a K não reconhece a letra e diz que aquele não é um E.

A MB intervém e explica-lhe: *“Olha K, este é a letra E só que este este E é o E grande mas também é um E à mesma, nós temos as letras grande e as letras pequenas”*. A FP que estava no mesmo grupo responde: *“Pois é, mas MB não é grande nem pequeno que se diz é maiúsculas e minúsculas”*. MB e K: *“Obrigada FP”*.

Entretanto tanto a FP como a MB terminam a tarefa e perguntam: *“Já acabamos todas para irmos brincar?”*. Mas a K ainda estava à verificar se já tinha caçado todos os E. A FP e a MB chegam-se ao pé dela e dizem: *“Deixa-nos ver se já tens todos. Sim já tens todos K. Vai mostrar à Ana e depois podemos ir brincar”*.

Ainda durante a parte da manhã, em conversa com a educadora chegamos à conclusão que as crianças não estavam a desenvolver muito as brincadeiras na área do faz de conta. Por esse mesmo motivo, a educadora quis realizar uma alteração do espaço da sala, mudando algumas áreas do sítio de modo a que fossem corresponder aos interesses e necessidades do grupo. Assim a educadora reuniu as crianças e em conversa com as mesmas perguntou se estas queriam mudar a área do faz de conta no qual as crianças responderam que queriam construir um castelo. Posto isto, a educador registou todas as sugestões das crianças, desde ao que queriam construir a que materiais iriamos utilizar e quem poderia trazer o quê. De seguida as crianças construíram o convite para fazer as salas para a comunicação do projeto (cf. Anexo AI).

Nota de campo – dia 17 de Janeiro (terça-feira)

Durante a parte da manhã, as crianças divulgaram o projeto à comunidade escolar. Como faltava algumas crianças, as restantes tiveram de explicar as informações que faltavam. Apesar de a informação pertencer a uma criança em específico todas as crianças conseguiram explicar muito bem as descobertas, o que demonstrou que as aprendizagens transmitidas ao longo do projeto tinham sido adquiridas. Em relação à apresentação todas as crianças conseguiram explicar muito bem qualquer descoberta o que se notou posteriormente nos comentários feitos *“Gostei muito e acho que este projeto fez com que vocês se expressassem muito melhor e percebeu-se muito bem o que quiseram explicar, estão uns crescidos, parabéns”*. Para além destes comentários a comunidade escolar considerou o projeto foi uma mais-valia para a aprendizagem das crianças, uma vez que, para além de terem dado resposta à pergunta, estas conseguiram alargar os seus conhecimentos para outras temáticas relacionadas com os bebés: *“Aprendi muito com o vosso projeto porque acho que abordaram diversos temas relacionados com os bebés”*.

Após a apresentação do projeto, as crianças dirigiram-se à horta para plantar os morangos que a K. trouxe. Inicialmente, as crianças fizeram a manutenção da horta, ou seja retiraram as ervas daninhas e de seguida cada um plantou um morango. Durante esta atividade, pude constatar que algumas crianças ainda não gostam muito de mexer na terra, porque não gostam de se sentirem sujas, no entanto, participam sempre nas atividades relacionadas com a horta.

Nota de campo – dia 18 Janeiro (quarta-feira)

Durante a parte da manhã, eu e as crianças que estavam presentes decidimos expor todo o projeto nas paredes da sala, uma vez que já tinha sido feito a divulgação. Posto isto, eu e a educadora começamos por alterar o ambiente educativo da sala. Esta alteração contou sempre com as opiniões de todos os membros da equipa da sala inclusive eu. Na área dos blocos, por ser a área em que as crianças realizavam muitas construções para comunicarem, resolvemos colocar um placar com varias folhas e material de desenho, para que as crianças pudessem representar as suas construções para o desenho. Isto porque, muitas das vezes as comunicações não eram realizadas devido ao espaço ser necessário para colocar as camas das crianças, o que fazia com que estas tivessem de arrumar os materiais e assim não eram realizadas as suas comunicações (cf. Anexo AJ).

Quando as crianças da natação regressaram à sala, a educadora realizou o desafio da matemática que consistia em contar o número de pintas nas peças de dominó e referir qual o número total de pintas. No geral, as crianças não apresentaram

dificuldades ao nível da contagem, pois muitas delas não precisavam de indicar com o dedo. No entanto, por outro lado, algumas crianças demonstravam dificuldade em relação a esta capacidade, pois mesmo contando utilizando o dedo estas acabavam por contar pintas que já tinham sido contadas, perdendo-se assim no seu raciocínio. Uma criança que me despertou a atenção foi o A, pois este demonstrou uma enorme capacidade de cálculo mental. Isto porque, quando terminamos a tarefa, a educadora começou por perguntar quanto era quatro pintas mais duas e assim sucessivamente e este não necessitava de contar pelos dedos respondendo corretamente logo de seguida.

Nota de campo – dia 19 Janeiro (quinta-feira)

Durante a parte da manhã, assistimos à comunicação do projeto da sala PE3. De seguida, dirigimo-nos à nossa sala e enquanto realizamos as restantes alterações na sala, as crianças encontravam-se em pequenos grupos a construir uns puzzles, cada grupo tinha um puzzle. À medida que terminavam as crianças tinham de trocar o puzzle com outro grupo e assim sucessivamente. Assim, resolvi observar e registar os comportamentos das crianças durante este momento.

Enquanto constroem o puzzle o MM coloca uma peça

F: “Eu acho que esta não é aqui MM, vamos ver melhor”

Ao mesmo tempo FP faz pressão numa das peças para que esta encaixe

MM intervém e chama a atenção: “Não é por bateres com força FP que a peça vai caber aqui”

A FP resolve tirar a peça da mão do F

F: “Essa peça é minha FP”

MM: “FP isso não se faz sabes”

FP: “Mas eu só quero ajudá-lo”

MM: “Eu sei, mas não se tira as peças da mão, podes ajudá-lo dizendo onde achas que é essa peça”

F: “Pois FP, nós estamos a jogar os três e as peças não são de ninguém são todos”

MM: “Sim, vá temos de acabar com o puzzle para pudermos ir trocar com alguém” (cf. Anexo AK)

Durante estes momentos de troca, existiam grupos que terminavam mais rapidamente a tarefa que os restantes, o que significava que não tinham ninguém para trocar o puzzle. Assim, estes quando terminaram resolveram ir ajudar os restantes grupos para que posteriormente todos pudessem trocar os puzzles ao mesmo tempo:

“F e se fossemos ajudar o grupo da LM elas estão com muitas dificuldades, ainda não montaram quase nada” - MM. “Pois, o puzzle delas parece mais difícil” - F; “Podem ajudar-nos se faz favor? Não descobrimos esta peça” – K. “Olhem e se fizermos assim, quando um grupo acaba pode ir ajudar outro? Eu acho muita boa ideia. Assim todos trocamos ao mesmo tempo” – B.

Assim as restantes crianças concordaram e sempre que um grupo terminasse a tarefa mais cedo iria ajudar os restantes para que no fim todos trocassem de puzzles ao mesmo tempo.

Nota de campo – dia 20 Janeiro (sexta-feira)

Durante a parte da manhã, resolvi trazer um snack para partilhar com as crianças e a equipa educativa por ser o ultimo dia de estágio. Quando mostrei às crianças o snack que tinha trazido estas questionaram porque que eu tinha trazido. Assim, resolvi explicar-lhes que hoje era o meu último dia com eles e por isso quis trazer uma lembrança. As crianças demonstraram-se muito surpreendidas e tristes com a minha partida: *“Mas Ana porque não podes continuar aqui?” – FP. “Sabes a Ana agora tem de ir para a sua escola mostrar todo o que aprendi com vocês” – Eu; “Vais mostrar o nosso projeto? Aquilo todo que aprendemos?” – F; “E os nossos desenhos também?” – B; “Mas porque não podes ir a escola e vir aqui ao mesmo tempo? Tu à terça também ias para a escola mas vinhas aqui primeiro” – MM; “Ana não vais embora, nós gostamos muito de ti” – MC.* Apos ter ouvido estes comentários respondi que ia muitas vezes visita-los assim as crianças conseguiram compreender.

Por ser o ultimo dia, juntamente com as minhas colegas de estágio, resolvemos sermos nós a realizar o momento de Sharing para toda a comunidade escolar, para que pudéssemos agradecer a todas as crianças e equipa educativa que nos acompanharam durante estes meses. O Sharing que realizamos foi através do teatro de fantoches, para que as crianças não descobrissem inicialmente que eramos nós. No final do Sharing todas as crianças, principalmente as crianças que nos acompanharam durante este percurso, levantaram-se e correram para nós abraçando-nos referindo que tinham gostado muito da nossa história. Muitas delas começaram até a tentar descobrir que personagem era cada uma de nós. Esta satisfação das crianças foi notória ao longo do dia, pois tanto nos momentos de brincadeira, como noutros, estas falavam sobre a história e representavam-na.

Quando chegou a hora de me ir embora, todas as crianças correram para me abraçarem dizendo que gostaram muito de me terem ali e que tinham aprendido muita coisa.

Reflexão Semanal de 16 a 20 de Janeiro de 2017

Para esta última reflexão, considerei oportuno refletir acerca da Metodologia de Trabalho de Projeto, uma vez que foi a metodologia utilizada para desenvolver as minhas intenções para ação pedagógica. A partir desta, consegui desenvolver uma prática mais centrada nos interesses e necessidades do grupo de crianças, o que, na minha prática em contexto de creche não foi tão notória.

Os autores Rangel e Gonçalves (2010) referem que a MTP rompe com a tradição, com as convicções profundas e os cânones interiorizados sobre o ensino e a aprendizagem (o ensino direto, expositivo e fundamentalmente num sentido só). Assim, a MTP é uma metodologia centrada na resolução de problemas pertinentes e reais que surgem a partir de questões feitas pelas crianças ou através de uma temática. Assim sendo, no seguimento desta ideia, Lilian Katz refere que a principal característica desta metodologia é o respeito pela iniciativa das crianças, de modo a permitir-lhes que sejam assertivas e responsáveis (Lopes da Silva, 2011, p.127).

Concomitantemente, Lopes da Silva (2011) refere que, de facto, a metodologia de projeto desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da competência de “aprender a aprender” – os novos conhecimentos são adquiridos aos que estas já sabem. Esta competência vai “tornando as crianças, progressiva e gradualmente, aprendentes que se auto-regulam e se tornam autónomos” (Folque, 2014, p.75). Através dos projetos, as crianças vão aprendendo a autorregular a sua aprendizagem, o que as torna capaz de identificar as suas dificuldades e potencialidades, como também a reconhecerem o modo como aprendem melhor e como acedem ao saber. Esta predisposição para aprender é uma coisa que a criança leva para vida, atribuindo a cada aprendizagem um significado.

O papel do educador enquanto promotor desta aprendizagem é o de questionar, permitindo que as crianças procurem respostas que as satisfaçam e não o de dar respostas diretas. Estas devem-se esforçar para aprender, uma vez que a aprendizagem é um processo em construção. Assim “o projeto, pela sua complexidade, pode e deve trabalhar na zona de desenvolvimento próximo da criança” (Vygotsky, 1978, citado por, Vasconcelos, 2011, p.10), permitindo trocas e transações elaboradas, capazes de uma ação mútua emergente, o que torna a MTP um “andaime”, visto que atua nessa zona de desenvolvimento. O mesmo autor conclui que, através do trabalho de projeto, a criança “move-se adiante do seu próprio desenvolvimento” (citado por, Vasconcelos, 2011, p.10).

Como supracitado, as crianças devem ter uma palavra importante quanto aos projetos a serem desenvolvidos e não que estes partam dos interesses do educador, visto que “o docente pode também servir-se dos projetos para conhecer e

compreender melhor os seus alunos e identificar melhor os seus conhecimentos e as suas dificuldades, porque consegue vê-los em ação nas suas múltiplas e complexas tarefas” (Perrenoud, 2001, p.116), permitindo-lhe conhecer melhor ao longo do tempo as principais potencialidades e dificuldades do grupo.

Como nos reporta Vasconcelos (2011), o educador deve organizar e estabelecer os seus objetivos pensando nas necessidades das crianças, pois são elas as principais guias na MTP. Este deve partir das experiências das crianças e valorizar os seus saberes e competências como fundamento de novas aprendizagens. Deste modo, ao longo da minha intervenção procurei adequar o plano às necessidades e capacidades das crianças com o objetivo de promover aprendizagens integradas. Importa, ainda, referir que o papel do educador é o de estabelecer relações entre as crianças ao longo do seu processo de ensino, visto que ao mesmo tempo que guia as crianças na sua aprendizagem, também aprende. Neste sentido, indo ao encontro da perspetiva de Vasconcelos (2011), saliento a ideia de que os adultos crescem e desenvolvem-se à medida que contribuem para o crescimento e desenvolvimento das crianças e da sua comunidade através do trabalho de projeto. Deste modo, a autora defende que o educador é o companheiro mais experimentado, que parte com as crianças à descoberta, pois crianças e educadores são construtores de saberes e novos saberes.

Por fim, é de extrema importância referir que o educador, durante as suas intervenções deve estimular e mediar, criando situações de aprendizagem significativa, que leve as crianças a construir o seu pensamento, questionando-as para que estas pensem e reflitam acerca dos conhecimentos. Assim sendo, de acordo com Rodrigues (2006) o educador deve apoiar todo o desenvolvimento do projeto, desde as fases às atividades integradas neste. Este deve apoiar o grupo de uma forma indireta, para que seja a criança a descobrir as soluções mais adequadas à concretização dos seus planos.

Bibliografia:

Lopes da Silva, I. (2011). *Das Voltas que o projeto dá...Da investigação às práticas* 1(3): 118-132

Rangel, M. Gonçalves, C. (2010). *A Metodologia de Trabalho de Projeto na nossa prática pedagógica*. Porto: Tangerina, Educação e Ensino

Folque, M. (2014). *O aprender a aprender no pré-escolar: o modelo pedagógico do movimento da escola moderna*. Avenida da Berna - Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Rodrigues, A. (2006) Planeamento de Projetos. *Escola Moderna*, 6(5), 5-14.

Vasconcelos, T. (2011). *Trabalho por Projetos na Educação de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Vasconcelos, T. (2011). *Trabalho de Projeto como "Pedagogia de Fronteira"*. *Da Investigação às Práticas*, I (3), 8-20.

REFERÊNCIAS

- APEI. (s.d) *Carta de Princípios para uma Ética Profissional*. Lisboa
- Bondioli, A., & Mantovani, S. (1998). *Manual de educação infantil de 0 aos 3 anos*. Porto Alegre: Artmed
- Cole, M., & Cole, S. (2004). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed.
- Ferreira, M. (2004). "A gente gosta é de brincar com os outros meninos!": Relações sociais entre crianças num Jardim de Infância. Porto: Edições Afrontamento, 65-102.
- Folque, M. (2014). *O aprender a aprender no pré-escolar: o modelo pedagógico do movimento da escola moderna*. Avenida da Berna - Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Folque, M.; Bettencourt, M. & Ricardo, M. (2015) A prática educativa na creche e o modelo pedagógico do MEM. *Escola Moderna*, (3), 13-34
- Formosinho, J., & McKinlay, N. (2011). Nota de apresentação. Em Oliveira-Formosinho, Andrade, & Formosinho, *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação* (pp. 7-8). Porto: Porto Editora.
- Goldschmied, E., & Jackson, S. (2006). *Educação de 0 aos 3 anos: O atendimento em creche*. Porto Alegre: Artmed.
- Hohmann, M., & Weikart, P. D. (1997). *Educar a criança*. Av. de Berna - Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lino, D. (2013). O Modelo Pedagógico de Reggio Emilia. Em Oliveira-Formosinho, Formosinho, Lino, & Niza, *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (pp. 109-140). Porto: Porto Editora.
- Marques, L.; Mata, L.; Rosa, M. & Silva, I. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE). Lisboa
- Niza (2013). O modelo curricular da Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa. Em Oliveira-Formosinho, Formosinho, Lino, & Niza, *Modelos Curriculares*

para a Educação de Infância - Construindo uma práxis de participação (pp. 25-60).
Porto: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J., & Formosinho, J. (2013). A perspetiva educativa da Associação Criança: A Pedagogia-em-Participação. Em Oliveira-Formosinho, Formosinho, Lino, & Niza, *Modelos Curriculares para a Educação de Infância - Construindo uma práxis de participação* (pp. 25-60). Porto: Porto Editora.

Parente, C. (s.d) Observar e escutar na creche para aprender sobre a criança. Porto. CNIS

Portugal, G. (2012) Uma proposta de avaliação alternativa e “autêntica” em educação pré-escolar: o Sistema de Acompanhamento das Crianças (SAC). *Revista Brasileira de Educação*, 17 (51), 593-744

Portugal, G. (2012). *Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Porto: CNIS

Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários - Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Av. de Berna - Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sarmiento, T. (2005). (RE) PENSAR A INTERAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA. *Revista Portuguesa de Educação*, 53-75.

Sem nome ¹(2012/2013). Regulamento Interno. Lisboa.

Sem nome (2012/2013). Brochura do Site. Lisboa.

Sem nome (2016/2017). Projeto Pedagógico de Sala. Lisboa.

¹ Por motivos de privacidade não são reveladas as autoras dos documentos.

ANEXOS

Anexo A - Data de nascimento, idade das crianças e percurso institucional

Nome	Data de Nascimento	Idade	Percurso Institucional
A.	26/04/2012	4	Fev-2016 (PE1)
B.	20/01/2012	4	Set-2013 (Creche)
D.	14/09/2012	4	Mar-2013 (Berçário)
F.P	17/04/2012	4	Set-2013 (part-time, PE1)
F.	15/05/2012	4	Jun-2014 (part-time, Creche)
I.	07/09/2012	4	Mar-2014 (Creche)
J.	25/10/2012	4	Set-2014 (Creche)
K.	12/07/2012	4	Set-2015 (PE1)
L.M	30/11/2012	4	Mai-2013 (Berçário)
L.	23/10/2012	4	Set-2015 (PE1)
M	21/11/2012	4	Mar-2013 (Berçário)
M.M	14/03/2012	4	Set-2012 (Berçário)
M.B	04/01/2013	3	Set-2014 (Creche)
M.C	19/04/2012	4	Nov-2013 (par-time, Creche)
T	07/12/2012	4	Abr-2016 (PE1)
T.C	16/08/2012	4	Jan-2016 (PE1)

Anexo B – Situação profissional do Pai e da Mãe

Crianças	Pai				Mãe			
	Profissão	Idade	Escolaridade	Nacionalidade	Profissão	Idade	Escolaridade	Nacionalidade
A.	Engenheiro	41	Sem dados		Pediatra	44	Sem dados	
B.	Gestor Comercial	45			Eng. Telecomunicações	42		
D	Gestor Empresas	42			Gestora Marketing	37		
FP	Economista	39			Advogada	44		
F	Consultor	38			Farmacêutica	36		
I	Médico	37			Médica	38		
J	Advogado	46			Advogada	39		
K	Gestor				Educadora de Infância	43		
LM	Chefe Armazém	39			Aux. Educação	37		
L	Bancário	42			Eng. Química	44		
M	Marketer	38			Deleg. Info. Médica	35		
MM	Gestor Comercial				Auditora Financeira			
MB	Gestor	40			Auditora Financeira	40		
MC	Advogado	44			Advogada	36		
T		39			Economista	39		
TC	Empresário	46			Empresária	49		

Anexo C – Portefólio individual da criança



PORTEFÓLIO DE AVALIAÇÃO INDIVIDUAL

Ana Cruz

Trabalho realizado no âmbito da unidade curricular Prática Profissional Supervisionada

Módulo II

Orientadora: Professora Manuela Rosa

Mestrado em Educação Pré-Escolar

2016/2017

Introdução

São inúmeros os formatos de avaliação que podem ser utilizados no âmbito da educação de infância. O portefólio de avaliação é um desses instrumentos. Segundo McAfee e Leong (2006) (citado por Parente, C., s.d) o portefólio é uma coleção sistemática, organizada e intencional de amostras de trabalhos e evidências das aprendizagens das crianças, recolhidos ao longo do tempo e que demonstram e documentam os progressos realizados, as aprendizagens e as competências destas (p.307).

A realização deste portefólio tem como objetivo documentar o desenvolvimento e aprendizagem da criança escolhida por mim através da recolha de amostras de trabalhos, registo de observações e reflexões ao longo do tempo. Escolhi esta criança porque foi das primeiras a criar uma relação afetiva comigo e por me ter despertado a atenção pelo facto de ser uma criança curiosa, participativa e comunicativa. Tal como é habitual num portefólio, será necessário o envolvimento ativo da mesma no seu próprio desempenho. Deste modo, foi ela quem selecionou os trabalhos que pretendeu incluir, sendo-lhe dada a oportunidade de rever, comparar e atribuir valor aos registos acerca do seu desenvolvimento e aprendizagem. Antes da realização deste portefólio, foi pedido uma autorização tanto aos pais como à criança selecionada.

Para uma melhor compreensão e organização da informação recolhida, decidi organizar este portefólio por diversos capítulos. Estes capítulos foram feitos consoante a opinião da criança sendo ela a titula-los. O primeiro capítulo tem assim como título “Quem sou eu” – onde a criança faz uma breve descrição dela. O segundo capítulo tem como título “Os meus desenhos” – onde foram colocados diversos trabalhos realizados pela criança, mais concretamente desenhos. O terceiro capítulo “O meu dia na escola” – tem diversas fotografias escolhidas pela criança que representam diversas atividades que esta desenvolve ao longo do dia na escola. Por último, considerei pertinente incluir um separador, ao qual atribui o nome de “Observações”, onde inclui notas de campo e observações naturalistas que realizei com a criança ao longo da minha intervenção.

Todas as informações foram exclusivamente utilizadas para a realização deste portefólio, sendo respeitado o anonimato e confidencialidade. Assim sendo, nunca foi revelada a identidade da instituição nem a da criança envolvida, recorrendo-se apenas à utilização do primeiro nome e à distorção das fotografias.

Como tudo começou...

De modo a que a L tivesse conhecimento da elaboração deste Portefólio estabeleci uma conversa com ela.

Olá L, olha a Ana tem de escolher um menino para fazer um livro sobre ele, com muitas fotografias e desenhos, como o nosso caderno que fazemos com a Didi sabes?

Sim, que tem lá os meus trabalhos.

Sim é exatamente isso, só que a Ana precisa de fazer um igual a esse, para mostrar na minha escolha

Na escola dos crescidos?

Sim, essa mesmo. Então eu decidi escolher-te a ti o que achas? Queres fazer comigo esse portefólio?

Sim... (sorriu mas um pouco envergonhada)

Muita obrigada L. Este livro que vou fazer sobre ti tem um nome, chama-se portefólio.

Portefólio

Sim... isso mesmo... portefólio... e nesse portefólio a Ana vai escrever as coisas que tu fazes, vai tirar-te fotografias, vai tirar fotografias aos teus trabalhos para depois colocar aqui, tu própria podes fazer trabalhos para colocares no teu portefólio, ou seja tu é que vais escolher o que queres colocar lá.

Sim, posso meter lá todos os meus desenhos? E os desenhos que faço com a cáca em casa e com os amigos?

Sim claro que podes colocar lá. Sempre que quiseres é só trazes e juntas colocámos lá. Mas olha a Ana precisa de um dossier para colocarmos esses teus trabalhos.

Posso escolher a cor?

Sim, claro que podes que cor queres?

Quero que seja Verde.

Muito bem, então a Ana vai trazer um dossier de cor verde

E depois posso colori-lo mais? Como fizemos com os dossiers que trouxemos de casa?

Sim L, podes colorir à vontade com as cores que quiseres, e os materiais que quiseres. E olha diz-me uma coisa, vais querer mostrar a quem o teu Portefólio?

À mãe, ao pai, à caca, à Joana, e ao Serginho.



“Olha eu a pintar o meu dossier”. “Ficou muito giro Ana, não ficou?”

“Ficou sim Luisinha”

“A I e a M queriam fazer também, mas aquele era meu, mas eu disse que elas podiam ajudar-me”

_____, olha a Ana trouxe o dossier verde que tu pediste para colocarmos os teus trabalhos, queres colori-lo?

Sim quero Ana

Então que cores queres usar?

Uma cor qualquer, escolhe tu Ana.

Então pode ser cor de laranja?

Sim pode, laranja é muito bonito.

E que mais cores queres usar?

Quero as cores do arco-íris.

E quais são as cores do arco-íris?

vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, roxo e lilás.

Então eu vou buscar essas cores (fui buscar as tintas)

Obrigada Ana, depois posso colocar brilhantes?

Claro que sim! _____

(Enquanto a _____ ilustrava o seu dossier as restantes crianças estavam junto dela perguntando o que estava a fazer)

Estou a cobrir o meu dossier que estou a fazer com a Ana, vocês não quiseram e eu quis.

Podemos ajudar? - Crianças

Sim podem, mas cuidado para não estragarmos.

Informação / Autorização

Olá Pais da [redacted]

O meu nome é Ana e sou aluna da Escola Superior de Educação de Lisboa, a frequentar o Mestrado em Educação Pré-Escolar. No estágio que estou a realizar até ao dia 20 de Janeiro de 2017, terei de elaborar o portefólio de uma criança, no âmbito da Unidade Curricular de Prática Profissional Supervisionada – Módulo II, onde serei avaliada. Tal como é habitual num portefólio, será necessário o envolvimento ativo da criança no seu próprio desempenho. É ela que selecionará os trabalhos que pretende incluir, e que pretende realizar, sendo-lhe dada a oportunidade de rever, comparar e atribuir valor aos registos acerca do seu desenvolvimento e aprendizagem. Neste portefólio devem constar:

- Avaliações contínuas do desenvolvimento e aprendizagem da criança;
- Registo de trabalhos feitos por ela / imagens e fotografias;
- Informação dos pais de episódios passados com a Luísa, sempre que estes o considerarem oportuno e que queiram partilhar, e/ou trabalhos que realizem com ela em casa para colocar no portefólio.

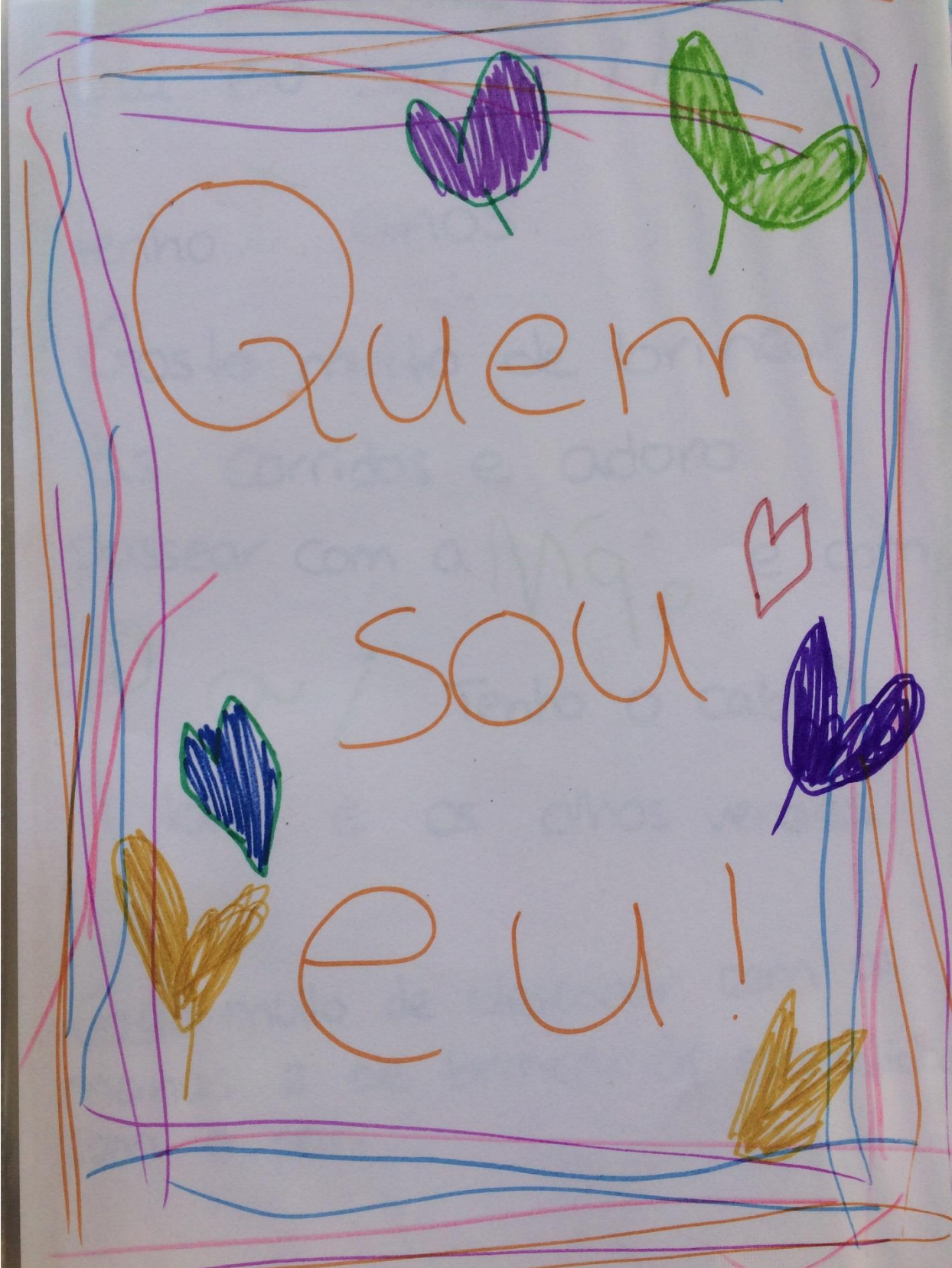
Todas as informações serão exclusivamente utilizadas para a realização do portefólio, sendo respeitado o anonimato e confidencialidade. Assim sendo, nunca será revelada a identidade da instituição nem a da criança envolvida, recorrendo-se apenas à utilização do primeiro nome e à distorção das fotografias.

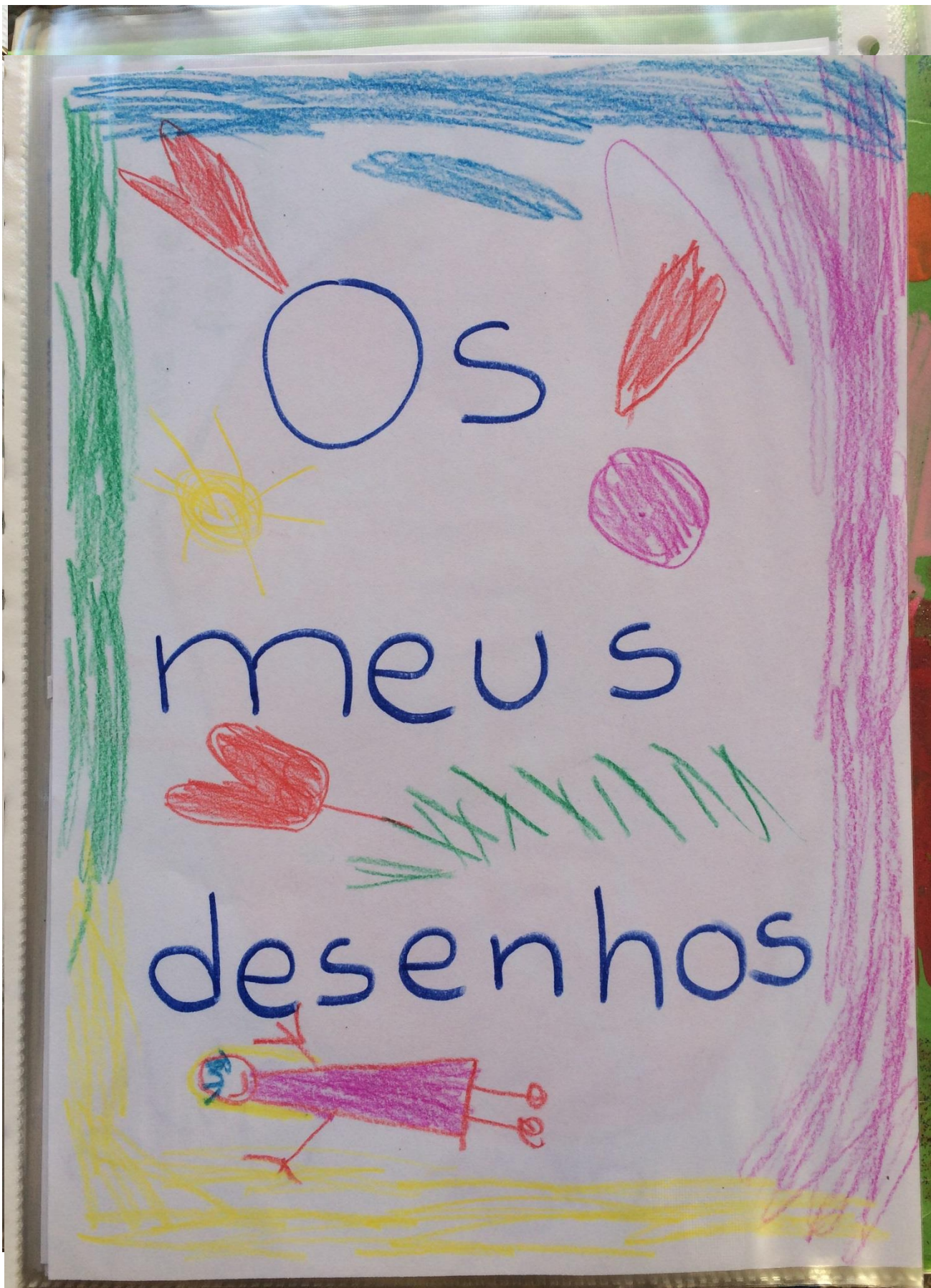
O portefólio, quando concluído, será entregue aos pais.

Desde já agradeço a vossa atenção

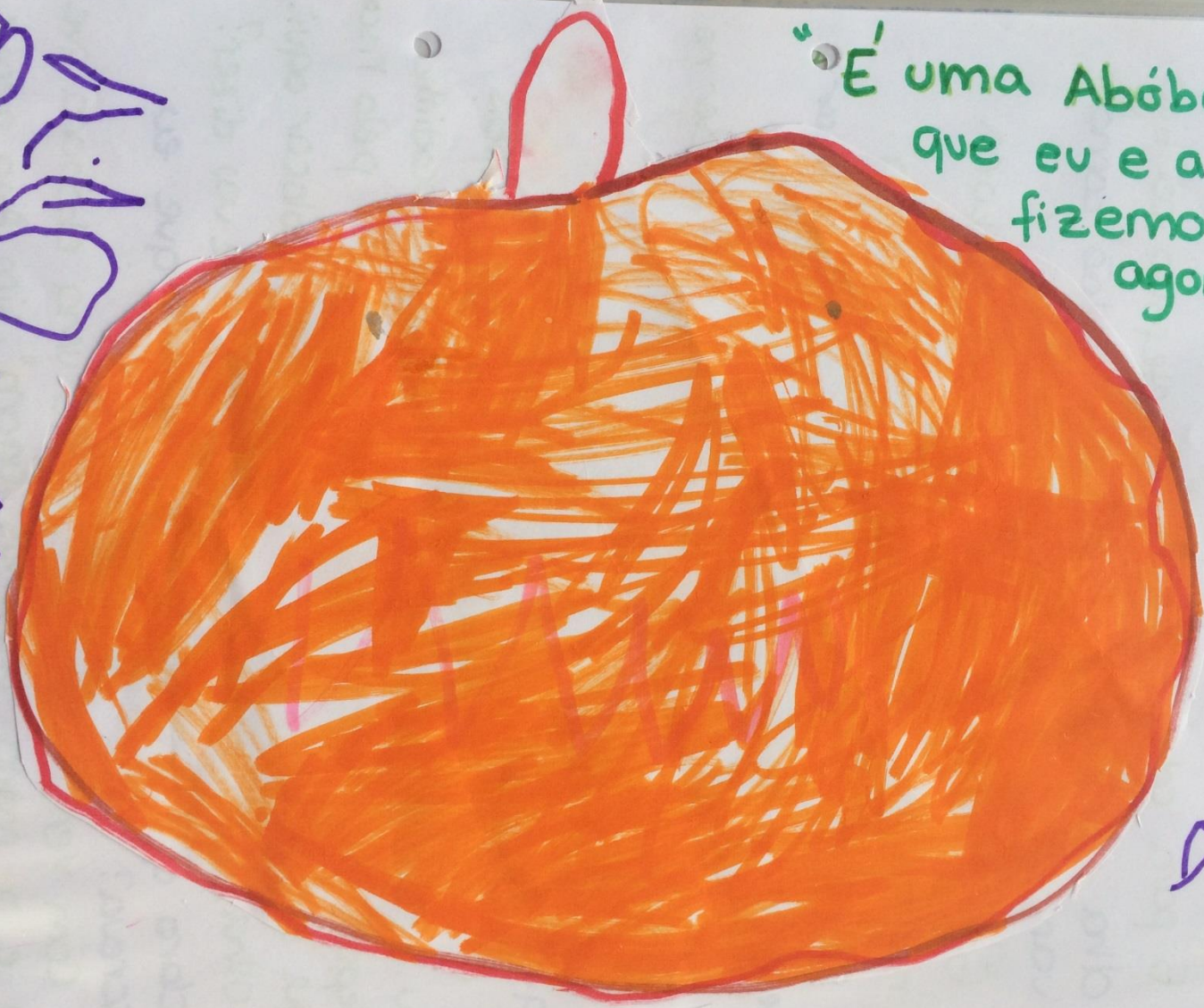
[redacted] e [redacted]
pais de [redacted], tomámos conhecimento e autorizamos a elaboração do portefólio sobre a Luísa, permitindo que ela seja fotografada.

Assinatura
[redacted]
[redacted]





anon. Oly
3



"É uma Abóbora
que eu e a mana
fizemos
agora"

ANON

Que bonito desenho que tu trouxeste

É para colocar no meu portefólio contigo.
Olha que excelente ideia, então como vamos colocar no portefólio?

Eu posso colocar a minha abóbora numa folha branca e colá-la lá.

Então vá, vamos fazer isso ([redacted] foi buscar esta folha).

Vou colocar aqui para eu depois meter no meu livro que vou levar para casa.

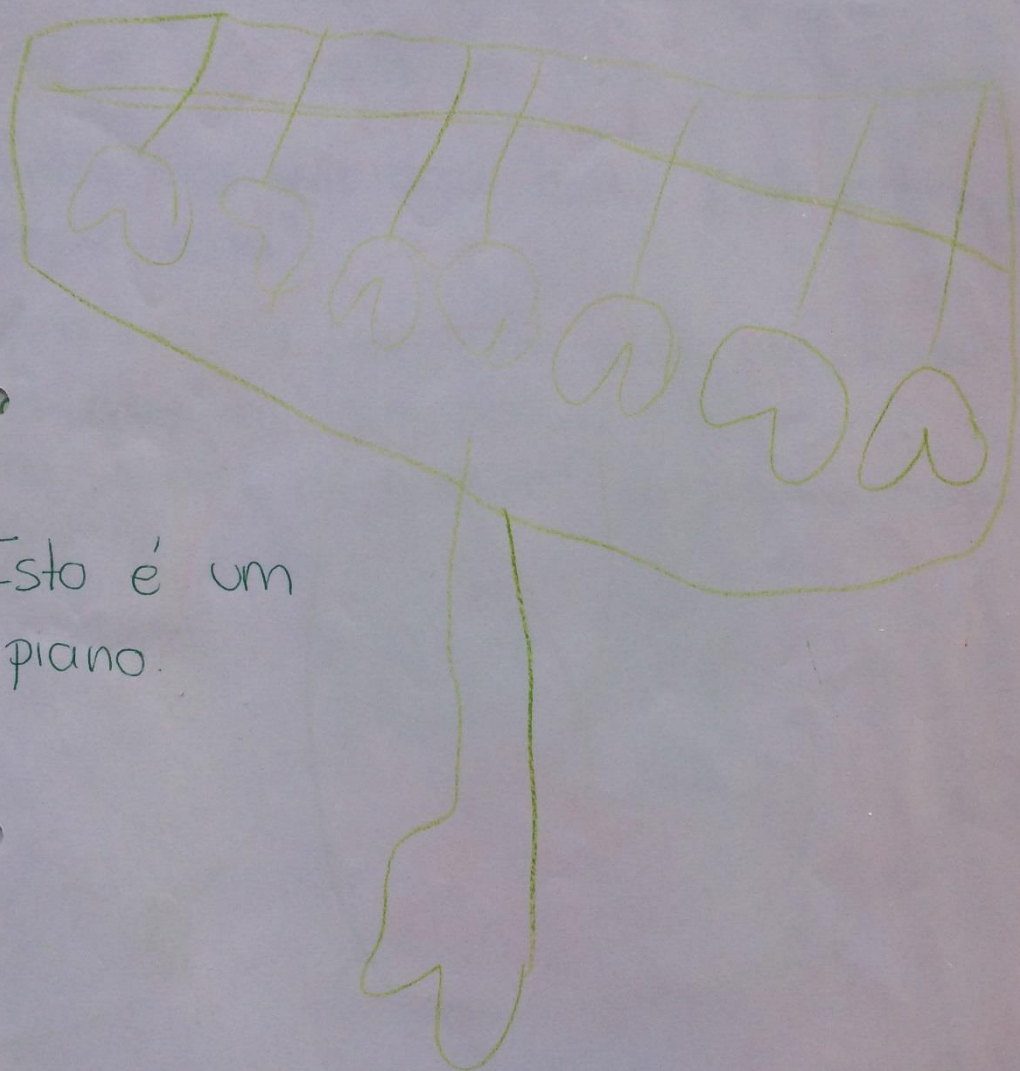
Então e conta-me como fizeste e com quem fizeste essa abóbora

A [redacted] desenhou esta abóbora depois eu pintei aqui e ela só pintou este bocadinho depois Ana sabes, fui eu que cortei pelo risco que a mana desenhou para agora colocar aqui.

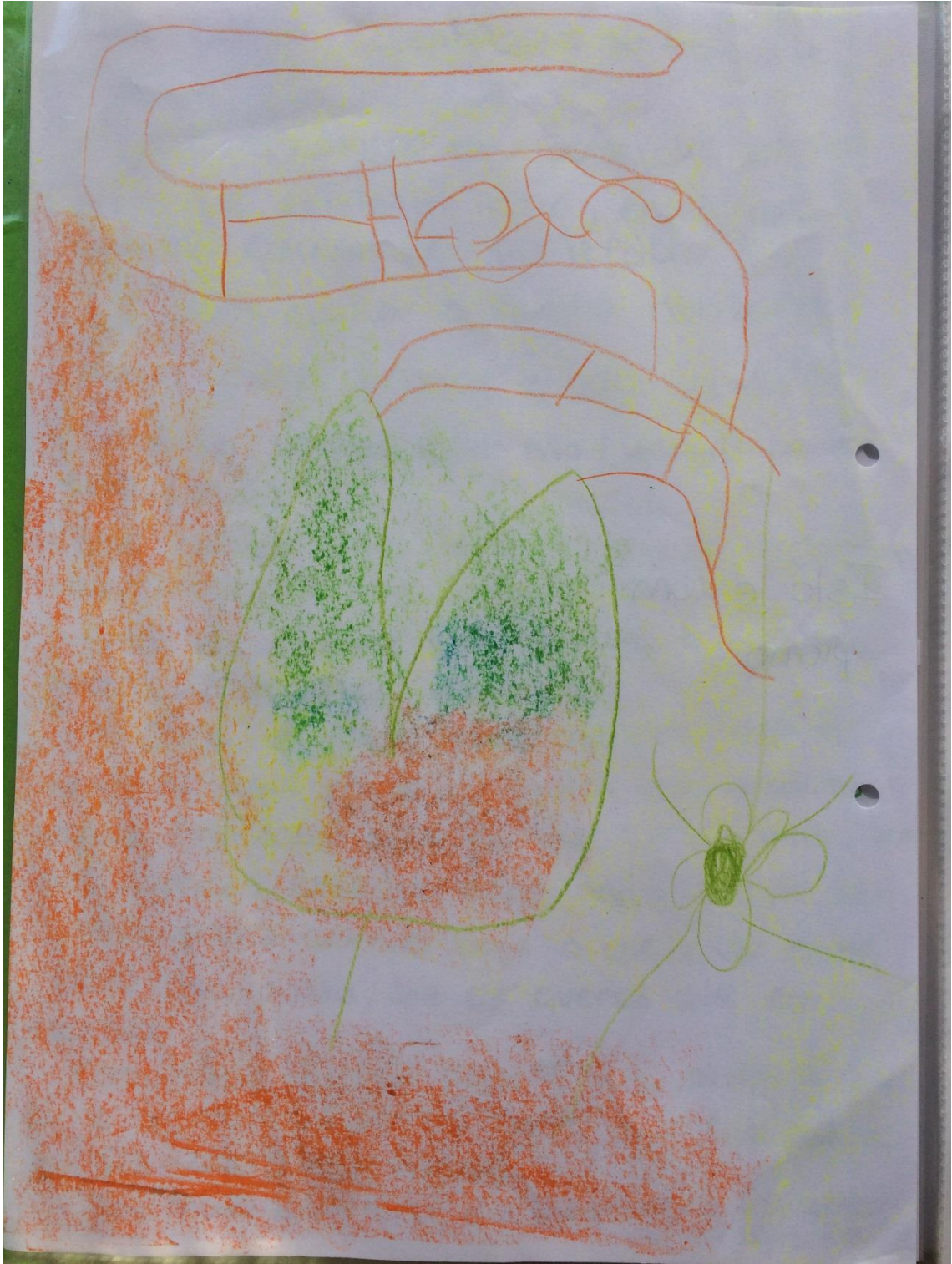
Olha, podes escrever aqui o que te vou dizer? claro que posso, que cor queres que eu escreva?

Com verde. Escreve aqui "É uma abóbora que eu e a mana fizemos agora", sim Ana, porque eu fit agora de manhã.

Ficou muito bem [redacted], é o teu primeiro trabalho no portefólio.



Isto é um
piano.



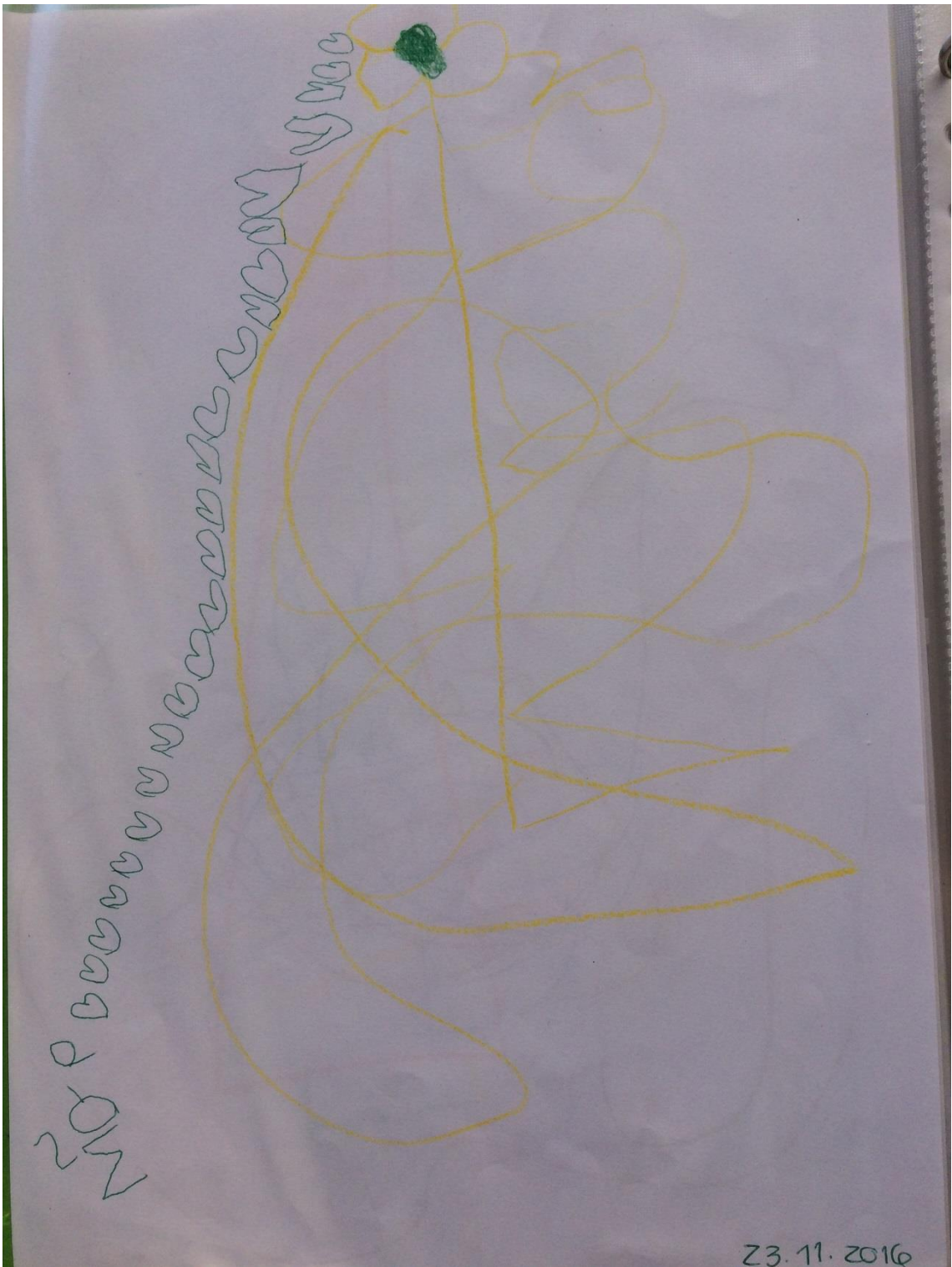
o que é este desenho?

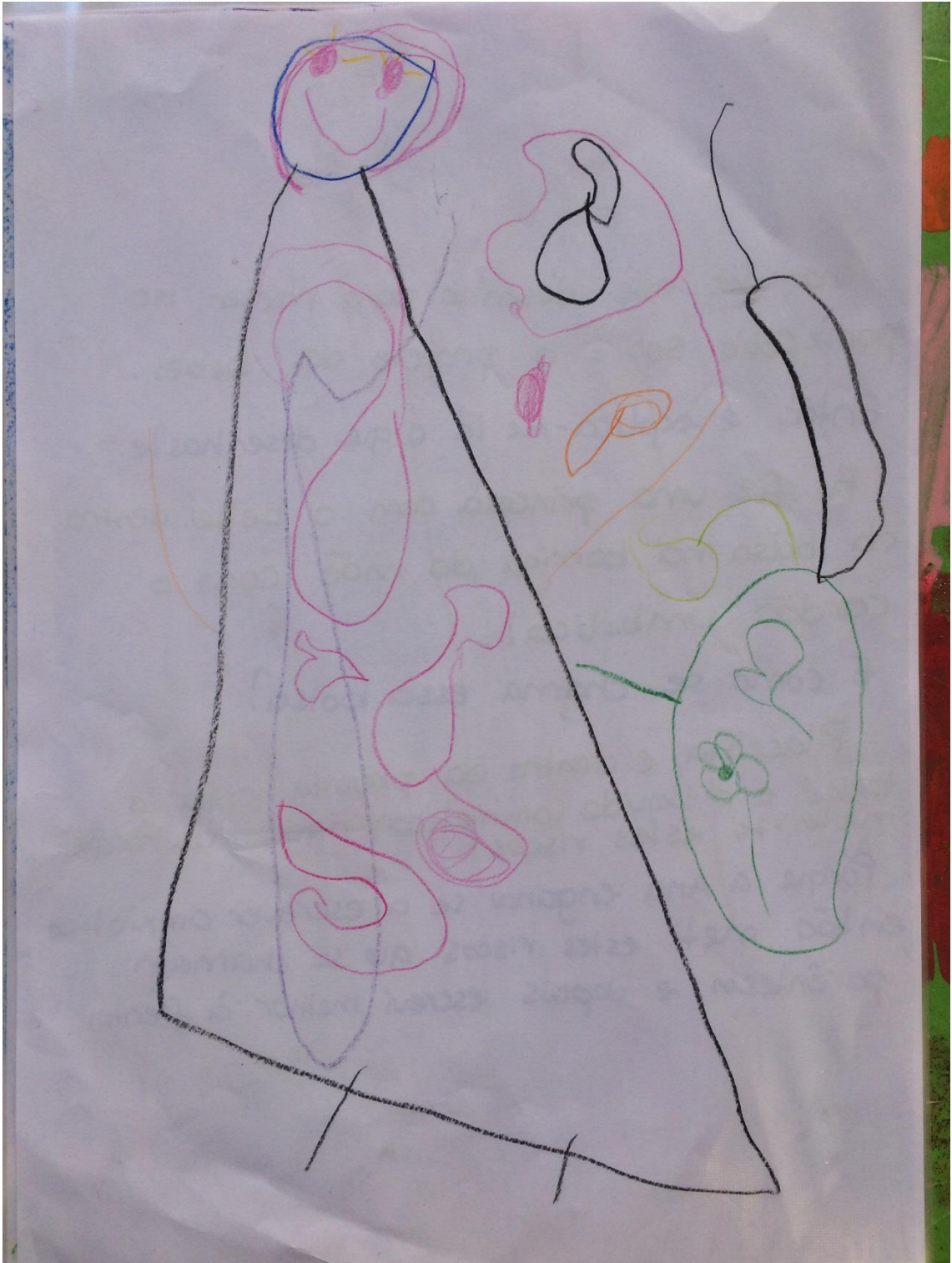
É uma garagem em forma de flôr e isto é um caminho para a floresta.

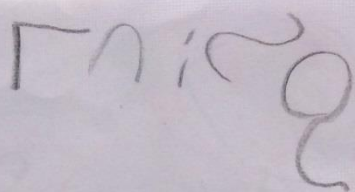
Então mas tens aqui outra flôr para que serve esta?

Esta é uma flôr com picos na Cidade dos meninos. Sim, porque este desenho é uma cidade de meninos com garagem e floresta.









Ana fez este desenho para meter no portefólio sobre o projeto dos bebés.

Então e explica-me lá o que desenhaste.

Eu fiz uma princesa com o bebé dentro da bolsa na barriga da mãe com o cordão umbilical.

E como se chama essa bolsa?

Placenta, e dentro da placenta está o bebé e o líquido (amniótico), amniótico. Porque meter-te estes riscos?

A: Porque a Ana enganou-se a escrever amniótico então meti estes riscos que se chamam parênteses e depois escrevi melhor à frente.



Então _____, explica-me lá este desenho?

Este é o arco-íris das flores

E quais são as cores do arco-íris?

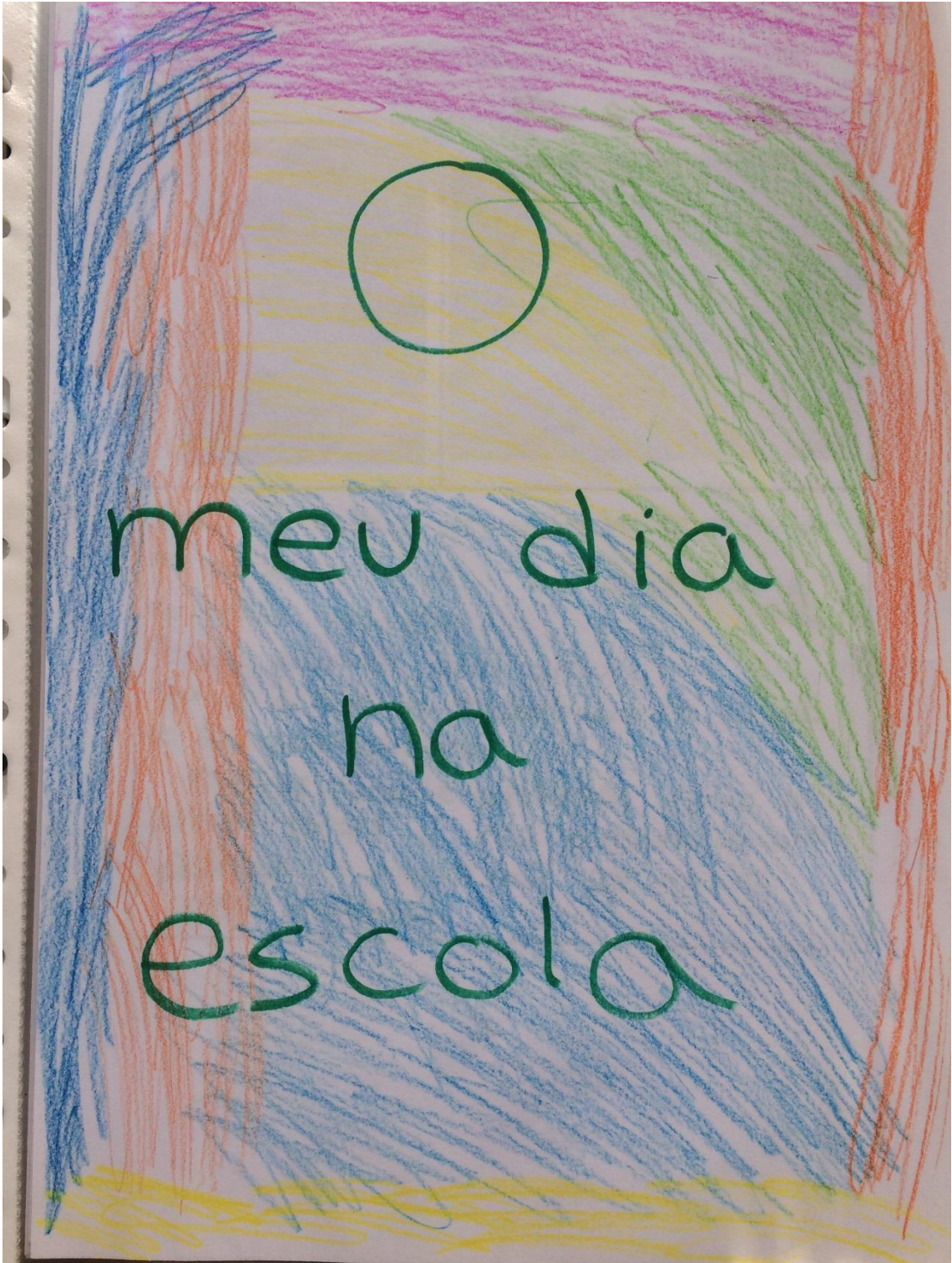
vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e roxo.

Então mas falta-te aqui uma cor

Sim, o cor de laranja, mas não há aqui lápis de cera ~~com~~ cor de laranja.

E não podes pintar com lápis de cor?

Não, porque o lápis de cor não vai fazer este efeito assim no meu desenho, por isso quero deixar assim e cobrir no meu portefólio.





Aqui eu estava um desenho para meter no portefólio e aqui era o pollock e eu meti branco.

Porque fizemos esta pintura?

Porque a avó da [redacted] veio cá no dia da Animação cultural.

Fizemos riscos e pintinhas como o pollock, porque é uma pintura muito abstrata. A minha mãe faz muitas coisas abstratas.



Olha eu e a : [redacted]
O que estavam a fazer!
Estávamos a brincar
aos piratas. Ai foi
tão giro eu era um
pirata em riscas.
Os piratas são meninos
mas nós também
podemos brincar.



Eu, o [redacted] e o [redacted]
estávamos a jogar
o jogo dos elásticos
E o que construímos?
Sim, eu fiz um
quadrado vermelho
muito grande.
Eu mostrei-te.



Isto sou eu e o [redacted] no desafio da culinária.

O que fizeram?

Nós cortamos as maçãs e depois metemos na massa e depois foi ao forno e depois comemos.

Como se chama esse doce?

Não me lembro.



"Esta sou eu e a [redacted] a fazer um desenho juntas"
O que desenharam?
Eu fiz uma boneca aqui deste lado e a [redacted] desenha a mim e a [redacted].

Eu estava a pintar a [redacted] e a [redacted] a pintar-me.
Porque fizeram este trabalho?
Foi no dia da amizade, eu escolhia a [redacted] e a [redacted] o mim.



Olha eu e o [redacted].
O que estavam a fazer?
A ver um livro juntos.
Eu estava a contar a história ao [redacted], mas já não me lembro qual era.
Não faz mal achas que ele gostou?
Sim, foi muito divertido.



Nós estávamos a brincar.
Em que área estavas?
Na área dos blocos.
Tu brincas muito nessa área não é? Sim, eu gasto muito, porque eu gasto de fazer construções com os blocos de madeira.
O que mais gostas de construir? Casas para animais e flores.

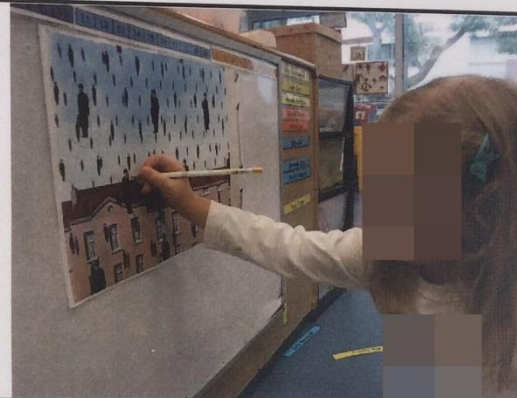


O que estás a fazer [redacted].
A escrever o meu nome.
Este é o meu nome Ana?
Sim é [redacted].
Já meti muitas letras não já? Mas ainda falta as deste nome. Podes fazer comigo? Sim claro que sim.
Então que letra, é essa que tens na mão? É o O.



"Eu estava a construir a minha fita métrica para colocar a minha altura quando nasci para o projeto dos bebés"

"Eu descobri que ninguém mediu como eu".



O que fizeste aqui?

"Já não me lembro do nome do quadro"

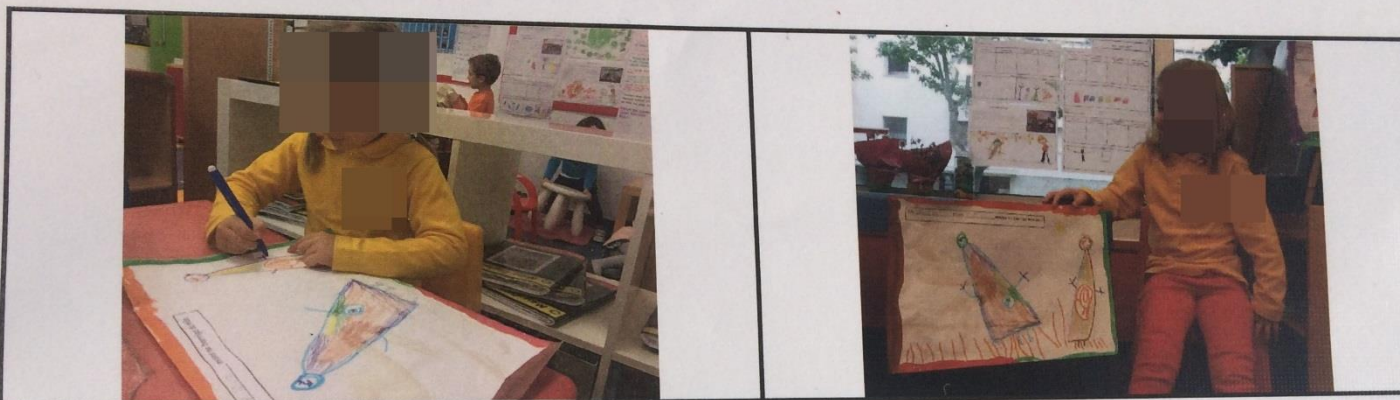
Mas a [blurred]: disse para eu fazer um círculo à volta de quando quatro senhores".

"Eu consegui"



• Eu estava a construir um avião para os animais
"Mas a construção não é a mesma em todas as imagens."
"Pois não"
"É porque?"

Porque eu primeiro fiz assim, mas depois estava a cair
e eu tive de colocar uma peça para segurar."



Aqui eu estou a fazer a minha descoberta do projeto dos bebés.

E qual era a tua descoberta?

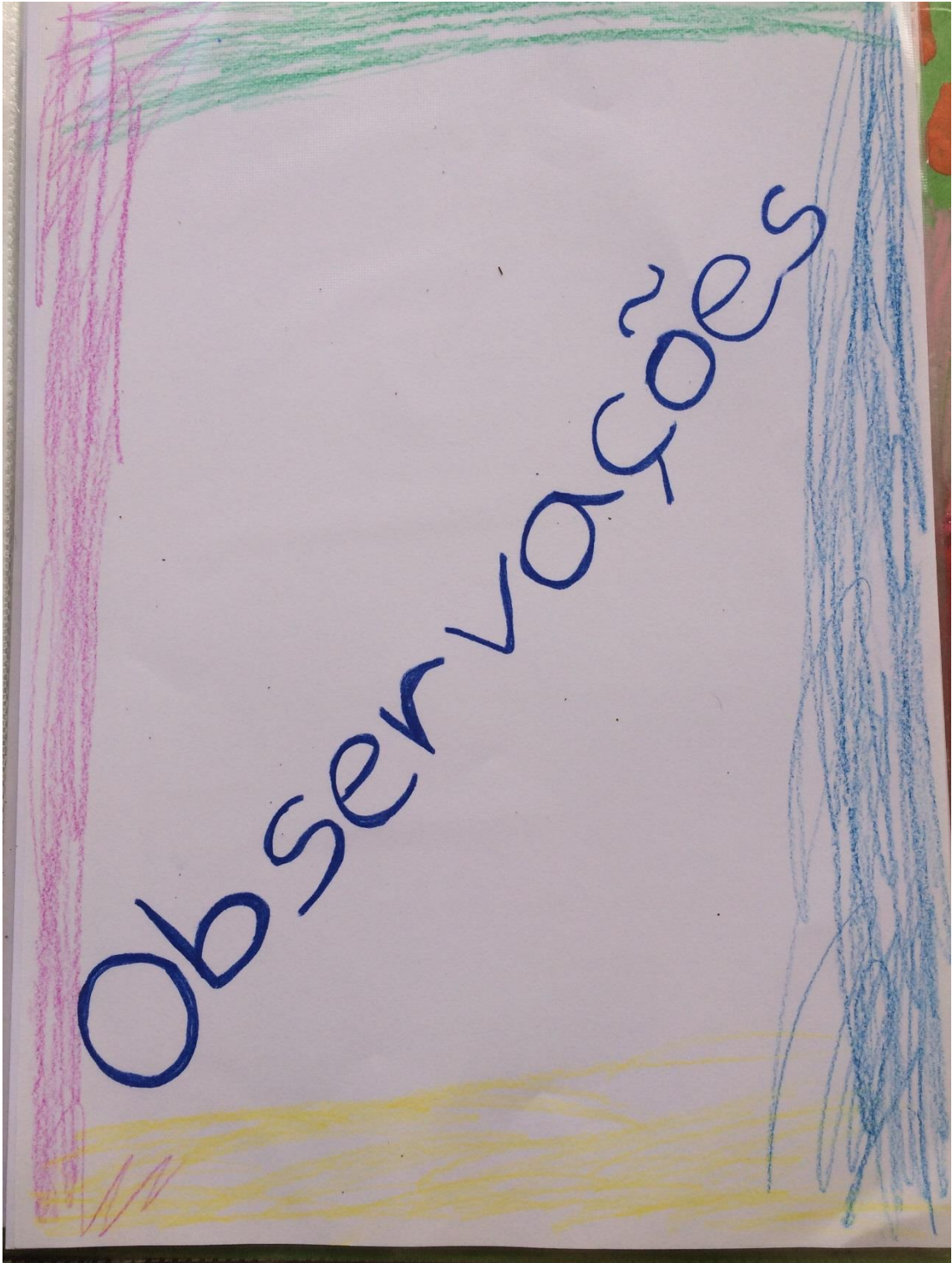
Era que os bebés ficam na barriga da mãe durante nove meses.

Muito bem [redacted]

Eu gostei muito do projeto Ana. Olha eu aqui a pintar e a apresentar. E apresentaste muito bem. Mas tinha muita vergonha a falar às vezes. Mas depois tu conseguiste apresentar muito bem [redacted], sem vergonha. Pois foi, pois foi.



Olha eu a brincar com os amigos no recreio..
Pois é. O que gostas mais de brincar no recreio e com quem?
Gosto de andar muito de baloiço e de triciclo. Eu gosto de brincar com muitos amigos. Olha aqui eles todos. A [redacted], a [redacted], a [redacted] e o [redacted]. Mas eu gosto mais de brincar com a [redacted].
É a tua melhor amiga? Sim, mas não é só ela, mas eu brinco muito com ela. Adoro muito ir ao recreio Ana. É de brincar nas casas, às escondidas e fazer corridas de quem chega primeiro.



Nota de campo – dia 24 de Novembro (quinta-feira)

Durante a parte da manhã de hoje, recebemos um convidado na nossa sala – o irmão mais novo da Luísa - que passou a manha connosco para que as crianças percebessem como é cuidar de um bebé (de forma a apoiar o projeto a ser desenvolvido em sala). Cantamos-lhe canções, fomos até à sala dos bebés para lermos histórias, comemos uma bolacha com ele e por fim brincamos com ele na sala dos bebés e na nossa sala. A Luísa estava super contente por ter o irmão na sala deixando os amigos brincarem com ele, mas sempre assumindo uma atitude de “irmã responsável”, pois esta enquanto todos os seus amigos estavam a brincar com Serginho, a Luísa preferiu ficar apenas a tomar conta dele, estando sempre junto a ele para que este sentisse o seu apoio.



Nota de campo – dia 2 de Dezembro (sexta-feira)

Durante a reunião da manhã, as crianças apresentaram a sexta-feira fantástica. A sexta-feira fantástica consistia em as crianças construírem uma árvore de natal com os materiais propostos pela instituição – materiais recicláveis – para posteriormente decorar a festa de natal. Deste modo a Luísa, apresentou a sua árvore.

Luísa: “Eu pintei e....e... a mãe pôs cola e também as bolinhas e...e... eu pôs estas formas aqui”

Educadora: “Está muito giro Luisinha, obrigada”



Nota de campo – dia 7 de Dezembro (quarta-feira)

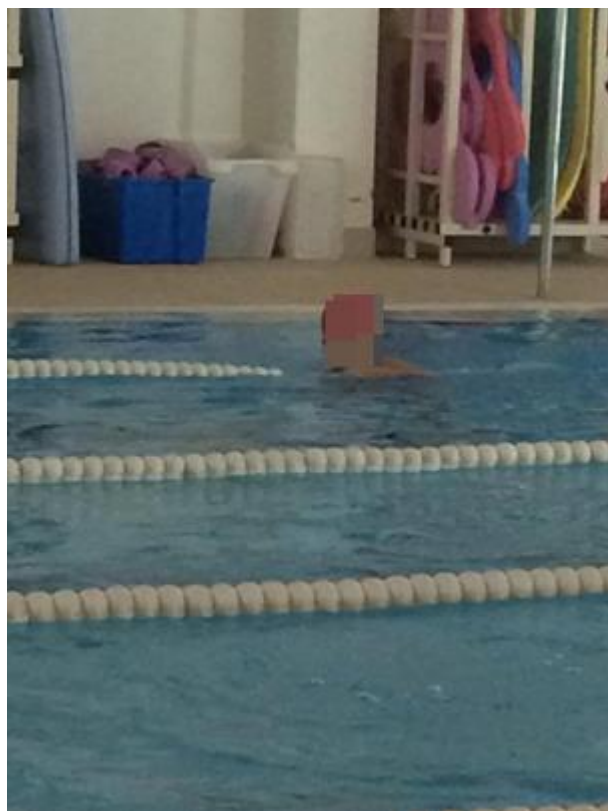
Da parte da tarde, quando entrei na sala onde se encontravam as crianças que já estavam acordadas, encontrei a Luísa sentada no sofá no cantinho da leitura a ler uma história. Sentei-me junto dela e perguntei se esta estava a ler uma história, no qual a Luísa respondeu que sim e se queria que eu lhe contasse. Aceitei a sua proposta e sentei-me junto dela a ouvir com muito atenção e a Luísa começou: “Era uma vez um cão”. Quando a Luísa terminou a história eu fiquei bastante admirada, isto porque, ela conseguiu contar a história do início ao fim sem se esquecer de nenhuma fala e de nenhuma personagem. A história de “Era uma vez um cão” é sobre um menino que quer que o pai lhe conte a história do cão, mas como o pai não se lembra, este começa a contar histórias acerca de outros animais, numa determinada ordem, mas o menino quer sempre que o pai conte a do cão. Para além disto, o texto da história para além de ter texto normal, algumas partes são em rimas.

Foi surpreendentemente, o facto de a Luísa se lembrar de todas as rimas, e também do restante texto. Certa altura da história a Luísa trocou a ordem de um animal, lendo primeiro um e só depois o outro. Esta olhou para mim mas continuou a ler, quando terminou o que estava a dizer voltou atrás e leu a página que lhe faltou, corrigindo assim o seu erro. À medida que ia lendo apercebi-me que a Luísa tinha sempre o cuidado de me mostrar as ilustrações e de olhar para mim quando terminava uma página, de modo a verificar, se eu a estava a ouvir e se estava interessada e concentrada no que ela estava a fazer. Quando terminou a Luísa disse: “*Vitoria, vitoria, acabou-se a história. Então Ana gostas-te? Viste eu não me esqueci de ler nenhum texto*”. Ao ouvir isto, decidi dar-lhe algum feedback da minha parte: “*Luísa eu adorei que tu tivesses lido essa história, sabes nunca ninguém me leu assim uma história tão bem como tu*”.



Nota de campo – dia 9 de Janeiro (quarta-feira)

A Luísa entra dentro de água e sentada na berma da piscina. O professor coloca o material e a Luísa tira um rolo sozinha e coloca uma boia no meio das pernas e começa a bater as pernas. Neste seguimento, começa a nadar e a fazer uma corrida com o Diogo que já ia bastante avançado no entanto a Luísa consegue ultrapassá-lo chegando primeiro há outra berma da piscina. Para voltar, a Luísa sai da água e falta de prancha corretamente, continuando o exercício para o lado de cá. Durante este desafio, Luísa encontrava-se muito concentrada e apesar dos colegas brincarem a Luísa ria-se mas continuava o exercício muito concentrada e empenhada sendo mais uma vez a primeira a chegar. De seguida, a Luísa salta mais uma vez, mas desta vez engole um pouco de água e começa a tossir o professor vai junto dela para a auxiliar. Luísa mergulha a cabeça para fazer bolinhas na água e nadar ao mesmo tempo. No entanto, esta apresenta algumas dificuldades mas mesmo sem a ajuda do professor esta não desistiu e tentou sempre nadar ate ao fim. Sempre que ia abaixo esta levantava a cabeça e ria-se.



Dia: 7 de Novembro de 2016

Local: Sala de atividades

Momento: Interação com os pares (criança-criança)

(L, A, TC e I sentam-se no chão para jogarem um jogo de memória)

L: *“Quem começa? Primeiro temos de baralhar as peças”*

(O A. baralha as peças)

L: *“Cuidado A, ao espalhares as peças, senão assim estão umas em cima das outras. Começo eu, depois tu, depois o T e depois a I”*

Começam a jogar, L vira uma peça roxa e outra roxa e diz “Ganhei”

I: *“Não ganhaste porque tem de ser três”*

L: *“Ah pois é, então perdi”*

Continuam a jogar, mas as restantes crianças distraem-se e ninguém joga

L: *“Quem é agora jogar? És tu I*

I: *“Eu?”*

L: *“TC tu já jogaste?”*

T: *“Sim, eu já joguei”*

L: *“Então se já jogaste és tu I, não estas com atenção, temos de estar com atenção para jogarmos”*

Bem-estar: Nível 4
Justificação: A criança sente-se bem durante toda a atividade, interage com os colegas e não demonstra sinais de stress ou tensão. Expressa nas suas palavras sinais de auto confiança e auto segurança.
Envolvimento: Nível 5
Justificação: A criança encontra-se envolvida e absorvida pela atividade, estando alerta a alguns detalhes do jogo, chamando a atenção para os colegas. E apesar de inicialmente se ter enganado, esta demonstra-se concentrada durante o jogo.

Dia: 7 de Dezembro de 2016

Local: Sala de atividades

Momento: Interação com os pares (criança-criança)

(L acaba o lanche e vai sentar-se a realizar o jogo da memória sozinha. MM aparece...)

M: *“Posso jogar L?”*

L: *“Sim M”*

(M vira duas peças e acerta fazendo um par)

Luísa: *“Boa M, és tu outra vez, porque quando se acerta jogasse outra vez”*

(Continuam os dois a jogar

Bem-estar: Nível 4
Justificação: A criança diverte-se durante toda a atividade, demonstrando-se contente e animada. É aberta ao estímulos do ambiente, querendo realizar a tarefa com um par em vez de sozinha.
Envolvimento: Nível 5
Justificação: Durante a atividade, a criança mostra motivação em realizar atividade, focando-se no jogo. Está em alerta e não se distrai com o barulho na sala nem com os colegas que se aproximam.

Dia: 5 de Janeiro de 2017

Local: Sala de atividades

Momento: Interação com os pares (criança-criança)

(L está na área dos blocos e apesar de estar mais duas crianças, ela está a fazer uma construção sozinha com peças de madeira. Coloca uma peça e duas delas caem, L retira as peças que caíram e coloca-as noutro local)

L: *“Acabei”*

I: *“Está muito gira, podíamos colocar estas três construções e junta-las é uma boa ideia”*

L: *“Sim”*

I: *“O que construis-te?”*

L: *“Uma casa para entrar pessoas”*

Bem-estar: Nível 5

Justificação: A criança diverte-se e sente-se bem durante a atividade. Durante a sua construção esta fala sozinha e trauteia algumas canções. Não demonstra quaisquer sinais de tensão ou pressão. Brinca com as restantes crianças transmitindo alegria e bem-estar.

Envolvimento: Nível 5

Justificação: Apesar de inicialmente brincar sozinha e se demonstrar envolvida pela o que está a construir, a criança, partilha o seu conhecimento com as restantes. Não se distrai com qualquer barulho à sua volta. Para a sua construção a criança usa as suas capacidades e imaginação para construir o que pretende. Quando interage com os colegas esta demonstra satisfação por esta a participar numa atividade com eles.

Dia: 9 de Novembro de 2016

Local: Sala polivalente

Momento: Atividades orientadas

(Professora e auxiliar fazem duas equipas para realizarem uma corrida de lagartas, a L fica na equipa dos roxos e senta-se)

L: “Não A eu não tenho de agarrar os teus pés tenho de agarrar os pés da Marta”

(Durante a corrida a L ri-se imenso, quando chegam à meta...)

L (levanta-se): “A equipa roxa ganhou, a equipa roxa ganhou”

(Voltam a realizar o jogo, mas desta vez a L corre e coloca-se à frente ficando líder do grupo, porque a professora e a auxiliar já não iam fazer com eles)

L (grita): “Vamos, puxem, vamos ganhar”

(O jogo termina e mais uma vez a L grita: “Ganhamos. Ganhamos”)

Bem-estar: Nível 5

Justificação: A criança encontra-se feliz e contente, gritando pelos colegas para que estes a acompanhem e se empenhem na atividade. Ao tornar-se líder esta demonstra confiança e segurança perante ela e os colegas.

Envolvimento: Nível 5

Justificação: A criança aceita o desafio da atividade mostrando-se motivada uma vez esta toma a iniciativa de orientar a atividade quando o adulto deixa de estar presente, o que demonstra uma satisfação por estar a participar na atividade.

Dia: 14 de Dezembro de 2016

Local: Sala Polivalente

Momento: Atividade orientada

(A professora coloca diferentes formas geométricas indicando para que cada um serve: Quadrado – pés juntos; Triângulo – pé-coxinho; Círculo – não pisar. Depois de colocar as figuras geométricas pela ordem a professora exemplifica)

L (levanta-se do banco sueco coloca o dedo no ar): *“Eu sei fazer”.*

(A professora chama as crianças uma a uma pela ordem em que estão sentadas, enquanto isto acontece a L está atenta a observar os colegas)

L (enquanto observa os colegas, sussurra): *“Ela ali enganou-se não devia ter pisado”*

(finalmente chega a sua vez. L realiza o exercício rápido sem muitas dificuldades exceto no pé-coxinho.)

L: *“Não consigo fazer muito bem o pé-coxinho S (professora)”*

Bem-estar: Nível 4

Justificação: A criança comenta aquilo que vai observando ao longo da atividade, o que demonstra uma espontaneidade por parte desta. Revela competências de auto segurança e auto confiança ao referir “Eu sei fazer”, não demonstrando quaisquer sinais de pressão ou tensão durante a realização da tarefa.

Envolvimento: Nível 5

Justificação: A criança encontra-se totalmente concentrada e empenhada na atividade, uma vez que está alerta e atenta a todos os detalhes conseguindo identificar as dificuldades dos colegas. A atividade mental e a experiência são de tal forma intensas que esta consegue realizar a atividade sem qualquer dificuldade.

Dia: 4 de Janeiro de 2017

Local: Sala Polivalente

Momento: Atividade orientada

(A educadora coloca um quadro de um pintor no quadro magnético da sala e coloca questões às crianças. O quadro tem casas e vários senhores vestidos de igual forma mas de tamanhos diferentes)

Educadora: “L, o que vêes no quadro?”

L: “Alguns senhores são mais grandes e outros mais pequenos”

(A educadora pede que as crianças contem quantos senhores existem grandes e as crianças respondem 9. Educadora pede para representarem o número 9 com os dedos das mãos, L coloca corretamente e olha para os seus colegas)

L: “Didi a LM não está a fazer bem”

Educadora: “L quero que faças um círculo à volta de dois senhores”

(A L para a olhar para o quadro e ao mesmo tempo vai olhando para a educadora. Pega no lápis e desenha um círculo à volta de dois senhores)

Bem-estar: Nível 4
Justificação: Não é demonstrado pela criança sinais de stress ou tensão é aberta e acessível aos estímulos que a educadora lhe sugere.
Envolvimento: Nível 5
Justificação: A criança esta continuamente envolvida e absorvida pela tarefa: estando totalmente focada, concentrada pois a atividade é fortemente apelativa para esta. Durante a tarefa a criança demonstra precisão estando alerta aos detalhes que a atividade implica. A sua atividade mental e a experiência são intensas.

Dia: 2 de Novembro de 2016

Local: Sala de Atividades

Momento: Interação com os pares (criança-adulto)

(L pega numas peças de um jogo e constrói um quadrado com outros pequenos quadrados)



L: “Olha Ana o que eu fiz”

Estagiária: “Muito bem, mas isso que fizeste é o que?”

L: “É um quadrado”

Estagiária: “Muito bem é um quadrado”

L: “E se eu tirar esta peça... (fez uma pausa)”

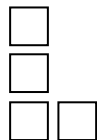


Estagiária: “Se tirares essa peça o que acontece?”

L: “Se eu tirar isto quase parece um L mas não é bem um L”

Estagiária: “Então para ficar um L o que podes fazer com essa peça que tiraste?”

L: “Coloco aqui Ana, olha.”



Bem-estar: Nível 4
Justificação: A criança é aberta aos estímulos que lhe forneço, não demonstrando quaisquer sinais de stress, revelando uma confiança e segurança relativamente à resolução da atividade.
Envolvimento: Nível 5
Justificação: A criança demonstra concentração sentindo-se desafiada, revelando uma boa capacidade de imaginação.

Dia: 3 de Janeiro de 2016

Local: Sala de atividades

Momento: Interação com os pares (criança-adulto)

(Durante o registo do fim de semana, L escreve a data corretamente. De seguida pergunto-lhe que letra ela quer caçar e a L aponta mas não refere o nome da letra)

Eu: Que letra é essa l?

L: É o L

Eu: Sera que é o L, vê lá se é igual ao L do teu nome

L: Não

Eu: Entao procura e vê se tens uma igual a esta

L: Esta aqui

Eu: Muito bem que letra é essa então?

L: É o L.

*Eu: Não, o L não é esse a ana vai fazer aqui (**escrevo o L mausculo e minusculo**) vê lá se essa letra é igual ao que Ana escreveu?*

L: Não não é igual

Eu: Então que letra é essa

L: É o L

Eu: Não, não é o L, vê lá se é igual ao que a Ana escreveu;

L: Não não é, mas eu não sei qual é o nome desta;

Eu: Não faz mal não sabermos, mas entao a Ana diz-te este é o R;

L: R

Eu: Tens algum R no teu nome?

L apontou

Eu: Muito bem e como podes ver esta letra não é igual ao L do teu nome

L: Pois não

Eu: Entao que letra é esta?

L: E o R já aprendi Ana, quero caçar os R.

Bem-estar: Nível 3

Justificação: A criança inicialmente sentia-se desmotivada por não saber responder corretamente, não demonstrando sinais de conforto ou desconforto. No entanto, esses sinais não se tornaram constantemente presentes com a mesma intensidade.

Envolvimento: Nível 4

Justificação: A maior parte do tempo a criança revela concentração mas durante breves momentos esta torna-se mais superficial, não deixando porem de existir um certo grau de motivação por parte da criança. A atividade em si desafia as suas capacidades e a sua imaginação.

Dia: 6 de Janeiro de 2017

Local: Sala de atividades

Momento: Interação com os pares (criança-adulto)

(L está na mesa da matemática a jogar ao jogo dos elásticos com a I, o J e o T. L coloca vários elásticos, por cima dos elásticos que os amigos colocam)

L: *“Fiz um quadrado, Ana”*

Estagiária: *“Onde?”*

L: *“Estás a ver este elástico vermelho Ana? Está aqui”*

Estagiária: *“Mas com tantos elásticos não encontro ao certo o quadrado podes mostrar-me desenhando com o teu dedo?”*

L: *“Sim, vai daqui, depois por aqui, aqui e acaba aqui”*

(L faz com o dedo o percurso do elástico formando um quadrado)

Bem-estar: Nível 5
Justificação: A criança é espontânea e expressiva, sendo ela própria. Não mostra sinais de stress durante a tarefa e expressa auto confiança e auto segurança aos estímulos que lhe forneço durante a atividade.
Envolvimento: Nível 5
Justificação: A criança está continuamente absorvida e envolvida na atividade, estando totalmente focada e concentrada aos obstáculos com que se depara. Esta demonstra precisão usando as suas capacidades e imaginação ao limite máximo.

Anexo D – Pintura do painel do mural



Anexo E – Pesquisa para o projeto das estrelas



Anexo F – Teatro com a equipa educativa



Anexo G – Construção do livro das abelhas



Anexo H – Trabalho cooperativo: recorte e colagem



Anexo I – Trabalho cooperativo



Anexo J – Leitura de histórias

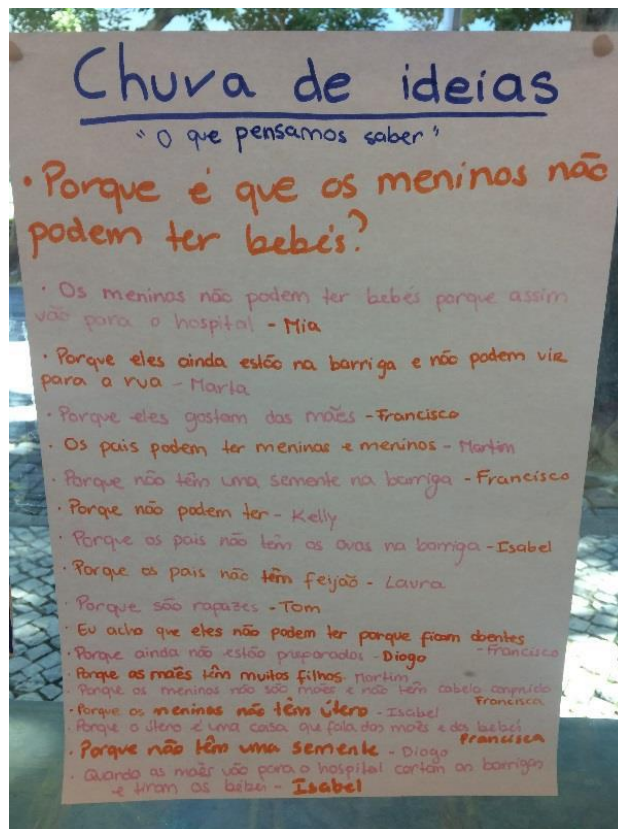


Anexo K – Atividade experimental – Mistura de cores





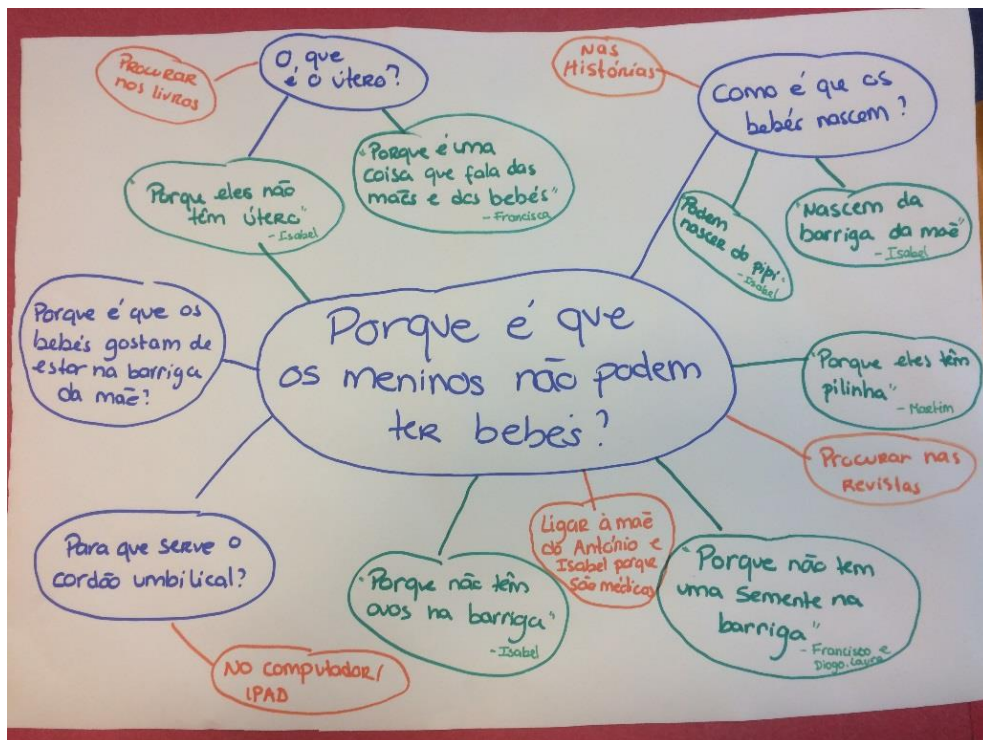
Anexo L – Chuva de ideias



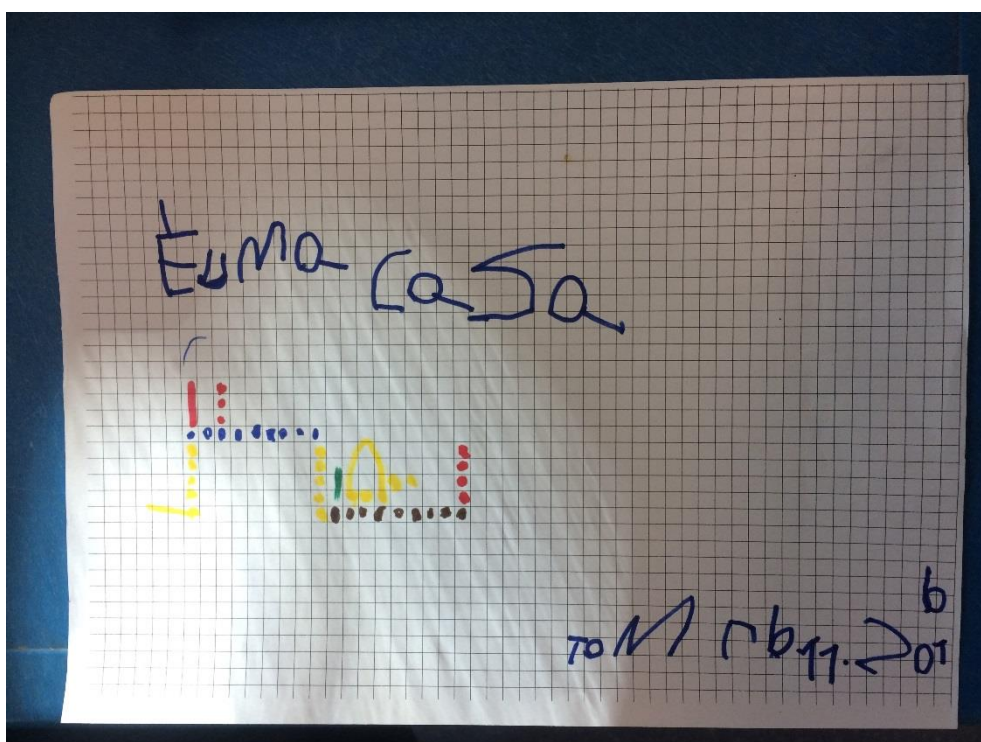
Anexo M – Atividade de reconto “Era uma vez um cão”



Anexo N – Construção da teia do projeto



Anexo O – Momento de comunicação



Anexo P – Momento de comunicação

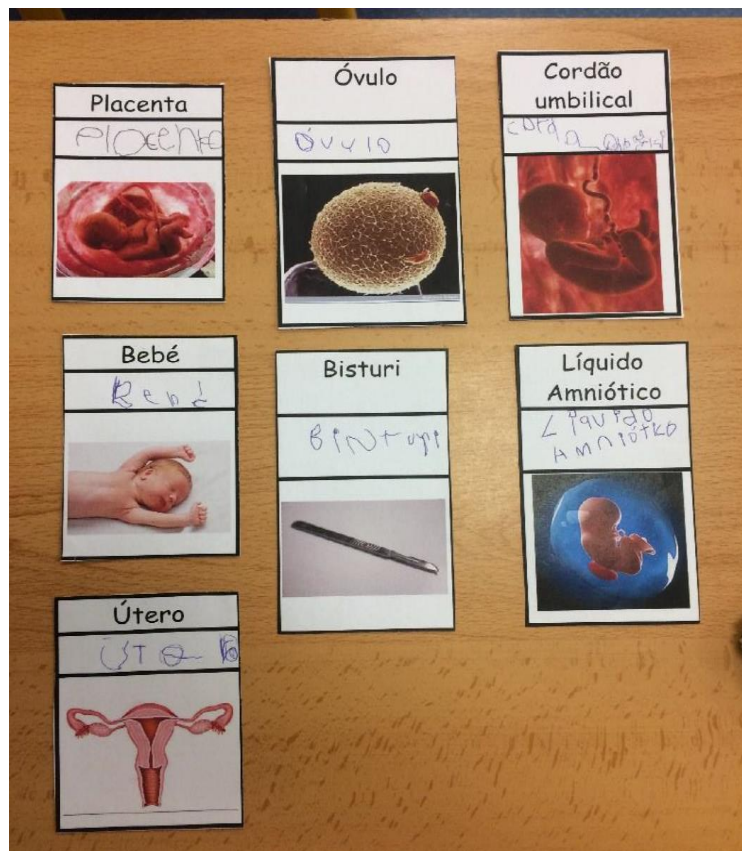


Anexo Q – Início da pesquisa e registo de palavras



Os meninos não têm bebés
Porque não têm um órgão
chamado Útero. Dentro do
Útero, existe uma bolsa,
que se chama Placenta, onde
o bebé cresce. ↓
Na placenta existe água

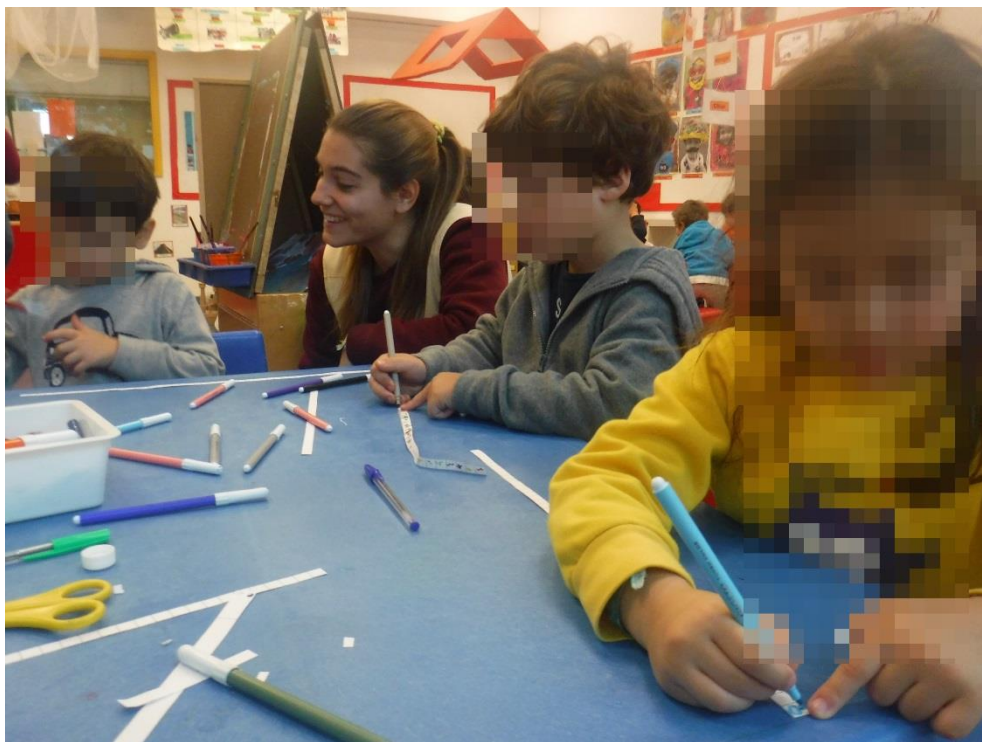
bolsa



Anexo R – Visita de um bebé à sala



Anexo S – Construção do gráfico



Anexo T – Construção do livro das famílias



Anexo U – Análise do gráfico



Análise do Gráfico obs
alturas com que nascemos

- Não nascemos com a mesma altura porque as fitas não têm o mesmo tamanho;
- A Martha era a bebé maior que todos. Media 54 centímetros.
- Existem meninos que nasceram com o mesmo tamanho: João, Mia e o Bernardo - 50cm.
- A Laura é tinha mais meio centímetro do que a Kelly quando nasceu.
- A Martha quando nasceu tinha mais 1 centímetro que o Tom.
- Ninguém nasceu com a mesma altura que a Francisca.
- A Martha é maior que o Diogo.
- O Francisco era o mais pequeno de todos. Media 38cm.

Anexo V – Atividade experimental: Porque é que os bebés gostam de estar na barriga da mãe?





Experiência Científica: Bebe na barriga da Mãe

Materiais:	Procedimentos:	O que pensamos Observar	O que observamos:
<ul style="list-style-type: none"> Água Balão Pesos de leggo História - Livro de apoio 	<ul style="list-style-type: none"> Colocamos a construção de leggos dentro do balão; Colocamos água dentro do balão e deixamos um no; Fizemos força com as mãos sobre o balão e a pesca que estava cá fora. 	<ul style="list-style-type: none"> Os leggos não ficaram molhados e o balão mudou; Os leggos dentro do balão se fizeram pressão até deslevar; Os leggos de fora também vai deslevar se fizermos força; 	<ul style="list-style-type: none"> Que a pesca dentro do balão não se deslevar; As pescas de fora deslevaram;

Registro Gráfico

O que descobrimos com a experiência

- O bebê faz xixi na placenta
- O cordão umbilical é o primeiro brinquedo do bebê.
- Dentro da placenta existe o bebê e um líquido que se chama líquido Amniótico.
- O líquido Amniótico protege o bebê.
- Quando o líquido sai da placenta significa que o bebê vai nascer, para conhecer o Mundo.
- Quando os bebês nascem eles só bebem leite da maminha da mãe ou do biberão.

Existem duas formas de nascer. Podemos nascer pela barriga da mãe ou pelo pipi da mãe.

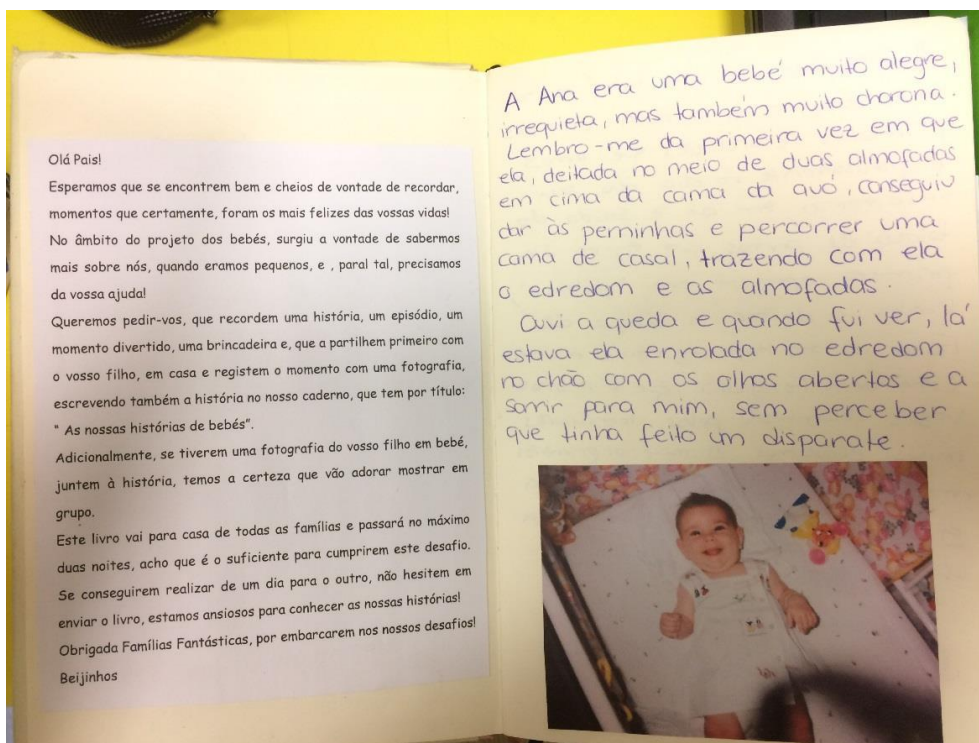
Palavras que descobrimos:

- líquido Amniótico
- Bisturi

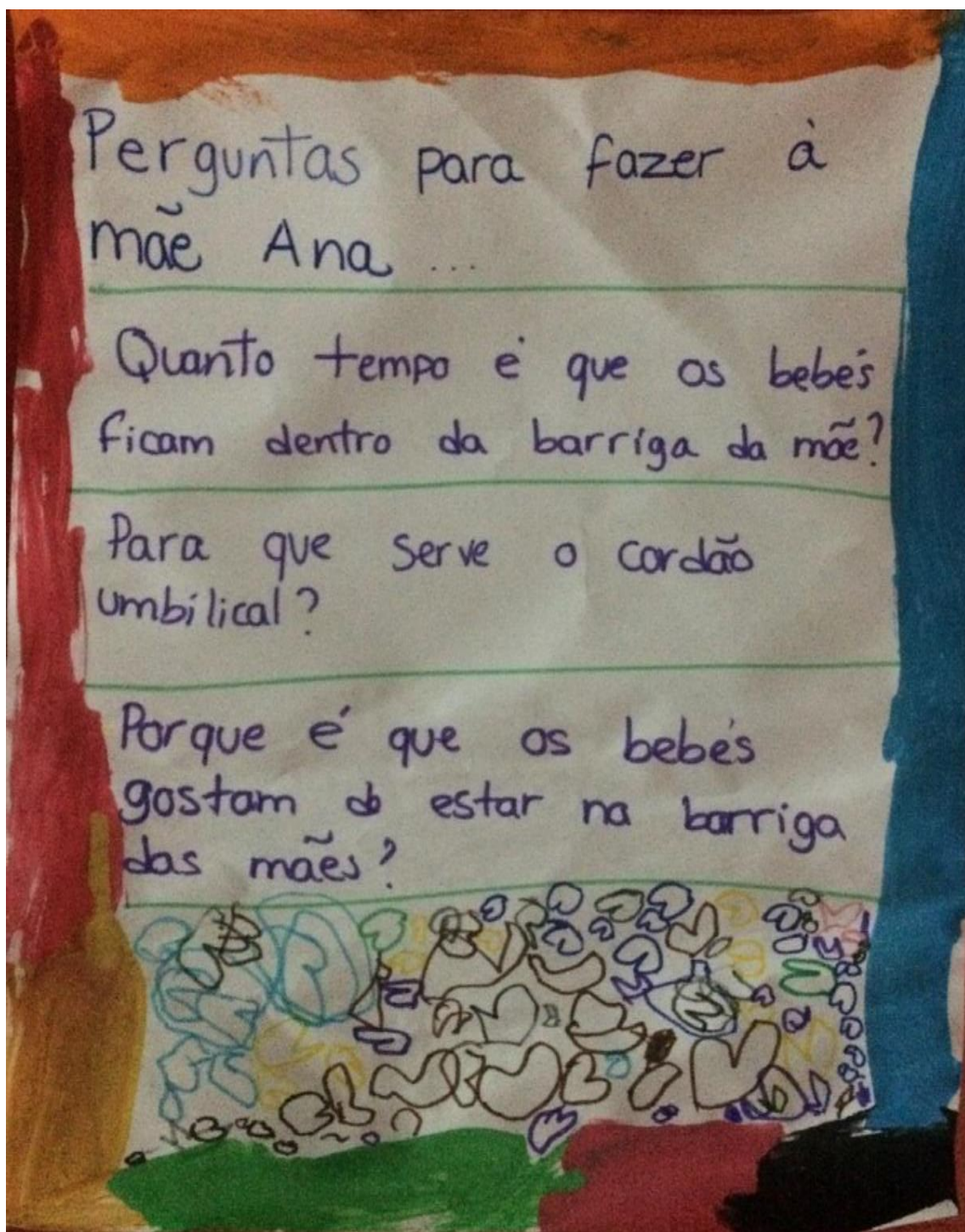
Anexo W – Construção de um bebê em 3D



Anexo X – Partilha das histórias do livro das famílias



Anexo Y – Construção das perguntas a colocar à mãe



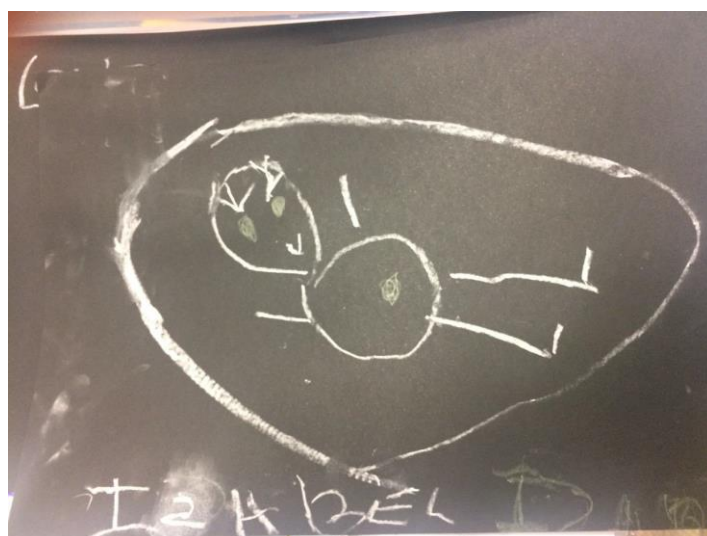
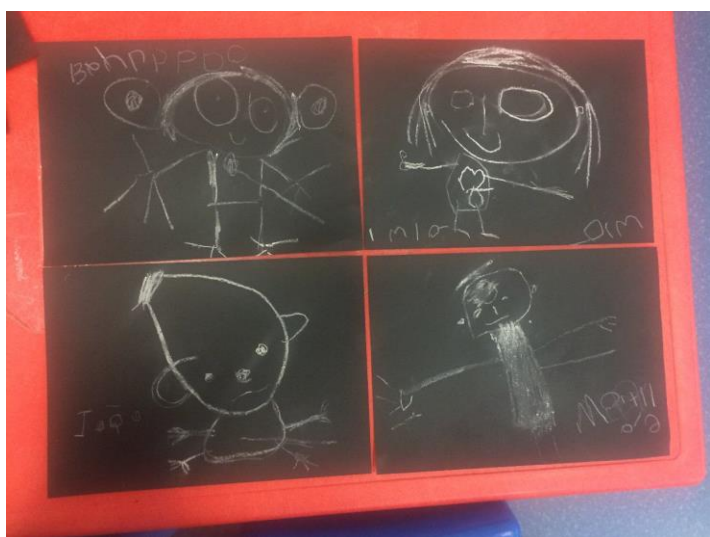
Anexo Z – Construção do livro do projeto



Anexo AA – Vinda da mãe à sala

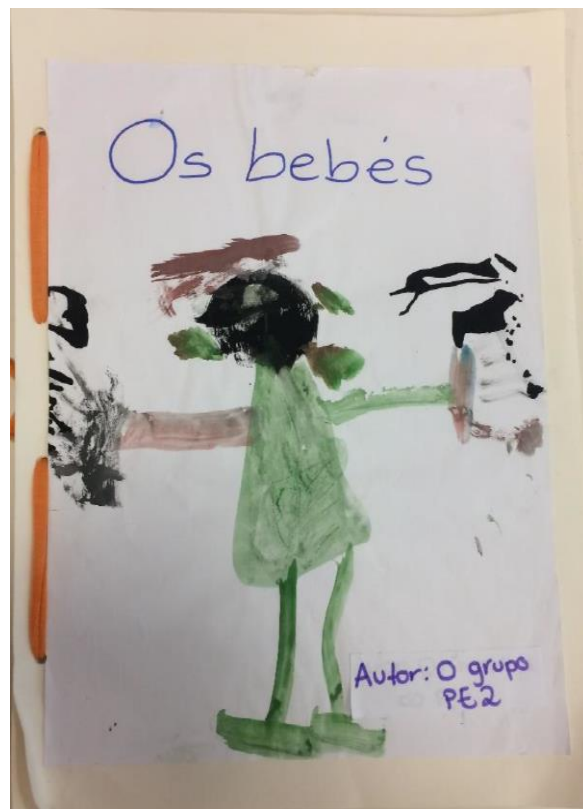
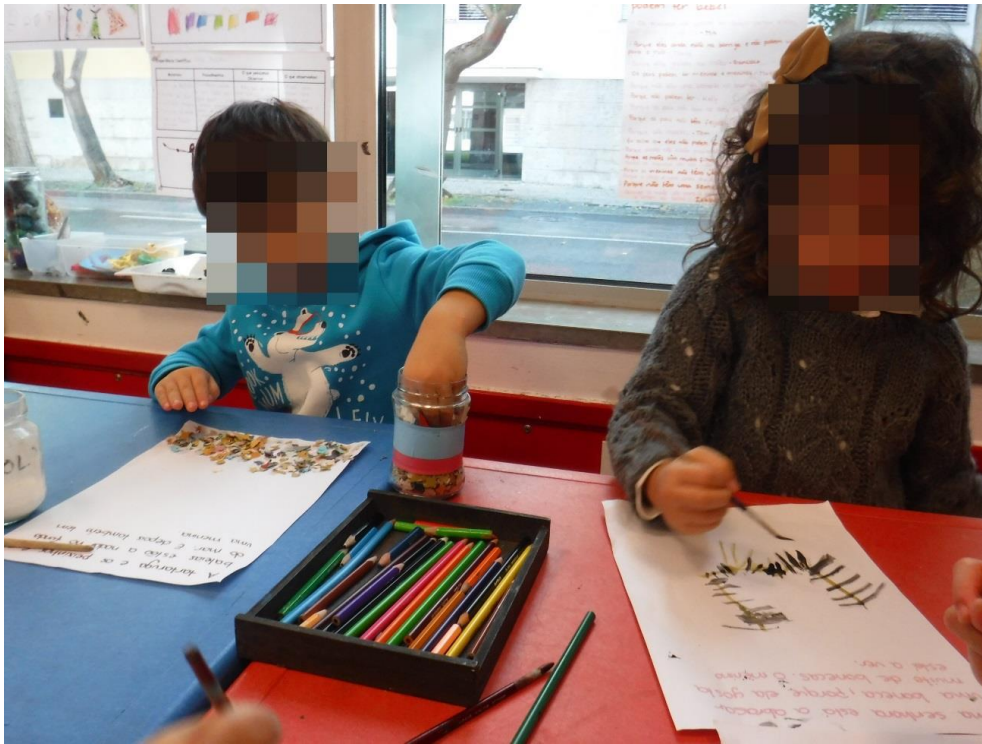


Anexo AB – Desenho da ecografia



Anexo AC – Construção da história pelas crianças





Anexo AD – Partilha do Livro do B.



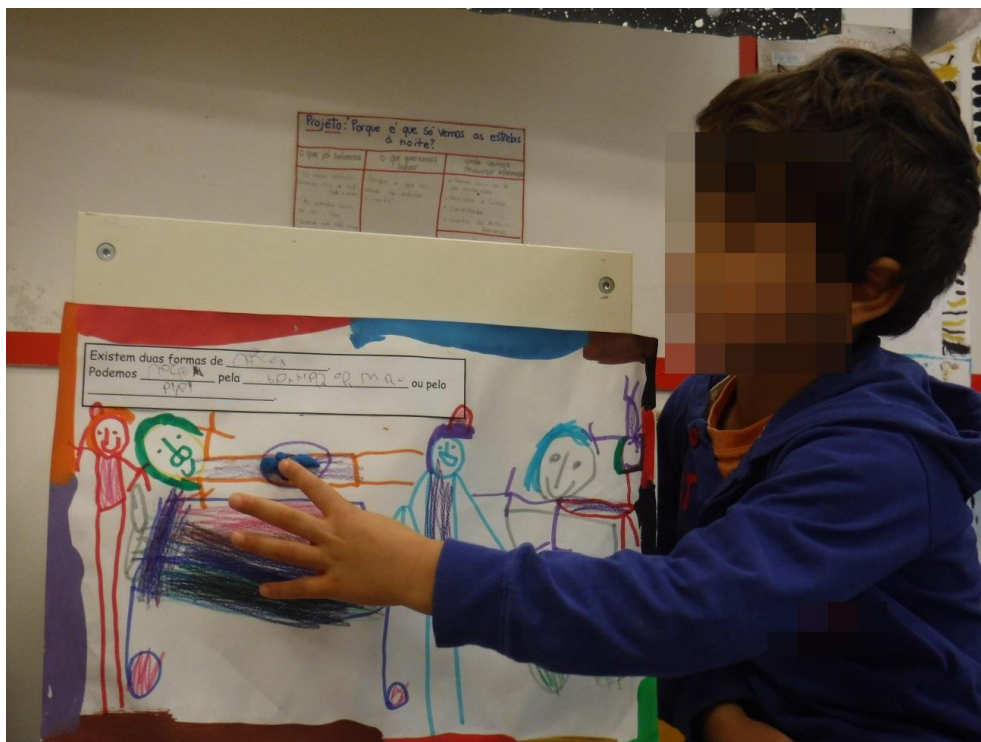
Anexo AE – Leitura da história “Há muitos bebês pelo Mundo”

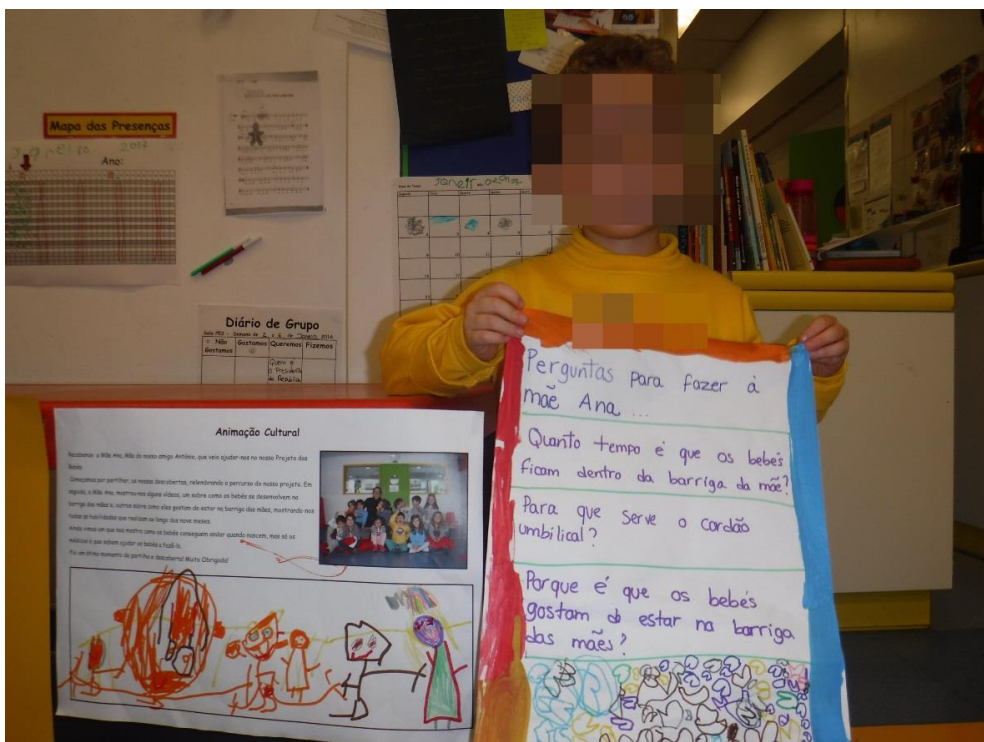


Anexo AF – Momento de comunicação



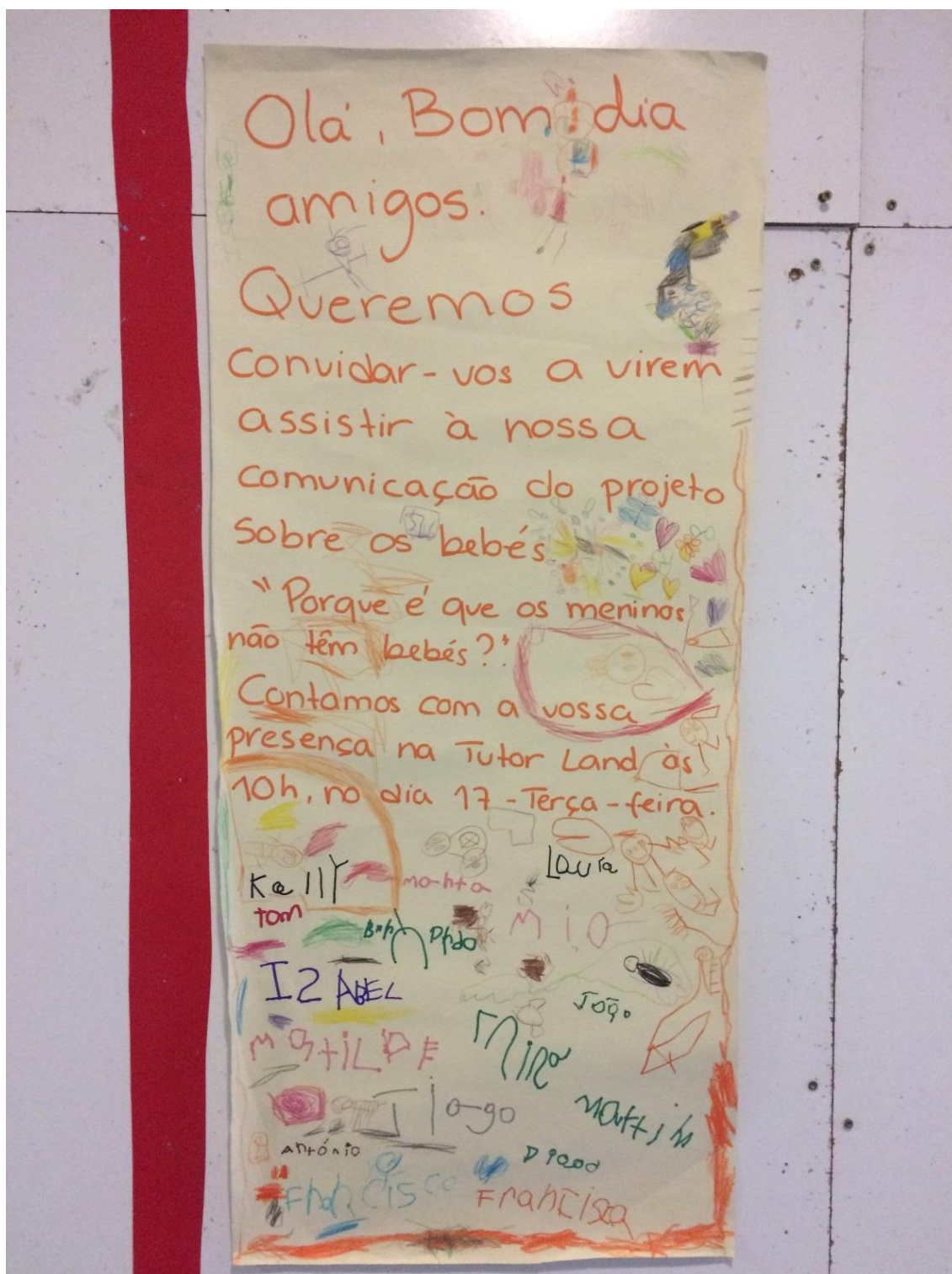
Anexo AH – Divulgação do projeto







Anexo A1 – Convite para a comunidade



Anexo AJ – Introdução do placar para o registo das construções



Anexo AK – Trabalho cooperativo: momentos de brincadeira

